Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1972 — N.º 17843 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

BOM TEMPO

Chorando, Diamantino Vizeu deu a volta à arena coberto pela bandeira nacional

O abraço comovido da esposa

A festa de despedida de Diamantino Vizeu, ontem à noite, no Campo Pequeno, caracterizou-se pelo brilho das lides e pelo sentimentalismo das cerimónias, bastante afectadas pela verbosidade (abusiva) do locutor Fialho Gouveia. O momento mais patético foi quando Diamantino, coberto pela bandeira nacional, deu a volta do adeus à arena: o matador chorou, emocionado pela apoteose de palmas. O corte da coleta foi feito pela própria esposa do toureiro, D. Iolanda, na presença de vários astros do passado e do presente, entre eles o grande rival Manuel dos Santos. (Pag. 8)

NIXON primeiro as armas

O presidente Nixon iniciou a campanha para a sua reeleição com a promessa de pôr a «defesa nacional» em primeiro lugar nos assuntos de Estado. Da Flórida à Califórnia — território conservador — Nixon percorreu ontem 6.500 km em 14 horas e fez quatro discursos diferentes perante um total de cerca de 35.000 pessoas. A deslocação ao Médio-Oeste foi a sua primeira viagem da campanha de 1972.

Em San Diego, no extremo sul da Califórnia, o presidente convidou a juventude a fazer da sua «nova maioria», fórmula e «slogan» eleitoral que engloba a «maioria silenciosa» de 1968, mais o voto dos jovens e dos democráticos dissidentes. Ao discursar numa grande base naval Nixon declarou, mais uma vez, que os Estados Unidos não podem permitir-se baixar para o nível de potência militar de segunda ordem e que a sua marinha deve manter-se soberana em todos os mares. No último discurso do dia, Nixon exclamou: «Mais quatro anos para quê?» E respondeu ele próprio: «Para que possamos continuar a nossa grande procura da paz». (Ani/FP/R/DL)

RESUMO

1) A China protestou junto dos Estados Unidos — sendo a segunda vez que o faz desde o início do bloqueio ao Vietname do Norte — por motivo do ataque de aviões americanos contra uma embarcação chinesa ao largo das costas norte-vietnamitas. O novo incidente foi mais grave, pois houve cinco mortos, quando nos primeiros incidentes (6,7 e 8 de Maio), só tinha havido feridos. **2) O jornal «Daily Mail» diz que, ao enviar a Londres o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, o presidente Pompidou «tentava um pouco de grosseira pressão diplomática — uma especialidade francesa que se encontra quase sempre na ementa do Mercado Comum».** 3)Foram apertadas as medidas de segurança em redor dos hotéis da Irlanda do Norte devido a uma vaga de atentados registada contra esse tipo de instalações. **4)O ex-presidente Juan Peron não respeita o prazo de regresso à Argentina, segundo o presidente Alejandro Lanusse, o qual avisou que o Governo fará incidir todo o peso da lei e das armas sobre os que tentarem «impor a sua vontade pela violência», acrescentando que não se apresentará nas eleições de 1973.**

AS DOENÇAS MENTAIS

MESA REDONDA

Vida psíquica e doenças mentais: como as encara? Como se tratam? No suplemento «Mesa Redonda» de hoje inserimos um debate promovido pelo DL em que participaram um psicanalista, dr. Francisco Alvim, um psiquiatra, dr. Afonso de Albuquerque,e um psicólogo, dr. Barrão Ruivo. Outros temas: «As frutas que (não) temos», agora na réplica de um pomicultor de Alcobaça; o problema das rendas de casa, com intervenções de José Poiares e G.N. Oliveira, as artes visuais em depoimentos de José Blanc de Portugal e Nuno Portas; e «A Crise da Imprensa Francesa» vista por Alcides de Campos.

HOJE: 32 PÁGINAS

DL /VIDA NACIONAL

FELICITAÇÕES AO CHEFE DO ESTADO

Uma representação da Marinha Mercante nacional, de que faziam parte nomeadamente os dirigentes da União de Sindicatos dos Oficiais, Mestrança e Marinhagem da Navegação Marítima e dos organismos que a constituem, esteve ontem à tarde no Palácio de Belém a apresentar cumprimentos ao Almirante Américo Thomaz manifestar-lhe o regozijo do sector profissional a que pertencem pela sua reeleição para a chefia do Estado e formular votos de felicidade para o seu novo mandato.

Na circunstância, usou da palavra o presidente da União, dr. Manuel Ramos de Sousa. «Se há a felicitar-vos por algo, Ex.ª — disse — e há decerto, não é pela eleição em si, mas sim pela deveras expressiva como fostesreeleito pelo colégio eleitoral, que tão bem soube traduzir, de modo tão significativo, o desejo de esmagadora maioria da gente portuguesa. E, assim, é que, pelo modo como agistes sempre nos vossos dois anteriores mandatos e pelo modo como fostes pela terceira vez consecutiva eleito, bem se pode afirmar serdes, na realidade, o Presidente de todos os Portugueses».

Mais adiante afirmou:

«Sabem, por isso, todos os portugueses que vos não espera, Ex.ª, mandato fácil, mas sabem, também, e disso ninguém duvida, que as dificuldades a enfrentar no triste mundo a que nos referimos, longe de vos assustar, antes vos fazem entrar na luta aliás como afirmaste oportunamente, «com pertinaz empenho de vencer». A vossa calma, a vossa paciência, a vossa persistência, o vosso saber desde o primeira hora afirmado, claro a todas as luzes, mas a cada passo conformado à luz de magnífica experiência adquirida ao longo de catorze anos de brilhante chefia da Nação, indicaram ao povo português, como a mais adequada das soluções possíveis para a reeleição do Chefe do Estado, a continuação de V.EX:ª no exercício da suprema magistratura da Nação. Por isso, vos elegeu de novo o povo português; por isso, vos elegeu, isto é, por esmagadora maioria, melhor se dirá, pela quase totalidade dos votos do seu colégio eleitoral».

E a terminar: «Sob a vossa sábia chefia, sejam quais forem as dificuldades a enfrentar, venceremos pois e, unidos, continuaremos Portugal. E ao concluir este mandato tereis razão de, recordando Camões, perguntar o que será mais excelente, se ser do Mundo Chefe, se de tal Gente».

PALAVRAS DO CHEFE DO ESTADO

Num breve improviso lembrou o almirante Américo Thomaz que, que como presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante, pôde apreciar directamente a dedicação de todos os homens ligados ás suas actividades. A esse pessoal ficou o nosso país a dever a subsistência nos anos dolorosos e terríveis da II Grande Guerra Mundial.

Terminadas as suas palavras, o Presidente da República convidou os visitantes a passarem ao terraço, onde conversou com todos durante largo tempo, e lhes ofereceu um cálice de Porto.

Alexandre Pinto Basto

Faleceu ontem, em Lisboa, o dr. Alexandre Pinto Basto, que era presidente honorário da Companhia dos Caminhos de Ferro de Benguela, depois de ter presidido anteriormente, durante vários anos, ao respectivo conselho de administração.

As condições surpreendentes da sua personalidade de homem de acção, deram ao dr. Alexandre Pinto Basto lugar de especial relevo na sociedade do seu tempo.

Nasceu em Lisboa, em 1895. Foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa e deputado da Nação. Presidente do conselho geral da casa E. Pinto Basto e C.ª Ld.ª, presidiu também a outras importantes empresas nacionais.

Possuía numerosas condecorações nacionais e estrangeiras. O sr. dr. Alexandre Pinto Basto era casado com a sr.ª D. Maria Teresa d'Orey Pinto Basto, irmão da sr.ª D. Vera Maria Pinto Basto Ribeiro da Cunha e pai do sr. dr. António Eduardo Pinto Basto, casado com a sr.ª D. Maria da Conceição Mello Pinto Basto; da sr.ª D. Maria Teresa Pinto Basto Leitão, casada com o sr. Joaquim Leitão; e da sr.ª D. Maria Madalena Assunção Pinto Basto Gouveia, casada com o sr. dr. Afonso Gouveia.

O funeral realiza-se hoje às 10 horas, da Igreja da Estrêla para o cemitério dos Prazeres.

MESA-REDONDA SOBRE CAMBIOS E RELAÇÕES FINANCEIRAS INTERNACIONAIS

Uma mesa-redonda sobre temas financeiros internacionais, promovida pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa em colaboração com a A. M.A (American Manegement Association», sua afiliada na Europa, está a decorrer no Hotel Ritz, com a presença de técnicos estrangeiros e portugueses. A reunião ontem começada terminará ao fim da tarde de hoje.

O objectivo desta mesa-redonda é permitir que os especialistas se debrucem sobre «Assuntos cambiais e relações financeiras internacionais», numa altura em que o panorama das relações monetárias internacionais se reveste de grande actualidade. Por esse motivo se debatem temas que podem trazer rápida resolução ao problema das paridades actuais, possibilidades de desvalorização e revalorização, estabelecendo uma revisão sistemática e profunda dos mesmos e das suas implicações em relação ao comércio europeu internacional.

REX-ROTARY imprimirá uma montanha de informações nos Jogos Olímpicos de Munique

Se, os 44 milhões de folhas de papel que **REX-ROTARY** imprimirá durante os 15 dias dos Jogos Olímpicos de Munique, fossem arrumadas umas sobre as outras, esta pilha atingiria a altura do Monte Branco!

Postas a seguir umas ás outras, cobririam 12.780 Kms quase a distância de pólo a pólo!

Os 44 milhões de folhas de papel pesam 220 toneladas!

A solução que **REX-ROTARY** vem dar ao problema das comunicações nos Jogos Olímpicos será a sua quando escolher o seu equipamento. O trabalho a efectuar exige de **REX-ROTARY** uma extraordinária flexibilidade garantia de que ele poderá igualmente resolver os seus problemas de comunicação. Os resultados únicos do trabalho de **REX-ROTARY** vão contribuir para a sua decisão!

Representantes exclusivos:

Estabelecimentos M. Simões Jr., S. A. R. L.

Rua da Conceição, N.º 46 — Lisboa. Telef. 36 15 45/6/7/8

XVI FESTIVAL DE SINTRA

De 8 a 30 de Agosto

Amanhã, 26 — 21,45 horas

Concerto de Música de Câmara

Palácio Nacional de Queluz

ENSEMBLE INSTRUMENTAL DE FRANCE

11 instrumentistas de cordas e um cravista — todos jovens

PRIMEIROS PRÉMIOS DO CONSERVATÓRIO DE PARIS

— Programa —

Sonata para os violinos	BOISMORTIER
Concerto em sextuor n.º 3	RAMEAU
Concerto op. 26 n.º 4 (para 4 violinos)	AUBERT
Concerto op. 10 n.º 3	Jean-Marie LECLAIR
Sinfonia a quatro, op. 6 n.º 5	GOSSEC

Próximo espectáculo: Dia 28 (2.ª-feira), 21,45 horas
CONCERTO DE MÚSICA VOCAL
Palácio Nacional de Sintra
QUARTETO DE MADRIGALISTAS DE MADRID
Direcção: Lola Rodriguez de Aragon
Música espanhola dos séculos XVI e XVII (Cancioneiro de Upsala, Cancioneiro Musical do Palácio e Cancioneiro de Sablonara)

Os bilhetes vendem-se na Agência da S. E. I. T., Restauradores, Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra, tel. 98 11 57. No dia do espectáculo, a partir das 20 horas, no local onde se realiza.

Os transportes, de ida e volta, estão assegurados com partida de camionetas do Marquês de Pombal.

NOVAS PROFISSÕES

Secretariado — (especialmente indicado para as alunas que concluíram o 2.º ou 3.º ciclo dos liceus) — cursos diurnos e nocturnos, com especialização em Secretárias de Direcção, Recepcionistas e Documentalistas.

Turismo — com Guias-Intérpretes (oficialmente aprovado pelo Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira).

Cinema e TV—o único até agora criado em Portugal.

Superior de Organização e Gestão de Empresas — especialmente indicado para os alunos que, tendo como habilitação o 3.º ciclo liceal ou equivalente, querem enveredar pelo sector empresarial, a nivel médio ou superior.

Superior de Relações Públicas e de Publicidade — para os alunos que, tendo como habilitação o 3.º ciclo liceal ou equivalente, pretendem dedicar-se, a nivel médio ou superior, a uma acção profissional fundamentada nas ciências e técnicas de comunicação.

Todos estes cursos foram oportunamente aprovados pelo Ministério da Educação Nacional.

INFORMAÇÕES

INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES

av. duque de loulé 47 1º tel 55 53 19 - 55 60 11 lisboa-1

ARCAS CONGELADORAS

8 MODELOS DIFERENTES DE 170 A 850 LITROS

ALTA QUALIDADE. BAIXO PREÇO

NOVIMPORTA

Centro Comercial de Importação, Lda.

Estrada da Luz, 173 A a D — Tel.: 78 26 94

LISBOA

HELGA

O SEGREDO DA MATERNIDADE

(Versão integral)

FILME EDUCATIVO DE CARACTER DOCUMENTAL CIENTIFICAMENTE ELABORADO

Falado em português

Realização de **Erich F. Bender**

Protagonista: **Ruth Gassmann**

Distribuição de FILMES LUSOMUNDO

A PARTIR DE HOJE ÁS 21,45 VOX

maiores de **21** anos

ENG. PEDRO MARTINS DA SILVA

O ENSINO EXPERIMENTAL

A pesquisa, definida como a actividade de melhorar o conhecimento, solucionar criar nova compreensão da realidade, é tão antiga como o Homem.

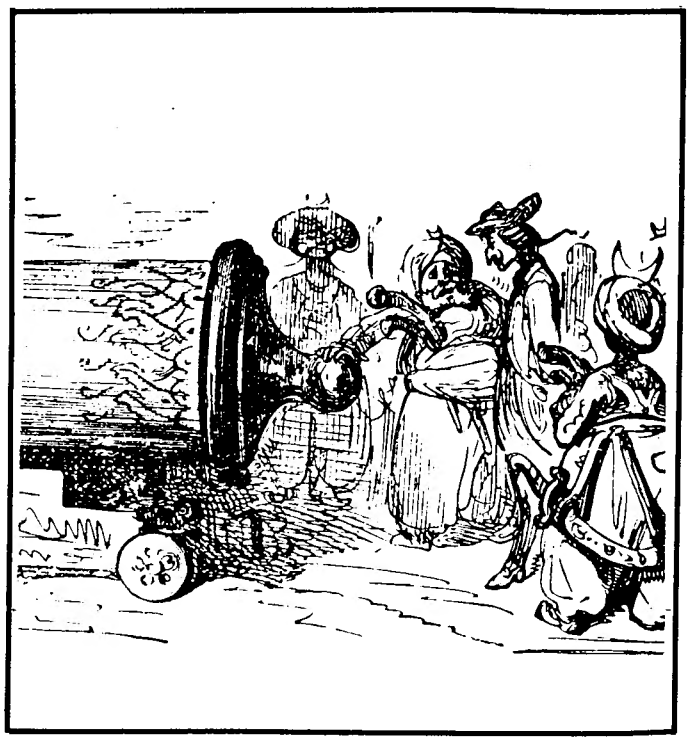
Desde sempre ele utilizou (com mais ou menos sucesso) para resolver os problemas que lhe eram postos, tentando constantemente desenvolver métodos sistemáticos de solução.

Todas estas **«tentativas»** conduziram ao **«método científico»**, como se encontra estabelecido e aos processos actuais de pesquisa.

O aspecto da pesquisa que focamos particularmente é o da obtenção e tratamento da informação de carácter empírico, colhida através da experimentação e que representa o meio de ascender de uma «moldura» de conceitos teóricos á solução real de problemas específicos.

Não é admissível pôr em dúvida o valor da experimentação, método científico sistemático que pode distinguir-lhe da observação simples dos factos naturais por basear-se em hipóteses (donde são deriváveis consequências diversas) e por organizar metódicamente séries de ensaios dentro de condicionamentos bem determinados.

Colocando o fenómeno á escala dos meios disponíveis, produzindo-o no momento desejado e repetindo-o ás vezes necessárias, o valor e potencialidade da experimentação surgem naturalmente.



Ensino experimental!

Reconhece-se, sem dúvida que a experimentação é uma arte, em cuja prática não se pode desconhecer a importância de uma «tradição artesanal». Apesar disto e embora apresente dificuldades de ordem vária, é possível estabelecer as linhas mestras de uma estratégia da experimentação que podem (e devem) ser transmitidas pelo ensino.

Estes ensinamentos, estas «sementes», poderão contribuir muito eficazmente para que surjam ao longo da carreira do pesquisador, os frutos apetecíveis de um conjunto de «instintos» individuais e sociais que lhe permitam tornar-se um experimentador válido.

Infelizmente a actividade do ensino por via experimental, para além das dificuldades de que se reveste, é, muitas vezes, encarada por grande parte dos discentes (e por alguns docentes) como uma «actividade menor», não merecedora de grande investimento de esforço.

É reduzida á realização de alguns «trabalhos», simples representações feitas sem consciência, donde não advém qualquer proveito para o aluno que as realiza. Pelo contrário, podem contribuir para cimentar nele a descrença na validade da experimentação, fomentando talvez também um gosto pela «improvisação» com que não pode compadecer-se uma pesquisa que necessita (como condicionante do seu progresso) ser organizada.

Cabe aqui uma nota de óptimismo relativamente ao que está a verificar-se na actualidade, pois as reformas introduzidas nalguns cursos em que a actividade experimental assume bastante importância mostram reconhecê-la efectivamente contemplando-a como merece. Oxalá todos o saibamos aproveitar.

Opinião

UM EXEMPLO QUE VEM DE QUELUZ

Promovida com vista à apreciação e discussão de certos problemas específicos, a recente reunião entre comerciantes de Queluz, Belas e Agualva-Cacém e o administrador do Bairro de Queluz, suscita, em todo o caso, algumas considerações que supomos de interesse mais lato. Ali se tratou de problemas da ocupação da via pública com a exposição de artigos diversos, ali se discutiram problemas de passagem de licenças, casos de vistorias, etc., etc. A discussão foi útil, algumas promessas se fizeram, mostrou-se disposição de cumpri-las, e, que mais não acontecesse, ficou a agradável novidade do diálogo pacífico e directo com uma autoridade administrativa, sem balcões ou postigos a separar.

Ora, se não estamos a entrar de velas pandas nos mares da fantasia, parece-nos que seria extremamente proveitoso alargar o princípio de reuniões deste género a outros sectores da administração, especialmente aqueles que, pela natureza das funções, têm acção directa no público e são mais frequentemente procurados por ele. Seguindo este caminho, acreditamos que muitas incompreensões se diluiriam, muitas demoras burocráticas se abreviariam, muitas reclamações teriam rápida satisfação.

Objectar-nos-ão que os orgãos administrativos (juntas de freguesia, câmaras municipais, repartições de finanças, administrações de bairro, etc.) não podem consumir o seu tempo em reuniões porventura demoradas, talvez palavrosas, quem sabe se incoerentes, e que, por outro lado, a representação do público está feita, pelo menos em alguns casos, através de actos eleitorais de maior ou menor participação. Responderíamos lembrando quanto é frequente caírem certos orgãos administrativos, depois de eleitos e instalados, numa actividade morna, de fogo lento, em que a função pretende justificar-se por si mesma, sem ligação com o mundo exterior ou suportando-o como uma realidade incómoda que não pode ser eliminada. Nunca será de mais insistir na verdade comezinha de que a participação será tanto mais útil quanto mais geral: o exercício faz o músculo, o pensar faz o pensamento... Por isso, muito conviria que se pusésse de lado o preconceito de casta que frequentemente toma conta de quem exerce funções públicas e que transforma servidores da colectividade em superiores e desdenhosos senhores dela.

Ao nível das juntas de freguesia, por exemplo, cremos que seria de apaixonante interesse humano e de mais que certo proveito a promoção generalizada de reuniões periódicas entre os habitantes e a sua junta. Após um possível período de confusão verbal, de equívoco de interesse, em que o particular procuraria sobrepor-se ao geral, entrar-se-ia certamente numa atmosfera de colaboração mútua, de exposição franca, de requerimento bem intencionado. E não seria surpreendente se nessa confrontação se revelassem elementos úteis para o futuro, inteligências claras e decididas vontades.

Ao povo português têm sido assacados alguns defeitos, sempre de um ponto de vista pouco crítico, e, quando se trata de exaltar virtudes, nem sempre também a objectividade é respeitada. De certo modo, diríamos que a prova desses defeitos e dessas virtudes ainda não está totalmente feita. E, se não erramos, a generalização do principio que levou a esta reunião de Queluz seria um excelente meio de fazer em definitivo essa prova. Mas como não se trataria de simples experimentação laboratorial, logo se veria que nos encontrávamos diante de um óptimo instrumento de trabalho.

QUEM ESCOLHE E QUEM SE ESCOLHE?

Por ARTURO USLAR-PETRI

O golpe de teatro que a súbita eliminação do senador Thomas Eagleton representou, da proclamada candidatura democrática á vice-presidência dos Estados Unidos, é um desses acontecimentos cujo efeito de choque se prolonga no tempo, antes de fazer aflorar toda a intricada gama das suas implicações.

Muito haverá que dizer sobre o estúpido emaranhado de interesses políticos que se moveram para a sua inesperada designação e sobre o não menos absurdo e poderoso movimento que, por sua vez, o conduziu á mais rápida auto1imolação. Todo o complexo fenómeno do aparecimento de McGovern dentro do Partido Democrático se vai complicar ainda mais com a valorização, assimilação ou interpretação deste grave e inusitado facto. Vai ser posto em debate o seu amadurecimento, a sua capacidade para tomar decisões a sua escala de valores, numa palavra, o seu critério.

O que está colocado no fundo de tudo isto, de uma maneira mais brutal que dramática, é não só a natureza da luta pelo poder em todas as latitudes, a incrível falibilidade dos que exercem o mando, e a imperfeição, mesmo nos países mais desenvolvidos, do sistema de escolha e de decisão, mas o próprio problema do exercício da escolha.

O mundo moderno tem visto crescer continuamente os métodos da selecção de pessoal, a todos os níveis. Nos países industriais, o recrutamento de pessoal é o resultado de numerosos testes de conhecimentos, aptidões e capacidades, que vão da velocidade de reflexos aos índices da inteligência; mas é evidente que esta refinada técnica também falha e deixa de cumprir-se ao aproximar-se dos níveis superiores de comando e poder.

Está por escrever ainda o proveitoso livro que nos relate as formas e os motivos realmente utilizados para que os dirigentes supremos chegassem a alcançar essas posições elevadas. Seria então possível ver todo o acumulado de contradições de simplificações e de incríveis azares e incidentes, que está presente na grande maioria de todos esses processos. Um homem preparado para a organização militar converte-se em dirigente financeiro; um lutador, formado na escola da guerra irregular, torna-se chefe de Estado e padrão de uma política; um banqueiro pode terminar Presidente da República, um poeta transforma-se em líder político ou o fracassado fundador de uma fábrica de camisas no sucessor de Roosevelt.

Quais são as credenciais e as qualificações de um homem indispensáveis para que se lhe entregue o mando, e, especialmente, o poder supremo? Se observarmos com objectividade a história e as instituições constitucionais dos países poderosos, são bem escassas e vagas. Que mecanismos determinaram que a sucessão de Lenine recaissem em Estaline, ou para suceder a De Gaulle, Pompidou, ou para substituir De Gásperi toda essa interminável série de chefes de Governo italianos, ou para suceder a Nasser se encontrasse El-Sadat? Receio que a resposta possa ser excessivamente óbvia e muito mais decepcionante que a pergunta. Não se lhes deu o mando, tomaram-no. Chegaram ao poder por mero reconhecimento do poder que representavam. Não se lhes deu nada: o poder já o tinham.

A chegada de um homem ao poder é um processo bastante obscuro e pleno de mistérios. Como explicar que o quase desconhecido George McGovern se tivesse convertido tão súbitamente no candidato democrático á Presidência passando por cima de aspirantes melhor situados e mais qualificados do que ele?

Esta confusa e delicada questão é a que emerge insolúvel do fundo da crise que acaba de surgir. Fala-se, no lamentável caso de Eagleton, de problemas de saúde mental. Se se fosse a adoptar como norma para um cargo de autoridade suprema, a exigência de um certificado de normalidade e equilíbrio mental, haveria que perguntar primeiro quem teria capacidade para o passar e quem estaria em condições de o receber com toda a propriedade? Os progressos da ciência psicológica vão convertendo cada vez mais num mito remoto o conceito de normalidade mental. Tal como na saúde física, na mental todos vivemos em variados graus de equilíbrio entre a enfermidade e a saúde. Não há ninguém em quem se não possa encontrar, ou não seja possível encontrar qualquer forma de neurose. Freud divertiu-se muito quando escreveu a psicopatologia da vida quotidiana, e Jules Romains lançou no seu «Doutor Knock» a inesquecível advertência de que a saúde era uma situação transitória e frágil que não nos ressagiava nada de bom.

Nunca será possível obter semelhante prova ou garantia e, talvez por duas razões fundamentais e iniludíveis: a primeira é que é cada vez mais evidente que não são os homens que chegam ao poder, mas sim o poder que chega aos homens de uma forma obscura e quase indetectável e sempre será tarde demais para o provar; a segunda é que, se chegasse a ser possível escolher um chefe de Governo, de maneira tão severa e eficaz como a que hoje se utiliza selecção de encarregado de mecânica também seria inoperante, porque nessa altura já o poder estaria nas mãos de quem escolhe. Escolhe quem pode. Mas, quem e a quem?

Senador Eagleton

DL/GERAL

EXPOSIÇÃO EM MADRID DE PRODUTOS PORTUGUESES

Do Fundo de Fomento da Exportação, através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos a seguinte nota:

«Dentro do programa de apoio à exportação nacional, realizar-se-á em Madrid uma exposição de produtos portugueses.

Trata-se de uma iniciativa da Câmara de Comércio Luso-Espanhola, que contará com o apoio do Fundo de Fomento de Exportação. Integra-se esta realização nun conjunto que se destina a incrementar as exportações portuguesas.

Esta exposição realizar-se-á em meados do próximo ano de 1973.

Não têm, assim, fundamento, as notícias recentemente divulgadas pelos meios de informação de que teria lugar em Setembro próximo com a presença do Sr. Ministro das Finanças e Economia.»

FISCALIZAÇÃO DE CONSTRUÇOES

Acentua-se, num diploma do Ministério das Corporações inserta no «Diário do Governo» (1.ª série n.º 197):

«Com o objectivo de promover a execução das obras necessárias à conclusão do edifício destinado à instalação dos serviços do Ministério das Corporações e Previdência Social foi oportunamente criada a Comissão das Novas Instalações daquele Ministério, cujo regulamento foi aprovado por despacho de 10 de Fevereiro de 1961, publicado no «**Diário do Governo**», 2.ª série, n.º 46, de 23 do mesmo mês e ano.

Mais tarde, vieram a ser sucessivamente confiados à Comissão certos empreendimentos respeitantes a organismos dependentes do referido Ministério, designadamente a construção de sedes de instituições de previdência social. Com a presente portaria sanciona-se esta orientação que há muito constitui já uma situação de facto.»

Assim, a portaria ora publicada cria a Comissão dos Edifícios de Organismos Dependentes do Ministério das Corporações e Previdência Social e extingue a Comissão das Novas Instalações do mesmo Ministério.

A Comissão tem por finalidade promover, orientar e fiscalizar a construção, remodelação e conservação de edifícios para instalação de organismos dependentes do Ministério das Corporações e Previdência Social e, ainda, sempre que a origem dos recursos utilizados legalmente o permita, de serviços próprios do Ministério.

Sempre que seja necessário, os organismos e entidades devem solicitar o apoio técnico da Comissão na realização das obras, sem prejuízo da acção coordenadora da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família relativamente às caixas federadas.

COMANDANTE-CHEFE DE ANGOLA

LUANDA, 24 — (ANI. L) — «Esta guerra não será ganha apenas pela acção militar», afirmou ontem à tarde o general Joaquim Luz Cunha, ao tomar posse do cargo de comandante-chefe das forças armadas em Angola, substituindo o general Costa Gomes.

«Ela é indispensável, mas o exito só será alcançado se à acção militar se associar, com igual deliberação em esforço em todos os outros sectores».

Além do governador geral, coronel Rebocho Vaz, estavam também presentes na cerimónia, que decorreu no salão nobre da Fortaleza de São Miguel, as entidades mais representativas de Angola.

«Vamos trabalhar todos, dedicadamente, com generosidade, com perseverança e com fé, pela aceleração do progresso de Angola e da promoção e bem estar de toda a sua população. Só assim se conquistará a paz, a verdadeira e legítima paz que todos ambicionamos»

O general Costa Gomes, que falara em primeiro lugar, salientou que «A renovação constante da vida e a necessidade de introduzir ideias e processos novos nos comandos ou chefias, que planeiam, coordenam e dirigem as actividades humanas, aconselham a que, de tempos a tempos, se substituam os comandos ou chefes responsáveis», acrescentando que era «com muita satisfação» que transmitia o «honrosíssimo comando» ao general Luz Cunha, pois pensa que o ilustre militar que já foi ministro do Exército, reune todas as condições para o poder desempenhar com dignidade, eficiência e brilho».

A cerimónia, realizada na fortaleza de S. Miguel, teve a presença do governador-geral de Angola, coronel Rebocho Vaz, secretários provinciais de Saúde e das Comunicações, comandantes do três ramos das Forças Armadas e dos sectores independentes.

NOVO PROFESSOR NO INSTITUTO DE FÍSICA

Para dirigir um grupo de investigação, vai ingressar no Instituto de Física e Matemática o prof. Hugo Reinhardt Beirão da Veiga, que acaba de obter a classificação máxima na tese de «Doctorat d'Etat» na Faculdade de Ciências de Paris e a inscrição na lista dos estrangeiros que podem ensinar nas universidades, seguida de convite para leccionar naquela escola, que declinou.

O prof. Beirão da Veiga licenciou-se em 1965 em Ciências Matemáticas pela Faculdade de Ciências de Lisboa, tendo partido, em seguida, para Itália, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura. Naquele país trabalhou em Teoria das Equações Derivadas com o prof. G. Stampacchia, um dos maiores matemáticos da actualidade, e foi convidado pelo Consiglio Nazionale della Richerche, na qualidade de professor visitante, para a Escola Normal de Pisa.

Tem publicados, além da tese de doutoramento, as suas memórias e diversos artigos de investigação.

COIMBRA

CURSOS INTENSIVOS PARA PROFESSORES

Nas Faculdades de Letras e de Ciências decorrem as aulas dos Cursos Intensivos da Universidade, destinados a professores eventuais ou provisórios do Ciclo Preparatório do ensino técnico e liceal oficiais.

Estão inscritos vinte s sete alunos em Letras e vinte e dois em Ciências.

Matrículas

Na Secretaria da Universidade serão recebidos os boletins de matrícula e inscrição, devidamente preenchidos e selados e mais documentos, dentro dos prazos que vão indicados, mesmo que a inscrição respeite a disciplinas professadas no segundo semestre:

FACULDADE DE FARMACIA — Licenciatura em Farmácia, dias 2 a 6 de Setembro.

FACULDADE DE MEDICINA — Licenciatura em Medicina, de 4 a 10.

FACULDADE DE CIÊNCIASETECNOLOGIA — Cursos de Engenharia e licenciaturas em Matemática, de 5 a 10; Licenciaturas em Física, Química, Geologia, Biologia e Engenharia Geográfica, de 11 a 16.

FACULDADE DE DIREITO — Licenciatura em Direito, Curso Complementar de Ciências Jurídicas e Curso Complementar de Ciências Político-Económicas, de 13 a 22.

FACULDADE DE LETRAS — Licenciaturas em Filologia Clássica, Filologia Românica, Filologia Germânica, História, Geografia, Filosofia, de 8 a 15 e Ciências Pedagógicas, de 15 a 22 de Setembro.

«Feira dos vinte e três»

No recinto próprio, na Guarda Inglesa, em Santa Clara, decorreu a antiga e tradicional «Feira dos Vinte e Três», que costuma ser a maior do ano, pois ali se realizam avultadas transacções.

Nesta feira aparece sempre gado bovino, ovino cavalar e caprino e, embora também suinos, estes sempre em menor número por haver uma coincidente feira especial.

A feira deste mês coincidia com a abertura, no dia 24, da Feira de São Bartolomeu, uma das maiores que se faziam no Centro do País e onde apareciam feirantes de ourivesaria, relojoaria, cutelaria, caldeireiro, chapelaria, quinquilharias, fazendas além das muitas barracas de divertimentos e comidas e bebidas. Fazia-se, também, juntamente, a «Feira das Cebolas», que no entanto, ainda se mantém.

Quanto ao resto, deixaram morrer tudo, e a feira depois de entrar em declínio, morreu mesmo.

Festas tradicionais

Na Pedrulha decorrem, de amanhã a terça-feira as festas em honra de Nossa Senhora da Piedade, cujo programa inclui, no sábado, a chegada dos «Zés Pereiras»; no domingo a Filarmónica Associação Musical da Pocariça percorrerá as ruas da povoação: missa cantada e sermão na igreja, às 12 e 30 e às 16 horas procissão, que percorrerá todas as ruas do lugar. À noite haverá um arraial, com um conjunto musical e, por último, fogo de artifício. Durante as festas, haverá arraiais e missas.

Problemas debatidos pelos rotários

Na reunião do Rotary Clube de Coimbra, presidida pelo sr. Alberto Mourão, esteve presente o sr. dr. Alberto Maia Costa, do Clube de Cascais-Estoril (que tem ali a classificação de «ensino superior»).

Apresentados diversos assuntos, os srs. eng.ºs Brasílio da Fonseca e Augusto Lopes falaram da **subalimentação** de grande parte da população do Globo, assinalando, em especial, os factores que a condicionam no nosso próprio País.

Depois, o sr. Daniel Soares referiu-se ao decreto do Governo sobre a defesa da vida privada do homem; e sobre esse problema ouviram-se opiniões dos srs. Francisco Falcato, Teixeira Lopes, Maia Costa, etc. Como este assunto interessa à comunidade nacional, considerou-se que havia motivo para se estudar melhor o problema, ouvindo-se, noutra oportunidade, as opiniões de juristas sobre o caso apresentado.

PRESO O AGRESSOR DO PRESIDENTE DA CÂMARA DE VIANA

Por não ter prestado a fiança de 10 mil escudos, que lhe foi arbitrada, recolheu à cadeia de Viana do Castelo o marítimo holandês Carl Wilhem, que no passado domingo agrediu a soco o dr. João Correia Botelho, presidente da edilidade vianense.

Sabe-se que aquele súbdito holandês não é um marítimo vulgar, mas sim imediato num barco. Namora uma criada de servir daquela cidade e veio propositadamente de avião para a visitar.

No dia do incidente fora agredido na via pública por um indivíduo que desconhece e viajava num automóvel, o qual lhe danificou uma máquina fotográfica. Este facto deve-o ter perturbado bastante, a ponto de ser capaz de praticar a agressão.

PROVÍNCIA

AVEIRO
É preciso acolher o "turista Português"!

Uma noite destas, fomos surpreendidos por um espectáculo, no Rossio que de forma alguma pode passar em claro, sem nos merecer um comentário por considerarmos o facto indigno duma cidade que, por direito próprio (não nos cansaremos de o proclamar), se guindou ao escalão maior das cidades portuguesas.

Foi o caso de uns excursionistas do Sul do País, em passeio por estes lados, e porque os seus magros recursos não permitiram (e nem permitem) o aluguer de uma cama confortável em qualquer unidade hoteleira, estenderem uns cobertores no chão poeirento, duro e irregular, montando alguns deles umas doze barracas, do tipo mais pobre que se possa imaginar.

Esta maneira de fazer turismo poderá não ser aprovada por toda a gente; e poder-se-á invocar que «quem não tem dinheiro não tem vícios ou fica em casa». Certo! Mas que estes portugueses têm os mesmos direitos dos que podem movimentar-se pelo país da maneira mais confortável isso é que inegável! Mas, adiante porque o que aqui nos trouxe foi o de deplorar aquela cena em local dos mais centrais da cidade...

Aveiro não tem (apesar de grande alarido que em tempo se fez) um parque de campismo onde os «turistas portugueses» também pudessem pernoitar em razoáveis condições. Mas o sr. Augusto Martins, carpinteiro, e um dos excursionistas, lembrou-nos:

— Aveiro tem possibilidades como nenhuma outra terra em nos receber de maneira diferente. Conheço o parque da cidade, magnífico mas que á noite, não tem qualquer utilidade. Acho que a Câmara poderia deixar lá pernoitar os que, sem recursos para irem para pensões viajam através do País. Bem sabemos que é uma vergonha dormirmos no chão, em cima de pedras. Mas, ou nos sujeitamos ou ficamos em casa, sem podermos descobrir «o Portugal desconhecido». Ou ele será apenas para os estrangeiros e para os ricos?»

Colónias de férias para crianças de Alverca

Na praia de Azenhas do Mar do concelho de Sintra, decorre até 2 de Setembro o 2.º turno da colónia de férias, para crianças em idade escolar, da freguesia de Alverca, promovida pela Conferência de São Vicente de Paulo com a colaboração dos Escuteiros de Alverca.

Desta iniciativa beneficiaram 80 crianças, filhas de famílias de fracos recursos da referida localidade.

Transladação dos restos mortais de Joaquim Delgado

A Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro promove no dia 2 de Setembro a transladação para Chaves dos restos mortais do seu antigo presidente da direcção e director-geral do Tribunal de Contas, sr. Joaquim José Delgado que em breve terá nome numa das artérias daquela cidade, de onde era natural.

Abandonaram os burros com o contrabando

No escuro da noite de 20 para 21, na região de Vila Verde de Ficalho, oito burros foram apreendidos pela guarda-fiscal da secção de Aldeia Nova, que rápidamente descobriu nos seus alforjes o fruto do negócio clandestino realizado além da fronteira espanhola: 30 mil maços de tabaco estrangeiro das marcas L.M, Kent e Winston.

A perseguição movida pelos guardas (sem perder de vista a presa) não logrou alcançar ou sequer, reconhecer, os condutores dos asininos, que se lançaram em fuga, protegidos pela escuridão.

O valor comercial da mercadoria apreendida e dos animais, que serão vendidos no caso de não serem reclamados pelos donos, é de 220 contos.

Em Ribeira de Pena

Registou-se um incêndio nas proximidades de Lamas e Favais, na freguesia de Alvadia, área do concelho de Ribeira de Pena que atingiu grandes proporções, pondo em perigo as localidades de Fieira, Macieira e Azaveda.

No combate ás chamas participaram além de bombeiros e populares três aviões e pessoal dos Serviços Florestais, que lançaram sobre a zona atingida, produtos anti-incêndios.

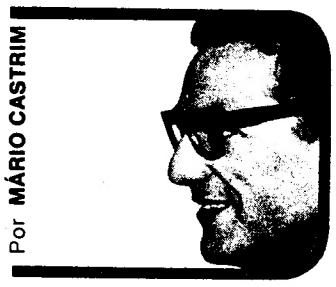
Outros incêndios em pinhais

No lugar da Meã, Mioma (Satão) e em Mirão (Douro) o fogo destruiu extensas áreas de pinheiros pertencentes, quase na totalidade a particulares.

No concelho de Alijó houve vários incêndios em matas, tendo alguns dos proprietários sofrido prejuizos que ascendem a largas centenas de contos.

TV — DL/ESPECTÁCULOS

OPERAÇÃO «NON PLUS ULTRA DIAMANTINO»



Por MÁRIO CASTRIM

Fialho Gouveia, ainda senhor de si, informa: a praça está cheia, esgotada até ao último lugar. Fala de Chibanga, não só compreende a que bom propósito, Chibanga que está a cortar orelhas em Barcelona. A pouco e pouco, vai-se tornando épico. Lembra os milhões de telespectadores que estão a seguir a corrida, são milhões a dizer **«Obrigado, Diamantino!»** Fialho Gouveia passaria de épico a lírico e de lírico a ridículo, na maior demonstração de choraminguice e de descalabro verbal a que já assistimos na televisão portuguesa.

Não nos precipitemos, porém. Fixemos as duas palavras desenhadas com flores na areia: «Adeus Diamantino». Isto quer dizer que a **«operação Diamantino»** está a acabar.

E se ela durou! Nos últimos dias então chegou a ser doentio. Prolongado «caso da semana», esteve permanentemente no televisor, foi a sua respiração. Já na corrida de quinta-feira passada, Fialho fora buscá-lo para diante das câmaras. Começou o desfile das palavras de que viríamos a ficar saciados: a solidão, a saudade, a família adorável, etc. etc.

A seguir, o «Feminino Singular» entrou na liça: entrevistou as filhas e a mulher de Diamantino Vizeu, o entrevistador muito preocupado com o que elas iriam sentir na despedida do toureiro. A presença da mulher de Diamantino foi a nota mais inteligente, mais sensata e mais humana: **«Nunca me preocupei com os seus êxitos ou os seus fracassos: apenas me interessava que ele regressasse...»**

Antes de ontem, como já sabemos, foi grande parte do serão dedicada ao matador. E ontem, como se tudo isso não bastasse, ainda tivemos, depois do telejornal das sete e meia, um apontamento do toureiro no alfaiate...

Voltemos à praça do Campo Pequeno. Luís Alberto Ferreira, o «comentador» diz-nos que **«vai começar a desbobinar-se...»** e que não sei quem **da Córdoca «calita de uma geração inteira de toureiros»** e que também **«Manolete estará presente no planeta dos touros»** e que Fulano **«com a provecta idade de 65 anos...»** e que não sei quantos **«a Península Ibérica — reportamo-nos em especial ao espaço hispano-português...»**

Afogo um risinho dramático, rodo o botão do som para a esquerda, mas logo a seguir Manuel Conde apeia-se na intenção de fazer discurso, corro novamente a abrir a torneira, assim, com a devida vénia: **«Dirão V. Exas. por que me pus-eu a pé. Então vou ver consigo explicar. Eu pus-me a pé para estar a pé ao lado de Diamantino Vizeu. Porque foi a pé que ele começou a desbravar o caminho de tourelo a cavalo apeado. Foi a pé que ele chegou a Espanha e que se impôs. A pé e em pé tem sabido manter a dignidade do toureio apeado a cavalo em Portugal. Por isso eu quís estar a pé ao lado de Diamantino Vizeu para lhe dar um abraço e que no dia de hoje continue a estar de pé para servir de modelo ao toureio português».**

O espectáculo continuou. Mestre Baptista, etc, João Zoio, perdão, D. José João Zoio, etc. e aqui importa recordar a erudição do «co-recordar a erudição do «comentador» que se referiu ao Conde de Vimioso, de Trás-os-Montes, pois D. Zoio também é de Bragança **«esta fascinante região que é o Nordeste transmontano...»**, D. Zoio que, no fim do trabalho, se recusa a agradecer, e com razão, e depois salta lá pra fora e a seguir salta cá pra dentro e acaba por agradecer — os assobios...

Ora bem, Diamantino Vizeu no alfaiate, depois do **Telejornal**, e a entrevista com Fialho a referência aos dois trajos de sorte da sua vida: o encarnado e ouro e o branco e prata. Tem outros: por exemplo o roxo e ouro que envergou na feira de Sevilha, e o verde-limão e ouro, que vestiu na alternativa, em Barcelona.

— **Escolhi para esta noite o branco e prata, parece-me a cor mais bonita, mais fina, a cor que melhor se adaptará a esta corrida que para mim é uma cerimónia e, de noite, com as luzes, o branco e ouro, embora sem contrastar, tenho a impressão que dão um efeito especial que agrada sobretudo às senhoras e aos homens que têm sensibilidade e gostam de apreciar aquilo realmente que é menos vulgar...»**

Pronto. Aproxima-se o momento. Antes da faena, Diamantino fala: **«Neste momento derradeiro da minha vida...» «sincera e comovente saudade...»** Luís Alberto desaparece da cena, entra Fialho Gouveia. Até ao final da presença de Diamantino Vizeu na arena do Campo Pequeno, o locutor da Televisão inundará Portugal com um inacreditável chorrilho de banalidades e de infantilidades. É todo um sujeito em ridículo de corpo inteiro, afogado no abandono da reportagem, com recurso permanente às muletas gastas do orador da aldeia que, a breve trecho, se confundem com as mãos no peito do sacristão de ermida e ganham acentos de elogio fúnebre. Em fundo, os acordes triunfais da Grande Orquestra Sinfónica do Campo Pequeno. E Fialho Gouveia não desarma. Primeiro, diz que é um quadro a óleo. Depois, que é um quadro a óleo desenhado. Há lágrimas, por ali, ao canto dos olhos. A sua própria voz está encharcada, uma pieguice vergonhosa, compreende-se não é verdade, nós os latinos, etc, e outros lugares-comuns, a noite inesquecível para quantos e patarati e pataratá, ele também acha que **«a pieguice está a passar as marcas»** mas enfim nós, os latinos, e a saudade para a esquerda, e os 80 anos do Campo Pequeno para a direita, e a torrente lacrimijante não acaba, e este **olé**, meus senhores, **é um olé monstruoso que se ergue das bancadas, um olé que é aplauso, hino de louvor e gratidão**, e Diamantino como toureiro e como homem, e como pessoa, um excelente camarada, e assim e assim e assim por diante, a transformar um acto tão simples num comício de cebola para os olhos.

E só agora, Manolete, e só agora eu sei. Só agora eu sei, só agora depois de ouvir este disco avariado que é a voz de Fialho Gouveia, sei por que preferiste adormecer para sempre nos cornos de Miura: sempre é morte mais cómoda do que cortar a coleta a ouvir o Fialho e mais os seus **«quadros a óleo»** — óleo de rícino, evidentemente.

A operação Diamantino Vizeu vai acabar. Soldados com a farda do Ultramar associam-se à despedida, envolvendo o toureiro na bandeira nacional; depois, a cena familiar, o corte da coleta que ninguém viu o que era, nem como era.

A operação Diamantino Vizeu acabou. A rotina do pobre toureiro nacional, essa, vai continuar no Campo Pequeno. Mas essa, como sempre, não tem história.

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

Continua fiel ao seu programa: DIVERTIR LISBOA

As diversões são inúmeras e o ambiente bastante acolhedor E AS OFERTAS TENTADORAS

No passatempo desportivo **A Volta vista da Feira**

OS PRÉMIOS para a etapa de amanhã CASTELO BRANCO - SANTARÉM são óptimos, úteis e saborosos

1.º — UM RELÓGIO TIMEX
2.º — UM FERRO ELÉCTRICO
3.º — DOZE GARRAFAS DE VINHO «ROSAL»

Colaboração gentil dos **Relógios Timex**, da **Casa Pessanha Bella** e das **Adegas Camilo Alves**

VENHA À FEIRA ★ DIVIRTA-SE ★ E GANHE PRÉMIOS

ABERTURA ÀS 19 HORAS

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

MÉDICO — ANGOLA

PARA SINDICATO EM MOÇÂMEDES
RESPONDER PARA SNECIPA
C. P. N.º 110 MOÇÂMEDES

MADEIRA TRANQUILA

7 DIAS DE FÉRIAS QUE V. RECORDARÁ

Partidas diárias de Lisboa, Porto ou Faro
Estadias em Hotéis e Residênciais de 1.ª classe.
Máximo conforto.

PREÇOS DESDE 2.740.00
(Casal por pessoa)

Se viajar com os seus filhos beneficiará de grandes reduções de preço.
Pague suavemente com o CREDI-STAR
Peça-nos informações detalhadas e não perca muito tempo até decidir a sua inscrição.

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

ENCERRAMENTO DAS INSCRIÇÕES
15 de Setembro de 1972

Peça regulamento ao
FOTO CLUBE 6X6
R. DAS CHAGAS, N.º 17-2-D. LISBOA 2

ou nas melhores casas de artigos fotográficos

PRÉMIOS PECUNIÁRIOS NO VALOR DE 100 CONTOS

2 CONCURSO FOTOGRÁFICO
CASA AGRÍCOLA FRANCISCO RIBEIRO

abertura na cidade

OLAIO

Inaugurou a sua FILIAL DA ESTEFÂNIA

R. PASCOAL DE MELO, 83-C

P PARQUE DE ESTACIONAMENTO AO DISPOR DOS SEUS CLIENTES

QUALIDADE EM MOBILIÁRIO AO RITMO DO PROGRESSO

JOSÉ OLAIO & Cª (FILHO)

DL/ESPECTÁCULOS

PÁSSAROS DENTRO E FORA DAS GAIOLAS

TÍTULO: Os Pássaros (The Birds)
REALIZAÇÃO: Alfred Hitchcock, 1963 (EUA);
INTÉRPRETES: Tippi Hedren, Rod Taylor, Jessica Tandy, Suzanne Pleshette, Verónica Cartwright, etc.;
DISTRIBUIÃO: Filmes Lusomundo;
ESTREIA (cópia nova): Cinema Estúdio Apolo 70 (18-8-1972).

Crítica de RAÚL CALADO

Várias coisas começaram há vários anos. Com a aceleração da vida moderna, dir-se-à que tudo já se passou há muito tempo.

Numa época em que os «Cahiers du Cinéma» eram uma revista católica de direita, e defendiam Hitchcock, Holywood perdera uma mina: Grace Kelly. A mina da distinção, do porte senhoril, da virtude burguesa. E havia que «inventar» uma substituta. O «inventor», de prestígio mundial, Hitchcock. A coisa, Tippi Hedren. Assim nasceram «Os pássaros» — mas não nasceu a nova «princesa» da Califórnia. Tippi foi um mau investimento. E talvez não só por sua culpa: a moda variou, e agora usa-se outro tipo de vedeta, menos «clorofilizada» (e, apesar de tudo, existe Julie Andrews).

Hoje os «Cahiers» são marxistas-estruturalistas. Preocupam-se bastante menos com o Cinema e bastante mais com as condições económico-sociais em que os filmes são produzidos. Discutem, ou melhor, arrenegam a «linguagem dominante», responsável pelo «consumo» de todas as obras, que assim ficam sempre ao serviço das classes produtoras, repressivas, maléficas (segundo eles, claro).

Os discípulos nativos dos «Cahiers», vão «estruturalizando» na medida do possível por várias publicações — mas incapazes de acertar o passo com a evolução dos factos e das ideias, têm que defender «Os Pássaros» e Hitchcock, porque há um ano os «Cahiers» diziam que sim.

Só que Hitchcock não é um génio e o Raúl Calado não é um estruturalista. Assim sente-se perfeitamente à vontade para dizer que o bom artesão Alfred fez um bom filme, mesmo com um argumento frouxo e a obrigação de fabricar uma estrela «distinta» (capaz de se casar com um príncipe qualquer).

Mas também que «Os pássaros» é bastante chato (a primeira parte é insuportável, com as histórias da mamã da Tippi, que abandonou a menina, coitada, tão milionáriazinha...). E para que serve a mãe do herói, recalcada, e a professora, frustrada? E o mêdo?

Filme exemplarmente burguês, «Os pássaros» pretendem assustar as pessoas com o medo abstracto. Não é a ficção que aborrece: as ameaças das invasões marcianas, do terror atómico, etc., podem resultar em interessantes parábolas. Mas Hitchcock não quer ir tão além. A sua moral poderá resumir-se na velha história dos «animais nossos amigos» ou, se se prefere, na do «amor aos animais». Comercialmente, assustar as pessoas pode ser um negócio: elas pagam para isso. Socialmente, os pássaros são inofensivos, logo uma boa fórmula de susto.

Temos frequentemente elogiado os programas impressos do «Apolo 70». Desta feita, o programa é idêntico ao filme. Num longo estudo de Benard da Costa, citam-se em primeiro lugar (para as afastar como inaceitáveis), as hipóteses de que o simbolismo referiria o sindicalismo (!), o perigo amarelo (!!), a bomba atómica (estão a supor o que aconteceria se todas as bombas atómicas decidissem, POR SI PRÓPRIAS, atacar os homens !!!) e a revolta dos negros (!!!!). E depois vem, complexo de palavras e rico de citações, o teorema de Benard: «O MAL NÃO TEM RESPONSÁVEL». O mal existe, mas so culpados é que não. O mal existe em si, eterno. Como o bem. E os homens, ou os pássaros têm o seu destino ligado aos fenómenos, que os dominam: Bem e Mal, forças naturais incontroláveis, que o racionalismo não pode superar.

Por outras palavras: pássaros (de lata) largam napalm no Vietnam. Mas o napalm, o petróleo, já existia antes. Alguém é responsável porque ele se acende, em conjunto com os habitantes das aldeias? Hitchcock — Benard demonstram que não!

"OS 7 INFANTES DE LARA" AINDA UMA VEZ EM BRAGANÇA

O Auto Popular «Os Sete Infantes de Lara», que foi representado no passado dia 15 na freguesia de Parada, perto de Bragança, e que vai ser apresentado em Lisboa nos primeiros dias de Setembro, vai ter nova representação em Parada no próximo Domingo, dia 27, dada a afluência de público à representação do dia 15, e, ainda, dada a pretensão de muita gente, que se manifestou a favor de uma repetição da representação do auto no local de origem.

O FESTIVAL DE TEATRO DE ÉVORA

É a seguinte o programa do Festival de Teatro de Évora:

OUTUBRO 7: Os Modestos, «Histórias para serem contadas»; 14: Colóquio; 21: Circulo Cultural do Algarve, «Albergue Nocturno»; 22: Mesmo grupo espectáculo infantil, «Titeres da Cachaporra»; 28: Colóquio.

NOVEMBRO, 4: Campolide Atlético Clube, «A Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança»; 11: Colóquio, 18: Teuc de Coimbra Woyzeck e «O Palhaço Troca o Passo», para crianças, 25: Conjunto Cénico Caldense, «Morte e Vida de Severina»;.

DEZEMBRO, 2: Sociedade Operária Joaquim António D'Aguiar, «Dente por Dente».

PIANISTA PORTUGUÊS DÁ CONCERTO NO E.U.A

NORTON, MASSACHUSETTS — Por iniciativa do comerciante luso-americano José Fernandes, o pianista e compositor português Fernando Laires, chefe do departamento de pianos da «Interlochen Arts Academy», de Interlochen, Michigan, dá, no próximo domingo um concerto em Norton, com trechos de Beethoven e de compositores portugueses.

Antes do concerto haverá no «Fernandes Circle» um «Cocktail» seguido de banquete no refeitório do Wheaton College, alternando na ementa os pratos típicamente norte-americanos com especialidades portuguesas.

Finalmente, á noite, depois do concerto, será servido um cálice de vinho velho da Madeira no «Fernandes Circle».

DARRYL ZANUCK NO ALGARVE

Encontra-se no Algarve o famoso realizador cinematográfico norte-americano Darryl Zanuk, que aproveitou férias em Portugal para conhecer essa província.

Chegou ao aeroporto de Faro acompanhado de Geneviéve Giles, artista de cinema que começa a ganhar posição no estrelato.

A Comissão Regional de Turismo do Algarve distinguiu o ilustre visitante com a oferta do livro «ALGARVE», da autoria do José Carrasco e fotografias de Almeida d7Eça e entregou rosas vermelhas a Geneviéve Giles.

O casal ficou instalado no Hotel Algarve, na Praia da Rocha

FILME MOÇAMBICANO

LOURENÇO MARQUES — Anuncia-se para princípios de Outubro do corrente ano a estreia de uma longa metragem de temática local, intitulada «Deixem-me ao menos subir às palmeiras».

E o seu realizador, Lopes Barbosa, que em declarações prestadas ao jornal «Diario» afirma: **Trata-se de uma sequência e realização em longa metragem da minha autoria na qual reuni as figuras representativas da cultura local.** Esta obra, inspirada no conto «Dina» de Luis Bernardo Honwana e em poesias de autores angolanos e moçambicanos, é produzida por Coutinho Ramos e encontra-se em rodagem desde Maio último, tendo sido as primeiras imagens colhidas no Bairro das Mahotas. A sua conclusão está prevista para Setembro próximo e a estreia em Lourenço Marques acontecerá em princípios de Outubro do corrente ano.

O elenco é constituido por Estêvão Macuacuene, Gabriel Chau, Maklim Comiche, Manuel Panguene, Malangatana Valente, Helena Ubisse, Eugénio Herrera e Beatriz Matecobe.

INGLÊS INTENSIVAMENTE
NOVOS CURSOS
A COMEÇAREM EM 28 DE AGOSTO
E 4 DE SETEMBRO
ih
CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
INTERNATIONAL HOUSE
LISBOA — Rua Marquês Sá da Bandeira, 16 — Telefs. 51496 534054 534062

CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
INTERNATIONAL HOUSE

DL show

Adriano Correia de Oliveira gravará um LP em fins de Outubro deste ano. Ao contrário do que sucedeu com o seu último álbum, este seu novo trabalho terá músicas de sua autoria e poemas de Manuel da Fonseca.

Henry Angel, professor de Estética Cinematográfica da Universidade de Montpellier (França), é um dos convidados estrangeiros para participar no XVII Encontro de Estudos Cinematográficos, uma organização do Centro de Estudos e Animação Cultural, de colaboração com o Centro Português de Cinema e com a Comissão Cultural do Luso Futebol Clube, do Barreiro.

Será José Calvário o autor dos arranjos dos arranjos do próximo disco de Teresa Paula Brito.

O conjunto típico Santo André, de Santo Tirso, gravou um EP para a Alvorada.

Karina, um nome bem conhecido em Espanha e, também, em Portugal, tem mais um disco no mercado português. Trata-se de «It's the World I Live In» (Este mundo em que Vivo). Os arranjos são da autoria de Waldo de Los Rios.

Manuel António de Jesus Morais foi contratado para exercer as funções de professor do curso especial de guitarra hispânica e alaúde do Conservatório Nacional.

O conjunto Instrumental de França que actua hoje, pelas 16 horas na Quinta do Vinagre, em Colares e, no próximo sábado, pelas 21 e 45, no Palácio de Queluz, é considerado pela crítica da especialidade como um conjunto muito bom, tendo cada um dos elementos que o integram a qualidade de ser, mesmo individualmente, óptimos executantes. Para além disso, todos são 1.os prémios do Conservatório de Paris

Adriano Correia de Oliveira

23 a 29 de outubro 1972
Santarém . Portugal

18 PAÍSES NO FESTIVAL DO FILME AGRÍCOLA

São já 18 os países que participam no II Festival Internacional do Filme Agrícola e de Temática Rural, que se realiza em Santarém, de 23 a 29 de Outubro: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austria, Brasil, Canadá, Cuba, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Irlanda, Israel, Itália, Noruega, Portugal e Suécia.

Conforme noticiámos, do Júri Internacional fazem parte os cineastas e engenheiros agrónomos Alice Gabriela Gamito (Portugal) e Pedro Summers (Espanha), o intelectual e escritor Curt Meyer-Clason (Alemanha), Marcel Couvreur, «Sécrétaire Général du Syndicat Central d' Iniciatives Rurales de Paris, Inspecteur des Lois Sociales en Agriculture et Délégué Général du Centre National de Promotion Collective» (França) e o crítico português José Vieira Marques.

Estão a ser feitas diligências para a apresentação, em 29 de Outubro, na sessão de encerramento, do novo filme nacional colorido «A Promessa», de António de Macedo, inspirado na peça de Bernardo Santareno.

O cinema português vai ter ampla representação no Festival com filmes de Paulo Rocha, Faria de Almeida, Francisco Saalfeld, Namorado Freire, António Campos, Henrique Campos, Miguel Spiguel, A. Reynolds, Helder Mendes, Luís Galvão Teles, Rogério Ceitil, António da Cunha Teles, Ricardo Mesquita, António de Macedo, Roberto Nobre e, possìvelmente, Matos Silva e António Pedro Vasconcelos.

"DR. BEN CASEY"

SANTA MONICA; CALIFÓRNIA O actor cinematográfico Vince Edwards, de 43, o «Dr. Ben Casey» da televisão, é o réu de uma acção de divórcio intentada por sua mulher, a actriz inglesa Linda Foster, com fundamento em diferenças irreconciliáveis.

A acrtiz, de 28 anos, casou-se há cinco anos com Edwards. Requereu a custódia e uma pensão de alimentos para a educação das duas filhas do casal, Angela, de quatro anos, e Nicole, de dois.

JOGOS OLÍMPICOS

MUNIQUE

Cedo quarto em Hotel, durante a realização do certame.

Resposta a este jornal ao n.º 617.

CINEMA NO MUNDO

Rod Steiger será Beethoven

HOLLYWOOD — Rod Steiger encarnará a figura de Beethoven na película baseada na vida do célebre compositor alemão. O filme, cuja rodagem principia no próximo ano, tem Joe Sargent como produtor e realizador.

HOLLYWOOD — Na próxima temporada principia nos Estados Unidos sob a direcção de Frank Perry a rodagem da película «The Laughter Next Dorr», baseada numa comédia de Herman Raucher.

BERLIM — Os clássicos da literatura alemã começaram a despertar a atenção dos realizadores cinematográficos. Entre alguns projectos neste sentido, encontra-se o de Robert Ven Ackeren, que tenciona adaptar ao cinema a obra de Heinrich Von Kleist «Pentesilea».

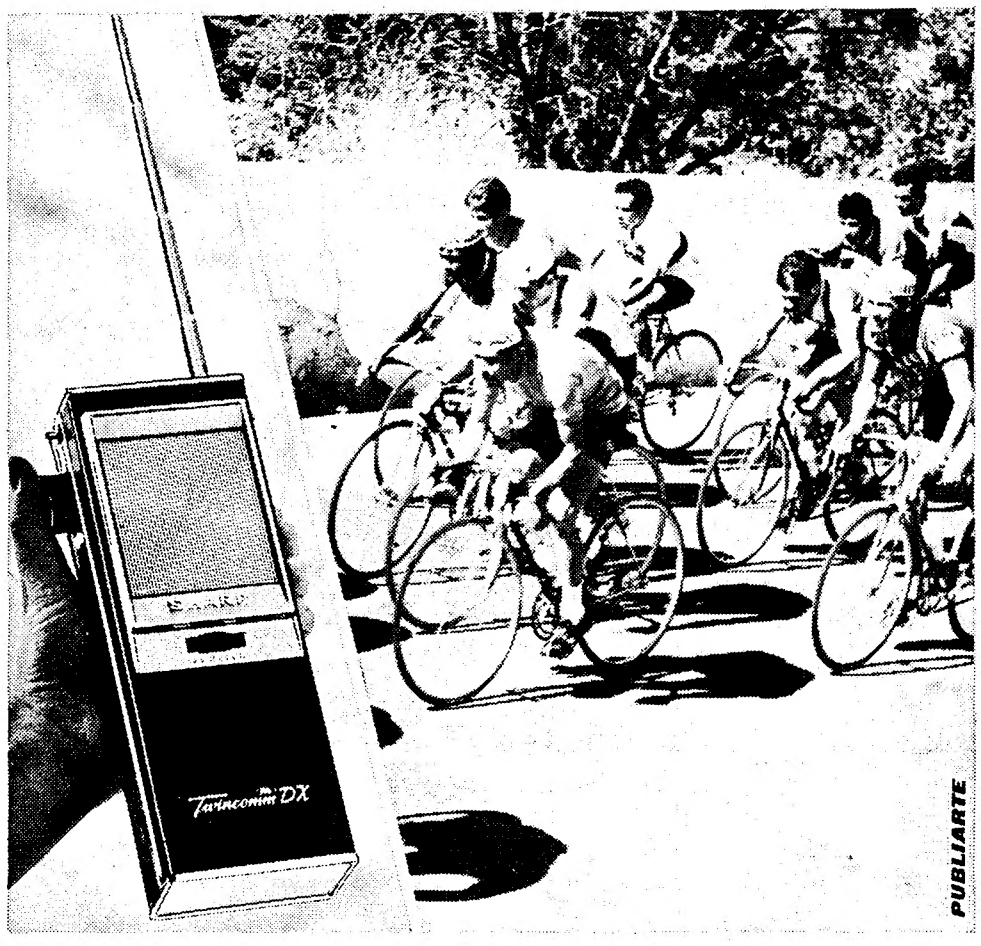
LONDRES — A actriz Joanna Shimkus declarou aos jornalistas, no aeroporto de Londres, que tenciona afastar-se da sua actividade cinematográfica ou até mesno abandonar por completo a sua carreira, para dedicar todo o tempo ao marido, Sidney Poitier, e à filha de ambos.

LONDRES — A viagem de Ulisses, que durante 10 anos errou pelos mares, vai ser objecto de um novo filme. Desta vez intitula-se «The Free Life», sendo produzido e dirigido por Fred Marshall. A figura de Ulisses será interpretada pelo próprio Marshall, o qual convidou Nancy Kwan para o principal papel feminino.

NOVA YORK — Richard Kiley, depois de Frank Sinatra ter recusado, foi o actor escolhido para desempenhar o principal papel na película «Teh Little Prince», baseada no romance de Antoine de Saint-Exupery e que será dirigida por Stanley Donen.

Kiley tornou-se conhecido pela sua interpretação, no teatro da comédia musical «Man Of La Mancha», mas para a versão cinematográfica desta obra foi preferido Peter O'Toole.

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA



SHARP

Os organizadores da volta comunicam entre si por meio de emissores receptores portáteis SHARP.
Os emissores receptores portáteis SHARP, extremamente perfeitos e providos de eliminadores de ruídos, representam um passo novo no campo das comunicações. Se desejar ter um sistema de comunicações eficiente e económico na sua fábrica, na sua quinta ou em sua casa; se tem barco ou se deseja manter-se em contacto permanente com alguém, a SHARP tem o emissor transmissor portátil que lhe convém.

SHARP

Representantes exclusivos **RAFAEL BURGUETE, LDA.** – Lisboa -Porto

DL/ESPECTÁCULOS — TAUROMAQUIA

A última ovação

ACABOU-SE O PAPEL PARA DIAMANTINO

«Se acabó el papel» - dizem os espanhóis quando se esgotam as bilheteiras, e foi o que, ontem, aconteceu no Campo Pequeno, na despedida de Dianantino Viseu, organizada pela RTP, para a Casa do seu pessoal. Diamantino foi passeado em ombros e, ovacionado, brindou a sua última «faena» a sua esposa e filhas, que haviam de proceder à cerimónia simbólica do corte da «coleta» e com ele deram voltas à arena.

Diamantino Vizeu chora, acompanhado pela mulher e pelos filhos

Um grande da história da tauramaquia, Jaime Duarte de Almeida, que foi dos que logo do princípio acreditou em Diamantino, pediu-me em 1947 um prefácio para o livro que escreveu acerca do primeiro matador português. Escrevi gostosamente ser também dos que acreditaram em Diamantino desde que o vi cortar uma orelha na novilhada da Feira de Sevilha de 1946.

E disse «da inteligência serena de Diamantino que se não perturba nem quando os touros o colhem e toureia erguido e com os pés firmes aguentando as paragens mais duvidosas e as arrancadas mais perigosas».

Foi o que ontem fez, ao som da música, e um touro que foi dos mais mansos. Os bravos e nobres de Cabral de Ascensão foram para Armando Soares, extraordinário com a capa, «muleta» e Handarilhas, a duo com Mário Coelho, que no seu esteve verdadeiramente admirável, e Júlio Gomes, os três ao som da música e com voltas.

Abriram o belo espectáculo, os cavaleiros Manuel Conde, perfeito como sempre, Mestre Baptista, com sua alegria e ímpeto, e D. José João Zoio, com o mais difícil de Passanha que o obrigou a começar com um bom «sesgo». Também a música soou para os três. Difícil é recordar todos os momentos magníficos da corrida que acabou cerca das duas horas. Nota alta o do momento da despedida de Diamantino, a quem todos os toureiros brindaram e que teve a rodeá-lo no meio da arena os seus colegas Manuel dos Santos, Amadeu dos Anjos, Óscar Rosmano, Fernando dos Santos e todos os participantes. Diamantino brindou ao dr. Ramiro Valadão, e teve, a presidir à noite memorável da sua despedida, o sr. secretário da Informação. Assistido pelo microfone de Fialho Gouveia, que bem falou, antes e depois, a todos agradeceu, e pela assistência foi coroado repetidamente.

Bem pegaram os amadores de Montemor, Ribatejo e Montijo, que deram voltas a sós e em conjunto, e com o representante de Cabral de Ascensão. Bem bandarilharam Mário Freire e Bartissol, e bem bregaram Manuel dos Santos, o do «Campino», Olegário, Garçoa, «Badajós», Agostinho e Barreto.

Foi o momento mais alto da temporada e histórica, como se anunciara, a despedida de Diamantino Viseu.

A recordar um «quite» oportuno de Mário Coelho, numa aparatosa colhida de Armando Soares.

ELT. P.

GODARD NO "CONTRA-FESTIVAL"

Jean-Luc Godard, que era esperado na quinta-feira, não apareceu no Festival e retirou á última hora a sua película «Tout Va Bien» (Tudo Vai Bem), realizada com Jean-Pierre Gorin. A fita inglesa «A Filha de Agibebe», de Harold Becker, substituirá a obra do «menino-terrível» do cinema francês.

Jean-Louis Rondi, vice-comissário da «Mostra», reagiu imediatamente e mandou afixar no Palácio do Festival do Lido o texto dos três telegramas em que Godard e Gorin lhe comunicam o seu acordo para virem apresentar o seu filme no Festival. Isto mostra **«a que ponto faltaram á sua palavra»**.

Não é a primeira vez que Godard faz das suas num festival tradicional. Em Maio de 1968 foi um dos mais ardentes contestatários em Cannes e depois nas reuniões do cinema de Paris.

Admite-se, contudo, que «Tout Va Bien» seja apresentado em Veneza no «Contra-Festival» que se deve realizar na semana que vem. (FP)

ROBERTO CARLOS EM SARILHOS

RIO DE JANEIRO, 25 — O cançonetista brasileiro Roberto Carlos acabou na polícia devido a um incidente que começou na igreja com um fotógrafo.

Roberto foi ao baptismo de Jaqueline, filha do produtor de TV Milton Campos, que o convidou para padrinho. Mas um fotógrafo independente, José Francisco da Silva, no interior da Igreja da Divina Providência, tentou fotografar Roberto Carlos, que se exasperou e danificou a máquina do fotógrafo. Ambos foram levados à delegacia e, ali, Roberto Carlos desculpou-se, e mandou que Silva entregasse a sua máquina para conserto. Se esta não ficasse boa ele lhe daria uma nova.

Acabaram por abraçar-se na própria delegacia.

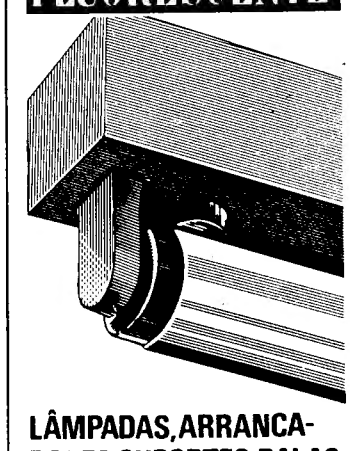
EXPOSITORES
E ESTANTERIA

TODOS OS TIPOS DE EXPOSITORES. GRANDE VARIEDADE. PREÇOS JUSTOS. ESTANTERIA MODERNA, usada nos melhores Supermercados.

NOVIMPORTA
Centro Comercial de Importação, Lda.
Estrada da Luz, 173 A a D — Tel.: 78 26 94
LISBOA

Não crie problemas à suspensão do seu automóvel ao levar o seu barco atrelado
AUTO (BALL-ANS)
É A SOLUÇÃO
Distrib. para Portugal: Sociedade Geral de Importação, Lda.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-A — Tels. 56 01 56/7/8

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE



LÂMPADAS, ARRANCADORES, SUPORTES, BALASTROS E ARMADURAS
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

EM 3 LINHAS

Foram condecorados com os graus de oficial e de grã-cruz, respectivamente, o cidadão sueco Martins Cherlie Percival Bratt e o embaixador, holandês, Duco Gerrit Eduard Middelburg; e com a grã-cruz da Ordem Militar de Avis os generais Fernando Louro de Sousa e Fernando Viotti de Carvalho.

///

Foram exonerados das suas funções, nos Hospitais Civis, respectivamente, os srs. drs. João Barros de Bettencourt, graduado de neurocirurgia e Mortó Sitarama Naique Pratap Rau Sar Dessai, assistente de bioquímica.

///

Foram nomeados presidente e vogais do Concelho Pedagógico do Instituto de Meios Áudio-Visuais de Educação os srs. drs. Rafael Ávila de Azevedo, presidente; António Henriques Augusto Silva Reis Góis, João Carlos Beckert de Assunção, pintor Manuel Maria de Sousa Calvet de Magalhães e dr. Martinho Cândido Vaz Pires.

///

A seu pedido, o sr. dr. José António da Piedade Ludovico dos Santos Pereira, professor efectivo do 5.º grupo do quadro do Liceu de D. Duarte, em Coimbra, em serviço como vice-reitor da secção de Almada do Liceu de D. João de Castro, em Lisboa foi exonerado deste último cargo.

///

O sr. dr. José Joaquim de Jesus Xavier Ferreira foi nomeado inspector superior interino do quadro da Inspecção-Geral de Crédito e Seguros.

///

Estão abertos concursos documentais para o provimento dos lugares de directores das Bibliotecas Nacionais de Angola e Moçambique.

///

O sr. dr. António Ribeiro da Costa Zanatti Rodrigues foi nomeado, definitivamente, como assistente de serviço central do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

///

Em virtude da publicação do Decreto-Lei n.º 488/71, são exonerados os vogais das comissões de delimitação do domínio público marítimo, representantes da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, e nomeados, em sua substituição, vogais representantes da Direcção-Geral de Portos.

///

O sr. dr. Chung Kon Sing, rescindiu a seu pedido, o contrato de prestação de serviço para exercer funções da sua especialidade na luta contra as endemias de Timor.

///

Foi concedida ao Corpo de Salvação Pública de Valpaços, para a obra de construção do quartel dos bombeiros voluntários a comparticipação de 500 000$00.

///

A sr.ª dr.ª D. Maria Luísa Tello Polleri Teixeira Gomes — contratada, a título provisório, nos termos do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 129/72, de 27 de Abril, como chefe de divisão além do quadro do Instituto de Acção Social Escolar.

///

O sr. dr. Francisco Sílvio Marques Caldas foi contratado para exercer o cargo de médico especialista de neuropsiquiatria eventual do Hospital Militar Principal.

///

O sr. Carlos Augusto Vaz Pires, agente provisório do quadro único da Direcção-Geral de Segurança foi dispensado do serviço, a partir do dia 18 de Julho de 1972, inclusivé, continuando a exercer o cargo de servente assalariado fora do quadro, que desempenhava anteriormente.

///

Foi anulado o despacho que exonerava, a seu pedido, do lugar de corretor de câmbios, fundos públicos e particulares, créditos e obrigações mercantis da Bolsa de Fundos de Lisboa, o sr. dr. José Casimiro Serrão Franco.

///

Foi aprovado o contrato com o sr dr. José Guerreiro Joaquim para desempenhar o lugar de técnico, além do quadro, da Comissão de Coordenação Económica

///

Foi criado o Consulado Honorário de Portugal em Ajácio. A mesma portaria do Ministério dos Negócios Estrangeiros extingue o Consulado honorário em Bastia.

///

A Câmara Municipal de Baião foi oficialmente autorizada a considerar feriado municipal o dia 24 de Agosto (Festas de São Bartolomeu).

///

Os Governos do Luxemburgo e da Áustria depositaram os seus instrumentos de ratificação de várias convenções e protocolos relativos a transportes de mercadorias, de passageiros e de bagagens por caminho de ferro.

///

Foram aprovados os estatutos da Aldeia Internacional de Crianças em Portugal

///

Os srs. drs. Pedro Manuel dos Santos Jordão e D. Virgínia Adelaide Tavares Peres Sebastião e Silva foram contratados, como técnicos, além do quadro, do Instituto de Meios Áudio-Visiais de Educação.

///

Foi determinada a abertura pelo Governo de Macau, um crédito especial de 1 500 000$00 para reforço da verba destinada a «Habitação e urbanização», da tabela de despesas extraordinária do orçamento geral da província para o actual ano económico

///

A exemplo dos anos anteriores, e por motivo das Festas de Formoselle (Zamora), foi autorizada, nos dias 26, 2728, 29 e 30 próximos, a passagem de veículos nos dois sentidos, pela barragem da Bemposta, no distrito de Bragança.

ASSOCIARAM-SE ARMAZENISTAS DE MERCEARIA DE AVEIRO

Já aqui déramos a notícia: Aveiro também iria ter a sua sociedade de armazenistas de mercearia. E, agora, no cartório notarial, o preto ficou no branco e os doze armazenistas de Aveiro, Águeda e Ilhavo, formaram a Uniave.

Os primeiros contactos começaram em Março e, ao princípio, visavam outros armazenistas do distrito. Goradas algumas tentativas, a fusão veio a ser um facto e todos eles se mostram cinviantes num futuro promissor, pois, a partir de Janeiro de 1973, a iniciativa tomará forma prática, da qual eles próprios e o consumidor serão os grandes beneficiados, pois é intenção fundamental a aquisição de grandes quantidades de produtos e ao mais baixo preço para os lançar, mais baratos, no mercado retalhista.

O capital social, subscrito por 29 comerciantes, é, para já, dos legais 10 000 contos, para, depois, passar para os 30 000. Espera a nova sociedade que a Câmara Municipal, que incentivou a iniciativa, indique agora o terreno onde irá ser construído o grande armazém para a laboração comercial.

BANCO DO ALENTEJO

Filial de Lisboa: Praça D. João da Câmara, 18

de 150.000 para 240.000 contos

Emissão de 600 000 acções do valor nominal de 150$00 cada, autorizada por portaria de 7 de Agosto de 1972, publicado no «Diário do Governo», 3.ª Série, de 16 de Agosto de 1972.

Este aumento do capital social efectua-se nas seguintes condições:

1-EMISSÃO DE 400.000 ACÇÕES, RESERVADAS AOS ACCIONISTAS

Por cada CINCO acções que possua, o accionista pode subscrever DUAS novas acções mediante o pagamento de Esc. 250$00 cada, acrescido do Imposto de Mais-Valias de Esc. 60$15. O accionista deverá indicar no boletim de subscrição se está interessado no eventual rateio das acções não subscritas.

2-EMISSÃO DE 200.000 ACÇÕES, DESTINADAS A SUBSCRIÇÃO PÚBLICA

Pelo valor de Esc. 900$00 cada, sujeita a rateio.

Prazo de subscrição de **28 a 31 de Agosto** de 1972 na Sede, Agências e em Lisboa na Av. da República, 3-B; no Porto através do Banco Fonsecas & Burnay.

Todas as importâncias serão liquidadas no acto da subscrição.

As acções a emitir terão direito à totalidade do dividendo de 1973.

Os accionistas devem apresentar, no acto da subscrição:

a) os títulos desde que se trate de acções numeradas de 1 a 500 000;

b) o cupão n.º 1 das acções numeradas de 500 001 a 1 000 000.

As importâncias relativas a acções não atribuídas após rateio, serão devolvidas a partir de 15 de Setembro de 1972.

Prevê-se a substituição das cautelas representativas das acções atribuídas pelos títulos definitivos a partir de 31 de Outubro de 1972.

Prospecto elucidativo poderá ser obtido nos balcões do Banco do Alentejo e, no Porto, no Banco Fonsecas & Burnay.

Após esta emissão o Capital e Reservas do Banco do Alentejo ascenderão a 500 350 000$00.

Lisboa, 24 de Agosto de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DL/GERAL

Descentralização do I.N.T. no Distrito de Leiria

Lê-se no preâmbulo de um decreto-lei, pelo Ministério das Corporações, publicado no «Diário do Governo» (1.ª série n.º 197) que no distrito de Lisboa a actuação no domínio da política social e do trabalho tem estado em boa parte a cargo dos serviços centrais do Ministério das Corporações e Previdência Social.

«Ora o acentuado progresso económico e social do distritol que levou á instituição em vários concelhos de serviços de apoio do Ministério das Corporações , torna desejável uma descentralização, em moldes semelhantes aos das delegações. Convém portanto criar as bases necessárias para poder vir a ser aplicado o regime próprio das delegações distritais em relação a determinados concelhos do distrito de Lisboa. O papel das delegações poderá ser eficazmente desempenhado pelos Serviços de Acção Social, aos quais há muito compete uma actividade de acompanhamento dos organismos corporativos do distrito»

Assim, reza a portaria, o sr. ministro das Corporações e Previdência Social poderá determinar, por portaria, que seja aplicado, total ou parcialmente, em relação a um ou mais concelhos do distrito de Lisboa, o regime próprio das delegações distritais do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência I.N.T.P.

As funções da delegação são confiadas aos Serviços de Acção Social, a cujo chefe caberá para o egeito a competência do delegado do I.N.T.P.

As confecções Daga ofereceram férias em Palma de Maiorca

Na foto, vemos o Grupo de Clientes que passaram uma semana de merecidas férias, em Palma de Maiorca, a convite de NOVEL, LDA. (firma distribuidora exclusivama das Confecções DAGA — para homem e senhora.).

MARCA #dsp72

venha à

AUTO-BOAVISTA, Lda.

apreciar
a qualidade Ford
CORTINA

Conheça em pormenor todos os modelos CORTINA — motores de 1300 a 2000 cc — Estate Car. Modelos L, XL, GT ou GXL

R. DA BOAVISTA, 81-B (ao Conde Barão) tel. 671893/669141 (p.p.c. 10 linhas)

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Beja em todos os dias úteis durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Beja, de uma linha aérea a 30 KV com 663 m de comprimento, do apoio n.º 20 da linha para Cuba ao posto de transformação dos Nitratos de Portugal em Beja.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 11 de Agosto de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

GABINETES MINISTERIAIS

Foram nomeados respectivamente, chefes dos gabinetes dos srs. secretaprios de Estado da Instrucão e Cultura, da Indústria e do Tesouro os drs. Juiz Adriano Filipe Sanches Afonso, Hermínio Marques Ferreira e José Augusto do Vale.

Exercerá as funções de secretário do sr. secretário de Estados de Instrução e Cultura o sr. dr. António Manuel de Castro e Solla.

MOVIMENTO JUDICIÁRIO

Foram nomeados juízes conselheiros do Supremo Tribunal de Justiça os juizes desembargadores sr. dr. António José Simões de Oliveira, exercendo, em comissão de serviço, as funções de juiz conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo, Francisco José dos Santos Vaz Bruto da Costa, servindo na Relação de Lisboa; Jacinto Fernandes Rodrigues Bastos, exercendo, em comissão de serviço, as funções de juiz conselheiro do Supremo Tribunal Administrativo e Daniel Jaime Ferreira, servindo na Relação de Lisboa.

— O sr. dr. Rui Alberto Fernandes, juiz de direito de 1.ª classe do ultramar, em comissão no cargo de ajudante do procurador da República junto da Relação de Lourenço Marques foi promovido a juiz desembargador do ultramar, com colocação no Tribunal da Relação de Lourenço Marques.

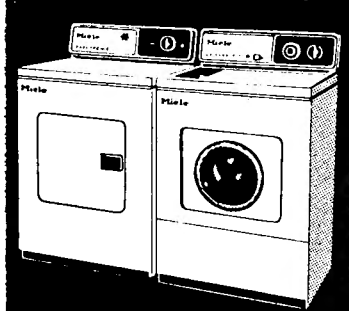
LIMITES MÁXIMOS DE BENEFÍCIOS PARA FUNERAIS

Fora estabelecido pela Portaria n.º 23786, de 10 de Dezembro de 1968, o limite superior de 1500$00 para os benefícios em dinheiro ou em espécie atribuídos pelas associações de socorros mútuos que se dedicam à concessão de pequenos subsídios por morte de sócios ou seus familiares, montante esse que é, porém, reduzido a 750$00 por morte de familiar menor de 16 anos.

Verifica-se, presentemente — como se acentua numa portaria do Ministério das Corporações — , que aqueles valores se encontram desactualizados, em face dos fins a que se destinam, havendo, portanto, vantagem em proceder à sua revisão. A solução que ora se adopta corresponde, porém, mais do que a uma simples actualização, permitindo às referidas associações melhorarem consideràvelmente os seus esquemas de benefícios.

Assim se determina que o valor dos benefícios em dinheiro ou em espécies atribuídos pelas associações de socorros mútuos que se dedicam à concessão de pequenos subsídios de funeral não pode exceder 3000$00 sendo, porém, reduzido a 1500$00 por morte de familiar menor de 14 anos».

Conjunto de máquina de lavar roupa automática e secador electrónico



Uma união perfeita
de duas máquinas excepcionais da MIELE.
Máquina de lavar roupa automática 421-S e o Secador Electrónico 460.

Miele®

Agente Oficial..
A. OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, 91A Telf. 538323 LISBOA

teatro MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES 2
20.45 E 23 HORAS
Grupo D — M/ 18 anos
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA
P O P U L A R
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
★ IRENE ISIDRO ★
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CÉSAR • VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
3.º MÊS!
Mais de 60 figuras em cena

À PRAÇA DO CHILE
PRÉDIO — VENDE-SE
De grande volume, com 12 inquilinos de rendas baixas, situação privilegiada, servindo para demolir ou restaurar e aumentar o rendimento, transportes à porta, artéria de grande movimento. PREÇO 2.000.000$. MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384 5/6 — 328232 3 — 361756

DL/REPORTAGEM

MAÇARICO - NOME DE SALVADOR:

SALVOU SETENTA VIDAS MAS NÃO TINHA SAPATOS NO DIA DA HOMENAGEM

O nadador-salvador das nossas praias é mais do que um símbolo. Ele representa a segurança, a certeza de que, em qualquer momento de perigo, alguém estará ao nosso lado, arriscando a vida para nos salvar. Há nisto, nobreza e simplicidade. Não são poucos os que, tentando arrancar vidas ao mar em fúria, lá deixam a sua própria vida. Há nisto, generosidade e grandeza. Em troca, que recebe o nadador-salvador? A nossa indiferença? O nosso egoísmo?

Marcos Maçarico, nadador-salvador da praia do Tamariz, no Estoril, já salvou cerca de setenta pessoas. Não há muito, quiseram prestar-lhe uma justíssima homenagem no Casino Estoril. Mas a homenagem não se realizou porque... Marcos não tinha sapatos. A entrevista que hoje publicamos com Marcos Maçarico, talvez ajude a que uns quantos de nós passemos a olhar esses homens com outros olhos — os olhos, tão necessários, da compreensão e da gratidão.

Quando o mar rebenta de cachão e se revolve insubmisso contra o dique do Estoril ou vem, irado, espojar-se no areal em arrancos de fúria babujenta, arrastando no recesso da vagaria tudo o que não tenha força para se lhe opôr, o Maçarico lá está, de olhos e nervos alerta, que o perigo ronda o banhista descuidado e ele sente como ninguém a responsabilidade da missão a que se votou. E sempre que esse mar tenta arrebatar uma vida, o Maçarico ergue-se inteiro na sua figura quase meã, despreza prudências e avisos e, seja qual for o tamanho da maré brava, ei-lo a enfrentar a fúria das ondas e, arriscado, a arrancar ao rugido da vaga louca, a vida que a imprudência ou o acaso tinham levado à beirinha da morte. Todos os que frequentam a praia do Tamariz, no Estoril, conhecem o Maçarico. Marcos Maçarico, mais pròpriamente, nascido em Ribamar, 31 anos de carências e de sonhos destruídos, nadador-salvador no Estoril, é homem sem medo. Todos o conhecem, mas poucos sabem que já vai em cerca de setenta — dissemos setenta o número de náufragos que salvou, na sua maioria em odes de arrojo nunca visto.

APANHADOR DE MERGULHO

Fala claro e sem tibiezas, o Maçarico. Quando lhe dizemos que gostaríamos que ele nos desse uma entrevista, sorri.

— **Sou homem de poucas letras, meu amigo** — começa ele **mas quando se trata de dizer a verdade, nem Deus, nem o Diabo me calam.**

E continua a sorrir. Não há raiva na sua voz. Talvez apenas uma ponta de amargura quando afirma:

— **Nasci em Ribamar. A minha gente era pobre. Mal tirei a quarta classe, logo tive que começar a ganhar a vida. Durante muitos anos fui apanhador de algas. Apanhador de mergulho, sabe o que é? A gente escolhe um sítio onde pensa que há algas e, como elas estão a uma certa certa profundidade, temos que mergulhar e andar lá pelo fundo a apanhá-las. Hoje, isso já se faz com aparelho de mergulhador. Naquele tempo, era sem aparelho. Chegávamos a estar lá no fundo, assim de seguida, quase um minuto, às vezes mais, até sentirmos os pulmões estoirar.**

Foi assim que o Maçarico aprendeu a conhecer o mar. E como não saberia viver sem o mar, mais tarde embarcaria em navios de longo curso.

— **Navios holandeses de carga** — explica-nos — **e pesqueiros de mar alto.**

— Como veio você para nadador-salvador? — indagamos.

— **Olhe, um homem gosta do mar mas, de vez em quando, também se cansa de andar embarcado. Então, como de qualquer maneira só sabe viver do mar, arranja um emprego como este: continua a estar no mar** — agora ri um grande riso gaiato — **e, ao mesmo tempo, quebramos a rotina do embarque.**

— Conte lá — pedimos — como salvou você essas setenta pessoas...

— **Ih, Ih! Isso é uma história muito comprida, amigo. Não tínhamos tempo... Salvei-os e é tudo.**

Marcos Maçarico não quer saber de regras. Quando há uma vida em perigo, para ele não conta que a pessoa esteja ou não dentro da zona de banho.

— **Ainda noutro dia, um homem atirou-se à água, ali à ponta do dique, está a ver? Ora a nós não nos pertence ir em socorro de pessoas que não respeitaem as zonas de banho. Pois. Mas eu não penso nessas coisas. O homem pôs-se a gritar, o mar não estava para brincadeiras nesse dia, um segundo homem foi a correr e atirou-se para tentar salvar o primeiro. Agarrados um ao outro, já tinham a morte nos olhos. Eu vou, lanço-me, chego lá e, como eles se queriam pendurar em mim, estorvando-me os movimentos, pu-los meio tontos com dois sopapaos e vim para terra, trazendo um em cada braço.**

Maçarico descreve-nos o facto sem grandes gestos, sem dramatismo na voz, com uma simplicidade que nos emociona.

— E como é que as pessoas costumam reagir, ao tomarem consciência de que você as salvou?

— **Ora! Olhe, há alguns que nem agradecem. Outros sim, lembram-se e vêm ter connosco e não sabem como mostrar a sua gratidão. Mas eu** — acrescenta com um súbito encolher de ombros — **acho que estou aqui para isso. É o meu dever.**

HOMENAGEM SEM SAPATOS

— Vocês são sindicalizados? — perguntamos.

— **Quem? Os nadadores salvadors? Não, senhor. Não temos sindicato, nem assistência, nem nada. Eu aqui, menos mal, que a empresa que explora o Tamariz pós-nos na Caixa. Mas nas outras praias, se um homem adoece durante três dias, se calhar logo o despedem. Não temos direitos nenhuns.**

— Quanto ganham por mês?

— **Eu ganho cento e dez escudos por dia, cama e mesa. Porém, a comida nem sempre é grande coisa, o que nos obriga a gastar algum do nosso para nos podermos alimentar devidamente.**

— E quando acaba a época de paraia? Que fazem durante o inverno?

— **Eu se posso embarcar embarco. Há colegas meus que trabalham na agricultura ou nas obras.** — **E adianta:** — **Isto é uma vida dura, arriscada, mal paga. É por isto, e porque ainda em cima disto não temos nada que nos defenda ou que nos dê direitos, que já quase ninguém quer vir para nadador-salvador. Ando cá fez agora onze anos e creio que vou abandonar. Estou farto de ser mal pago, de não ver compensações aos riscos que corro.**

— Nesses onze anos — quisemos saber — nunca lhe prestaram nenhuma homenagem?

Volta a rir.

— **Às vezes chamam-nos para nos darem umas medalhas. Para que é que eu quero as medalhas?**

Tínhamos tido conhecimento duma homenagem que há cerca de três semanas o Instituto de Socorros a Náufragos, em colaboração com a Campanha de Segurança nas Praias, tentara realizar, no Casino do Estoril. O homenageado seria simbòlicamente o nadador-salvador de todas as nossas praias. Alguém se lembrou que o Marcos Maçarico seria o representante de todos esses abnegados heróis desconhecidos. A ideia, aliás, continha um duplo móbil: Marcos Maçarico, com quase setenta vidas salvas no seu activo, marecia, no decorrer da homenagem, uma referência muito especial. Mas a homenagem não chegou a concretizar-se porque... o Marcos não apareceu à hora marcada.

— Houve algum motivo que o levasse a desprezar essa mais que justa homenagem? tentámos saber.

— **Eu não desprezei nada** — respondeu-nos prontamente — **O que aconteceu é que quando quis ir para o casino... lembrei-me que não tinha sapatos. Então eu ia aparecer no casino, no meio de todos aqueles senhores dourores que lá estavam, sem sapatos? Não era coisa que se fizesse, não acha? Foi por isso que não fui.**

Bem, a razão tinha o seu peso. Além de que tu, nobre Maçarico, para salvares gente prestes a afogar-se, nem precisas ir de sapatos, não é verdade? Aí só tens que contar contigo e com a tua coragem, os teus músculos e a vida que pões em jogo, a tua nobreza. Quem poderia lá lembrar-se de que tu, nadador-salvador mal remunerado, nem sequer possuías um par de sapatos? E quem se lembra, passada a hora do perigo, de que existem nadadores-salvadores? O Maçarico é um exemplo — um triste exemplo, naturalmente — do nosso egoísmo, da nossa indiferença. Salvar setenta vidas — menos as centenas de casos de menor importância — é obra rara. Tão rara, Marcos Maçarico, o **sem sapatos em dia de homenagem**, que aqui, muito humildemente, te rendemos o nosso preito e respeito. Obrigado Maçarico, em nome de quantos não conseguem lembrar-se de que te devem a vida.

Marcus Maçarico, não tem medo de falar.

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRÂNDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

BOM APETITE

RESTAURANTE
VELEIRO
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIÀRIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
ENCERRA AOS DOMINGOS

RESTAURANTE
SNACK-BAR
Colina
Rua Filipe Folque, 46-A
Telef. 560209
AMANHÃ
FAVAS À COLINA

Estalagem «A GRUTA DO RIO»

RIO DE MOURO
Telef. 2 98 05 35
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

ADEGA MESQUITA
ceie

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA
QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

RESTAURANTE E BAR
DO
HOTEL ALVORADA
ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA E VARIADA
Telef. 26 00 70
(Frente ao Casino)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

DL/ESTRANGEIRO

Mantêm-se a reserva da Franca quanto á data da "Cimeira dos Dez"

LONDRES, 25 (F.P. e R.) — O ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Maurice Schumann, e o primeiro ministro britânico, Edward Heath, reuniram as medidas a tomar com vista à criação de uma união monetária, tendo também examinado outras importantes questões que serão debatidas na próxima reunião cimeira do Mercado Comum.

A conferência entre Schumann e Heath decorreu em Chequers, onde o primeiro ministro britânico tem a sua residência oficial de Verão.

O ministro francês chegou a Londres com instruções do presidente Pompidou para explicar a Heath os actuais pontos de vista da França relativamente à projectada cimeira dos 10 países do Mercado Comum alargado, que deve realizar-se em Paris em, 19 e 20 de Outubro.

Durante a cimeira, os dirigentes dos 10 países ocupar-se-ão particularmente, das questões monetárias, económicas e políticas relacionadas com a Comunidade Europeia alargada, da qual a Grã-Bretanha, a Dinamarca, a Noruega e a Irlanda passam a fazer parte, a partir do dia 1 de Janeiro.

Ontem, em Bona, Schumann teve também conversações preparatórias com o chanceler Willy Brandt e outros membros do Governo alemão.

Na reunião com Edward Heath estiveram o ministro dos Negócios Estrangeiros, Sir Alec Douglas Home, e o chanceler do Tesouro, Anthony Barber.

Após a reunião, que durou duas horas, Schumann disse estar esperançado em que seja possível realizar a cimeira de Paris na data prevista, acrescentando: «Temos ainda tempo, até dia 11 de Setembro — data em que os ministros dos Negócios Estrangeiros dos 10 se reunem em Roma — para averiguar se existem suficientes razões para realizar a conferência cimeira na data provisòriamente estabelecida».

Schumann frisou que, pessoalmente, está esperançado em que assim suceda, e prosseguiu:

Continuam por resolver alguns pontos importantes e terão ainda de ser vencidas algumas dificuldades antes que possamos, realmente, tomar uma decisão definitiva quanto a essa crucial questão.»

Falando aos jornalistas no aeroporto de Londres, antes de partir para Paris, o ministro francês disse: «estou agora, mais bem informado, embora nunca tenha perdido a confiança. Ninguém acredita que não haja cimeira. A única questão reside em saber se ela deve realizar-se em Outubro ou mais tarde».

«Antes de ser tomada uma decisão definitiva, disse Schumann, é necessário ter a certeza de que a cimeira obterá, resultados positivos». Acrescentou que as dificuldades ainda existentes não estão directamente, relacionados com a França e a Grã-Bretanha.

Segundo círculos oficiais britânicos, a reunião entre Heath e Schumann decorreu numa atmosfera muito cordial, mostrando-se os dirigentes britânicos convencidos de que a cimeira poderá realizar-se na data prevista.

ELEIÇÕES ADIAM A SOLUÇÃO DA QUESTÃO MONETÁRIA

O ministro da Economia e das Finanças da RFA, Helmuth Schmidt, manifestou hostilidade à instauração duma flutuação comum das moedas da CEE em relação ao dólar, posição que partilha o seu colega frances Valery Giscard D' Estaing.

O super-ministro, que se dirigia à comissão directiva do Partido Social-Democrático, acrescentou que a situação no plano monetário, acalmou depois das decisões concretas tomadas pela RFA e pelos EUA. Registou com satisfação as intervenções de Washington nos mercados de divisas, o que prova estarem os Estados Unidos prontos a intervir na defesa dos acordos de Washington e do dólar. Acrescentou que são provisórias as medidas de fiscalização dos capitais decididas em Junho passado pelo Governo de Bonn. Só depois das eleições nos Estados Unidos, na Alemanha Federal e em França é que começará a verdadeira luta pela necessária reforma do sistema monetário internacional, conclui.

Foi entretanto anunciado que Edward Heath, o primeiro ministro britânico, estará na Alemanha Federal de 3 a 7 de Setembro, onde se encontrará, no dia 5, com Rainer Barzel, «leader» da posição, e depois com Willy Brandt o Chanceler. Em Munique, assistirá aos Jogos e depois irá a Kiel assistir, a bordo do seu iate "Morning Cloud" as regatas olímpicas. A 7 regressará a Londres.

Passo em frente no estudo de Marte

MOSCOVO, 25 — (FP) — As duas estações espaciais soviéticas «Marte 2» e «Marte 3», que há oito meses se tornaram satélites do «Planeta Vermelho», terminaram o seu programa científico, anunciou a agência Tass, fornecendo ao mesmo tempo os primeiros resultados desta experiência.

Foi constatado em primeiro lugar que, nas regiões sobrevoadas pelos dois engenhos, a temperatura, variava entre 13 graus positivos e 93 graus negativos (centígrados). Na região do polo norte marciano, descia mesmo a 110 graus negativos.

A conductibilidade térmica do solo pode comparar-se a que teria um terreno arenoso numa atmosfera rarefeita. A pressão atmosférica ao nível do solo marciano é 200 vezes inferior à do nosso planeta.

Perto do solo, a atmosfera marciana compõe-se essencialmente de gás carbónico que, a uma altitude de 100 quilómetros de decompõe numa molécula de óxido de carbono e num átomo de oxigénio. A 300 ou 400 quilómetros de altitude, a atmosfera marciana compõe-se sobretudo de átomos de hidrogénio.

Por último, pode-se supor que Marte possui um campo magnético bastante fraco.

A agência Tass felicita-se, a concluir, com a colaboração entre os dois engenhos soviéticos e a estação americana «Mariner 9». Os dados colhidos através das três sondas permitiram dar um importante passo em frente no estudo de Marte — acrescentou a agência Tass.

Pompidou procura sucessor para Tomasini

PARIS, 25 — (R) — René Tomasini, de 53 anos, o secretário-geral da U.D.R. (Partido Gaullista), demitiu-se do seu cargo, invocando como razão problemas de saúde.

Tomasini, um natural da Córsega, que era deputado conservaodr do Parlamento e que ocupou o cargo de secretário-geral do Partido Gaullista em Janeiro de 1971, submeteu-se no princípio do corrente mês a uma operação cirúrgica.

No entanto, fora o caso da pouca saúde de Tomasini, observadores políticos em Paris julgam que o presidente Pompidou estava ansioso por nomear uma nova personalidade para principal organizador do U.D.R., a fim de serem preparadas as eleições gerais para a próxima primavera, no que se refere a uma campanha com princípio, meio e fim.

Tomasini foi, recentemente, alvo de alegações da Imprensa de que, como membro de uma empresa, estará ligado a um caso escabroso de venda de uma lista roubada de utentes da rádio e televisão para fins de promoções de vendas.

Círculos políticos dizem que o presidente Pompidou pretende, provàvelmente, que o partido evite mais controvérsias, devido à recente maré de escândalos financeiros, envolvendo os gaullistas.

Tomasini era «leader» dos gaullistas ortodoxos que criticavam a política liberal seguida por Chaban Delmas — demitido do seu cargo de primeiro-ministro.

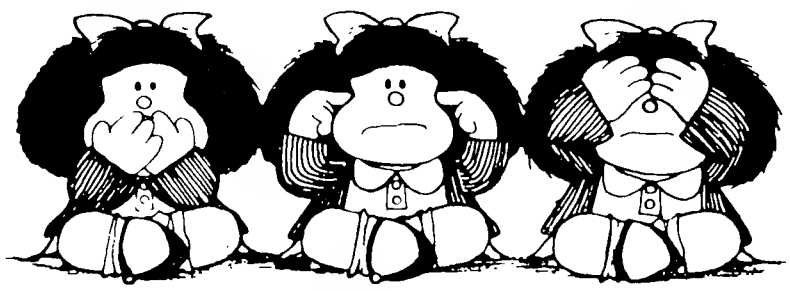
Após ter ocupado o lugar de secretário-geral e organizador do partido, René Tomasini adquiriu ràpidamente a reputação de fundibulário pelos seus ataques contra a liberalização da rede da O.R.T.F., gerida pelo Estado, e pela sua acusação de que os magistrados franceses se mostravam «pusilânimes» na maneira de lidarem com os manifestantes.

Entre os homens mencionados como possíveis sucessores de Tomasini, estão o antigo ministro Alain Peyrefitte, o antigo vice-ministro da Defesa, André Fanton, e o antigo ministro da juventude François Missoffe.

"Pietá": o mesmo olhar

CIDADE DO VATICANO, 25 — (FP) — A «Pietá» de Mihuel Angelo recuperará a intensidade do olhar que a tornava tão justamente célebre. Com efeito, o prof. Redig de Campos, director dos museus do Vaticano e responsável pela restauração da obra, desmentiu a notícia alarmante, dada por um jornal de Milão, de que o olho esquerdo da Virgem teria ficado pulverizado.

em Agosto só lançamos a **Mafalda**
PASSE AS FÉRIAS COM ELA!



que vida, Mafalda!

peça nas livrarias ou directamente à editora
preço: 20$00

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
Rua Luciano Cordeiro, 119
LISBOA

O eventual regresso de Perón provoca tensão na Argentina

BUENOS AIRES, 25 (R) — O exército assumiu o controle da cidade argentina de Córdoba e em vários outros pontos do país, as forças de segurança foram colocadas de prevenção, após o incidente verificado na terça feira, quando se travou violento tiroteio na base naval de Trelew, do que resultou a morte de 16 guerrilheiros que se encontravam presos.

Em Córdoba, as autoridades militares ordenaram a prisão dos dirigentes sindicais que ordenaram uma greve de protesto de 14 horas, em consequência do tiroteio, o qual, segundo um comunicado oficial se verificou quando os presos tentaram evadir-se.

As autoridades militares ordenaram também o encerramento da Confederação Geral do Trabalho em Córdoba. A CGT argentina é dominada por elementos militantes que apoiam o antigo presidente Juan Péron.

O tiroteio na base aérea de Trelew, situada na província da Patagónia, no sul do país, constituiu o sangrento epílogo de uma série de fugas de presos que já tinham começado a semana passada.

Os 16 guerrilheiros mortos na terça-feira, juntamente com mais três que ficaram feridos, tinham sido presos na semana passada pelas autoridades navais, depois de terem auxiliado outros 10 guerrilheiros a apoderarem-se de um avião no aeroporto de Trelew.

Os 10 guerrilheiros seguiram no avião para o Chile onde, segundo foi anunciado, pediram que lhes fossem concedidos salvo-condutos a fim de seguirem para Cuba.

As autoridades receiam que venham a verificar-se hoje incidentes em Buenos Aires, onde os peronistas vão realizar um comício de massas para pedirem o regresso ao país do antigo presidente Pefn, actualmente exilado na Espanha.

Juan Perón, que governou a Argentina durante des anos, até ser deposto há 17 anos, resolveu, aparentemente, ignorar o prazo que lhe foi dado pelo governo militar do presidente Alessandro Lanusse, o qual o informou de que deveria regressar à Argentina até à meia noite de ontem, se pretendesse candidatar-se às eleições presidenciais de Março.

O movimento Jisticialista, peronista, que o nomeou seu candidato às eleições, apoiou tàcitamente as manifestações de protesto contra o que aconteceu na base de Trelew ao permitir que os cadáveres de três dos guerrilheiros urbanos que ali morreram fossem colocados em câmara ardente na sua sede, em Buenos Aires.

Em Tucuman, no norte do país, onde os peronistas se reunem também para ratificarem a nomeação de Perón como seu candidato, o exército assumiu o comando das forças policiais após estudantes terem ocupado a cidade universitária.

Em Rosário, a segunda cidade da Argentina, foram proíbidas todas as reuniões públicas e canceladas todas as licenças concedidas a elementos das forças de segurança.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DL/ESTRANGEIRO

NIXON EM PLENA CAMPANHA:

"UMA PAZ DURADOURA NÃO PODE SER EDIFICADA SENÃO SOBRE A FORÇA"

CHICAGO, 25 (F. P.) — O presidente Nixon declarou-se oposto a qualquer redução unilateral do orçamento militar dos Estados Unidos, contràriamente portanto ao seu rival democrático, o senador George McGovern.

«O meu princípio de base foi e será que a América nunca deve ser relegada para a posição de segunda nação mais poderosa do mundo», declarou ele, perante o congresso anual da «America Legion» (Antigos Combatentes), acrescentando: «enquanto eu for presidente, a América nunca terá de negociar com os seus adversários a partir de uma posição de fraqueza».

«Uma paz duradoura, prosseguiu o presidente, não pode ser edificada senão sobre a força, e a fraqueza é um risco que nunca devemos correr».

Nixon declarou-se, todavia al favor de economias no orçamento militar, sempre que a segurança dos Estados Unidos não for posta em perigo.

Mostrou claramente a sua oposição ao seguinte: desistência da produção dos «Minuteman 888» e dos mísseis anfíbios «Poseidon», redução de 60 por cento da aviação estratégica, anulação da construção do bombardeiro «B-1«, redução do número dos porta-aviões e qualquer diminuição unilateral das forças armadas dentro da NATO...

Estas medidas, segundo o presidente Nixon, enfraqueceriam consideràvelmente a defesa dos Estados Unidos na Europa e no Médio Oriente, e comprometeriam o seguimento das conversações relativas à redução dos armamentos estratégicos (SALT).

Quanto à sua política militar no Vietname, o presidente fez notar que meio milhão de soldados tinham já sido repatriados «sem trair os nossos aliados, sem capitular perante os nossos inimigos e sem abandonar aqueles dos nossos homens que são prisioneiros de guerra ou declarados desaparecidos».

«Há quem ache que o caminho que conduz à paz é bastante longo, concluiu o presidente Nixon. Têm razão. Mas encontro, por meu lado, algo que justifica um optimismo racional e uma esperança prudente para o futuro. Em Pequim, em Moscovo e nas capitais aliadas, apercebi-me de um desejo de paz suficientemente forte para que possamos contar com ele, com a condição todavia de que a América não desguarneça a sua defesa».

SAIGÃO CONTENTE COM A POLÍTICA «DURA»

O tom firme do discurso do presidente Nixon em Miami certamente aliviou e tranquilizou o regime de Saigão, embora não tenha ainda sido registada qualquer reacção oficial no palácio presidencial ou junto do ministério dos Negócios Estrangeiros sul-vietnamita.

Mas, nos meios próximos do Governo saigonês mostra-se satisfação pela reafirmação da política "dura" do presidente americano.

Na ausência de reacções oficiais, o jornal vietnamita "Tin Song", que se diz reflectir o pensamento do palácio presidencial, salienta, em título grado, na primeira página, que o presidente Nixon "não deixará os comunistas dominar o Vietname do Sul. Compromete-se a nunca largar os aliados".

Por seu turno, o "Dien Tin", da oposição, próximo do general Duong Van Minh (o grande Minh) apresenta em título: "Nada de novo a propósito do Vietname. Não se pode ainda prevêr quando será restabelecida a paz"

QUERER OU TOLERAR UM GOVERNO

O secretário de estado William Rogers revelou que um conjunto de seis "destroyers" da Sexta Esquadra americana se irá instalar no seu novo porto do Pireu, nos primeiros dias de Setembro.

Comentando a posição dos deputados liberais que se opõem ao estabelecimento de relações entre Washington e o regime militar de Atenas, Rogers, declarou que aquele acordo servia não só os interesses da Grécia e dos Estados Unidos, como também os da NATO.

Depois de lembrar a crescente presença soviética no Mediterrâneo, Rogers respondeu às críticas de McGovern segundo as quais deveriam ser cortados todos os auxílios económicos ou militares à Grécia: "não creio que devamos fazer ameaças ou impôr medidas para levar outro Governo a conduzir os seus assuntos segundo a nossa perspectiva".

Após ter feito o elogio do sistema democrático, acrescentou que o tipo de Governo dum pais depende "do que o seu povo quer ou tolera".

O porto do Pireu deverá também servir de base permanente a um porta aviões da Sexta Esquadra.

CONSELHEIROS PARA MCGOVERN

O senador George McGovern resolveu nomear para seu auxílio 17 novos conselheiros de política estrangeira. O chefe destes, Abram Chayes, antigo conselheiro jurídico do Departamento de Estado e professor de direito em Harvard, dirigir-se-á de imediato a Israel e à Europa ocidental, a fim de explicar que o candidato democrático não é um isolacionista.

Segundo Chayes, as acusações de isolacionismo que os republicanos lançaram contra McGovern não têm qualquer fundamento, mas encontraram um certo eco nos meios políticos de Além-Atlântico.

Este grupo de conselheiros compreende ainda o antigo senador Eugene McCarthy, o ex-embaixador nas Nações Unidas Arthur Goldberg, Cyrus Vance, chefe da delegação americana às negociações de Paris durante o Governo de Johnsdn, Nicholas Katzenbach, ex-subsecretário de estado e Victor Reuther, que fez parte da presidência da secção para os assuntos internacionais do Sindicato da Indústria Automóvel.

SITUAÇÃO MONETÁRIA "CONSIDERÁVELMENTE ALIVIADA"

BONN, 25 — (ANI) — A situação monetária internacional foi «consideràvelmente aliviada» devido ás recentes decisões financeiras tomadas pelos Governos norte-americano e alemão — declarou o ministro federal da Economia e Finanças, Helmut Schmidt.

Falando perante os líderes do Partido Social-Democrático, Schmidt declarou que esta mudança permitiu que ele e o ministro francês Valery Giscard D'Estaing reafirmassem nas suas últimas conversações que as moedas europeias não flutuarão contra o dólar norte-americano.

Os Estados Unidos — disse Schmidt — mostraram claramente que estão dispostos a intervirem no mercado monetário, a fim de aguentar o valor do dólar e defender os acordos monetários de Washington.

O ministro acrescentou que o controle das tropas internacionais, imposto pelo Governo alemão em Junho, será apenas uma medida temporária».

PEQUIM ACUSA WASHINGTON DE PROVOCAÇÃO

PEQUIM, 25 (F.P.) — O governo chinês dirigiu ao governo dos Estados Unidos um protesto em virtude dum avião americano ter bombardeado um navio de carga chinês no porto norte vietnamita de Hon Ngu, anuncia a agência Nova China, acrescentando que cinco marinheiros foram mortos.

Depois de qualificar este bombardeamento como «provocação ao povo chinês», o governo de Pequim declarou que se reserva o direito de pedir uma compensação e exigir que o governo americano «ponha fim a tais provocações».

Os bombardeamentos americanos sobre a capital norte-vietnamita recomeçaram na noite de quarta-feira para quinta após uma breve acalmia de quatro dias devida às más condições atmosféricas. De facto, desde domingo passado qua as trombas de água não tinham cessado de cair.

Aproveitando um céu mais clemente, a aviação americana, entre dois aguaceiros tropicais, e apesar dum «Plafond» relativamente baixo, largou, cerca das três horas da manhã, várias bombas a cerca de uma dezena de quilómetros do centro de Hanói.

SITUAÇÃO PREOCUPANTE EM DANANG

Começou o êxodo dos 10.000 habitantes de Thang Binh, penúltimo «ferrolho» antes de Danang. A cidade é agora batida pela artilharia comunista e pela aviação americana.

Os bombardeamentos dos canhões comunistas causaram cinco mortos e já destruíram 200 casas. Os milicianos das forças regionais e populares encarregadas da defesa da cidade fogem com os civis.

Declara-se, no posto de comando das operações, que a artilharia sul-vietnamita é muito mais fraca do que os canhões pesados que atiram a 30 quilómetros e só podem ser destruídos pela aviação.

A missão imediata das tropas sul-vietnamitas é de conservark Thang Binh a fim de proteger a base «Baldy», que fica a alguns quilómetros mais ao norte, e a sede do quartel general da 2.ª divisão.

Em Danang, declaram de fonte americana que a situação e muito preocupante. Espera-se um ataque das forças comunistas sobre Hue e Danang. (F.P.)

MERCADO DO CAFÉ

OS CONSUMIDORES DISPOSTOS A DIALOGAR COM O "GRUPO DE GENEBRA"

LONDRES, 25 — (F. P.) — O grupo dos consumidores da Organização Internacional do Café assentou nas grandes linhas gerais duma contra-proposta dos produtores do Grupo de Genebra.

A ideia é suspenderem os contigentes das exportações a partir do momento em que o preço compósito das quatro categorias de café ultrapasse um cêntimo de dólar americano.

Durante o período de suspensão, os selos de controlo distribuidos pela O. I. C. aos exportadores deixarão de ter curso, mas os certificados de origem exigidos pelos importadores e que lhes são transmitidos pela O. I. C. permitiriam manter a contabilização das exportações.

Esta disposição contra a subida acompanhar-se-ia de duas garantias: uma contra futuras desvalorizações dos países importadores e perturbações monetárias susceptíveis de afectar os preços do café, e a outra estabelecendo, para o caso de os preços descerem abaixo dum certo nível, uma divisão equitativa e proporcional dessa baixa.

Quanto aos ajustamentos selectivos de contingentes ter-se-á em linha de conta a proposta dos Países-Baixos, apoiada pela Alemanha Federal, de os prever, tanto para a alta, como para a baixa.

O projecto de contra-proposta, devido em grande parte á delegação francesa, está agora a ser estudado e desenvolvido por um grupo de especialistas representando os seguintes seis países importadores: Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha Federal, França, Holanda, e Canadá.

Os consumidores têm hoje uma segunda reunião para a elaboração do texto definitivo a apresentar ao comité executivo.

O termo inesperado do empate que imobilizava, há 10 dias, os trabalhos da O. I. C. resulta de trocas de opiniões intensas no grupo dos consumidores, e apesar de rejeitarem categòricamente o Grupo de Genebra como interlocutor válido no âmbito do O. I. C. os consumidores mostraram-se de facto, dispostos a entabular o diálogo, desde que o Grupo de Genebra não pretenda criar um organismo paralelo ao do Acordo Internacional.

Bom número de países importadores, não escondem que a recusa do reajustamento dos preços pedido pelos produtores logo a seguir á desvalorização do dólar está, no fim de contas, na causa directa da criação do Grupo de Genebra.

«Não se voltará atrás sobre o caminho andado desde a criação do Acordo Internacional, há dez anos. Os produtores agora tomaram consciência da sua força», comentava um membro importador do O. I. C.

EXPLOSÃO EM SAN SEBASTIAN: A POLÍCIA ACUSA OS SEPARATISTAS

SAN SEBASTIAN, 25 — (R) — Uma explosão destruíu um momento à Guerra Civil espanhola, erigido num cemitério perto da cidade basca de San Sebastian,no norte de Espanha.

Segundo círculos policiais, ficaram ligeiramente feridas duas pessoas.

Trata-se da sexta explosão durante o mês corrente na província basca, que a polícia atribui a extremistas do movimento basco separista ETA.

O monumento era dedicado àqueles que morreram na Guerra Civil espanhola de 1936-39 e situava-se num cemitério em Hernani, seis quilómetros a sul de San Sebastian.

Entretanto um separista basco espanhol, Eustachio Mendizabal, foi condenado em Biarritz a um mês de prisão por ter entrado ilegalmente em França.

Mendizabal, que os jornais espanhois dizem ser um «leader» militar da organização separatista basca ETA, foi também condenado a mais quinze dias de prisão, por transportar ilegalmente uma arma de fogo, sendo-lhe aplicadas multas que totalizam 1.800 francos.

Depois do julgamento, nacionalistas bascos tiraram à força duas máquinas fotográficas das mãos de dois polícias espanhóis vestidos à paisana, dizendo que eles tinham estado a tirar fotografias dos separistas bascos que se encontravam entre a audiência.

A prisão de Mendizabal, na passada semana, levou os separatistas a distribuirem panfletos nas estâncias do sudoeste da França, panfletos a avisarem os tribunais que não ajudem mais as autoridades contra os partidários da causa separatista. Segundo aconteceu, foram turistas que agarraram Mendizabal, quando ele procurava fugir das autoridades.

O sucessor de Schiller no SPD

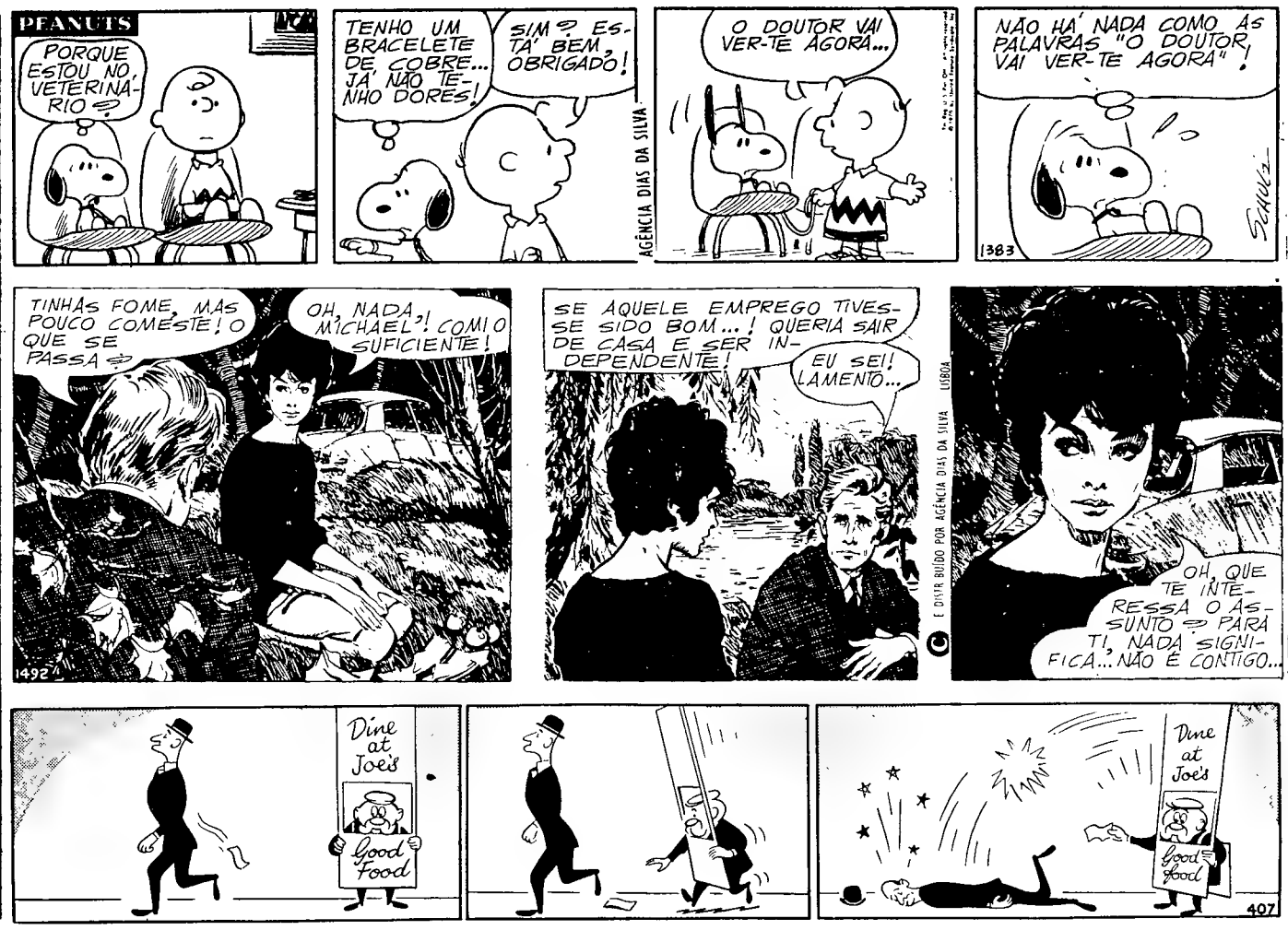
BONN, 25-(FP) — Hans-Jochen Vogel, antigo burgomestre de Munique e presidente da secção bávara do SPD, foi eleito para director do Partido Social Democrático em substituição de Karl Schiller, antigo ministro da Economia.

Schiller foi também substituído na presidência da comissão económica junto da directoria pelo ex-ministro das Finanças, Alex Moeller.

A directoria reuniu com a presidência do chanceler Willy Brandt, o qual reafirmou que as eleições legislativas antecipadas terão lugar, o mais tardar, em 3 de Dezembro próximo. A plataforma eleitoral do SPD, indicou ele, será adoptada durante o mês de Setembro.

LADY EUROPA 1972

A francesa Michelle Joelle (ao centro), loura de 21 anos, foi eleita «Lady Europa 1972» e anunciou que pretende uma oportunidade no cinema. Para os dois lugares seguintes foram escolhidas Karingoron, de 22 anos, representante da Hungria, e Maud Bertelsen, de 28, da Dinamarca. Antes da votação, tinha-se como certa a eleição da alemã Solvi Stuberg, actriz conhecida como «rapariga da cerveja» pela sua apresentação nos anúncios da Televisão.



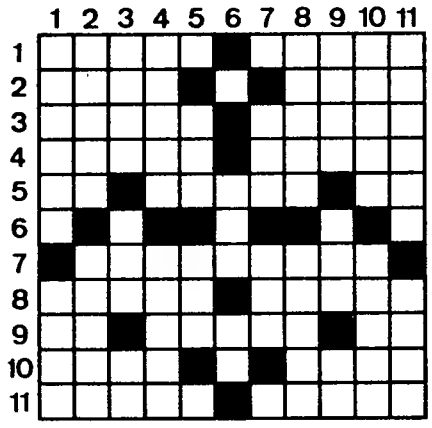
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10176

HORIZONTAIS

1 Termina.. Antiga medida de extensão, correspondente a 2 m2.
2 Ódio (Prov. minh.). Desejar.
3 Nome de planeta. Agite
4 Cidade do Chile. Ofício divino
5 Nota musical. Aspecto garboso de pimponice em mancebo ou moça solteira (Prov. Trasm). Atmosfera
7 Acto de armar.
8 Pronome relativo (pl). Ligara.
9 O mesmo que uma (ant e pop) Serra de Portugal. Antes do meio dia.
10 Princesa amada por Posídon. Derrote
11 Árvore sapotácea indiana. Transigir



VERTICAIS

1 Esmorecera (fig.). Aquele que
2 Desliza. Ao acaso (Bras).
3 Rio do estado do Pará. Larva das feridas dos animais. Estrépito de desmoronamento.
4 Escabelo. Representar por gestos.
5 Ilha da Polinésia. Pegadeira.
6 Álcool de melaço. Troça
7 Estime. Pronome pessoal.
8 Espécie de jogo popular. Rainha lendária da Frígia.
9 Estimas. Joeira. Preposição latina que designa movimento
10 Fatiga. Louco
11 Limpara metais. Apreciar

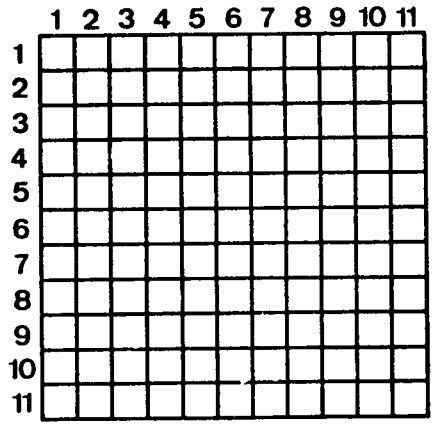
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6332

HORIZONTAIS

1 Aqui. Muito devota. Tálio (s.q.)
2 Governanta. Nome de planeta. Grande.
3 Liga de cobre e zinco. Irritantes
4 Tempo do verbo ir. Antiga língua de Java
5 Dá. mios. Suspiros. Extremidade do braço.
6 Antepassados. Pronome pessoal (pl)
7 Suspiros. Coragem.
8 Antes do meio dia. Corar. Actínio (s.q.)
9 Cidade de Itália. Chefe da Igreja católica
10 Anima. Proferem
11 Dás uivos. Empurra



VERTICAIS

1 Cigana (Bras). Sura ou vinho de palmeira, cozido duas ou três vezes (India Port).
2 Gostaria muito de. Instiguei
3 Inflamava. Mil e quatro em romano
4 Amónio (s.q.). Enfeitava com objectos de oiro.
5 Gavinha. Queimo. Artigo definido.
6 Ouro (s.q.). Letra grega. Freguesia do concelho de Ponte de Lima
7 Ave pernalta do Brasil. Enxuga. Nota musical.
8 Duzentos em romano. Imbecis.
9 Gostar de (pop). Naquele lugar.
10 Escuridão. Mamífero desdentado espécie de tatu.
11 Insecto que ataca os géneros alimentícios. Dispõe em camada

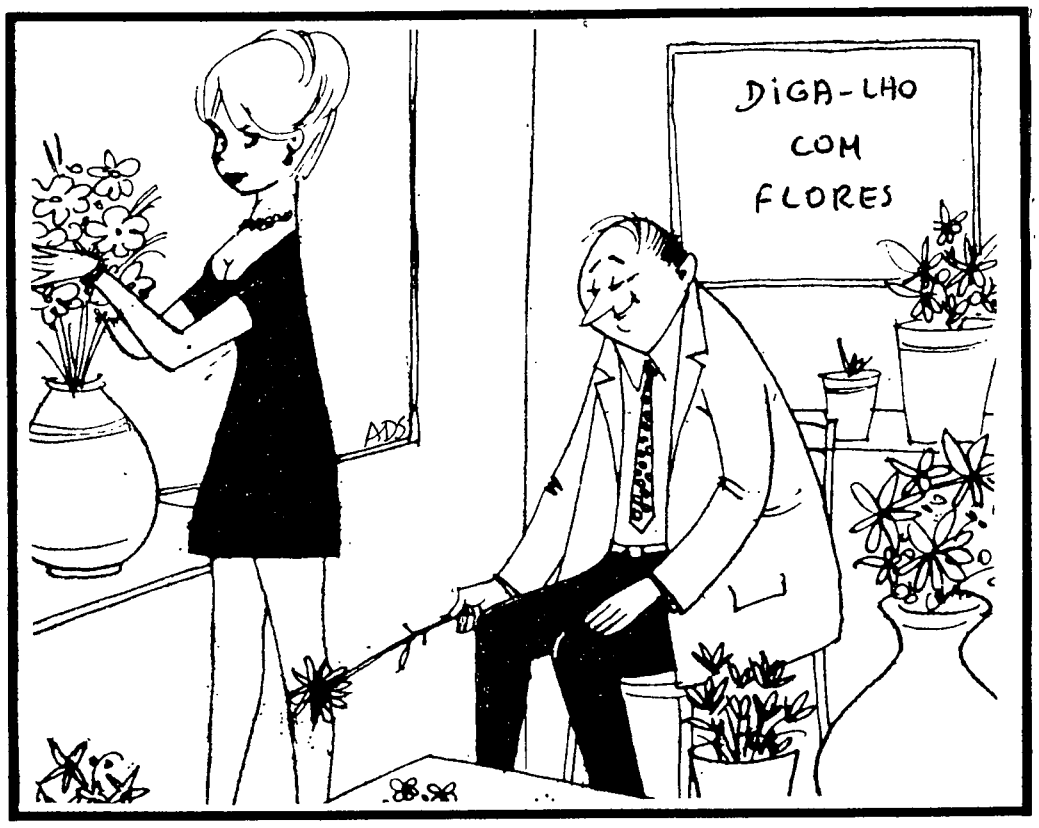
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10175

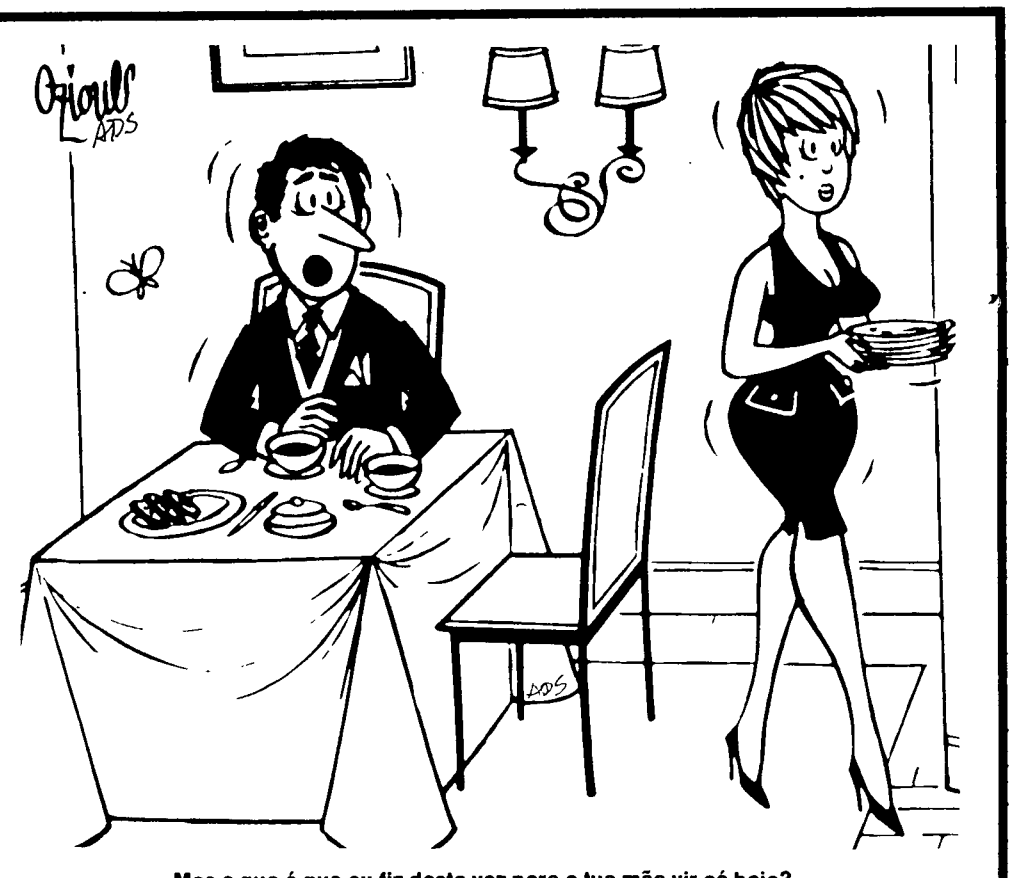
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Dilui. Valas.	1 Doara. Quase.
2 Atraída.	2 REI. Ulo.
3 Ar. Ar. Dá. Cr.	3 Lá. Somem. DÁ.
4 Res. Aba. Par.	4 Uta. Sem. Sol.
5 Aios. Demo.	5 Irra! Rosa.
6 Mearias.	6 A. Barbo.
7 QUEM. Rati.	7 VIDA. Idas.
8 Ulm. Rói. Sam.	8 Ada. Dar. Ará.
9 Ao. Só. DÁ. Op.	9 La. Pesas. Al.
10Doseara. O.	10Cam. Tão.
11Emala. Salas.	11Serro. Impôs.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6331

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Raz. Meã. Sus!	1 Raso. Quioto.
2 Arado. Sismo.	2 Arada. Ramos.
3 Sá. Irosa. Em.	3 Zá. Ilhar. Ro.
4 Odiar. Utara.	4 Diabo. Ain.
5 Alba. Mano.	5 Morraça. Mas.
6 Hocaido.	6 Aedo.
7 Ura. Aer. Tal.	7 Assumir. Hás.
8 Iara. Cora.	8 Datai. Cor.
9 Om. Imolo. Ad.	9 SS. Anoto. Os.
10Torna. Aromo.	10Úmero. Arame.
11Oso. Sés.	11Soma. Alados.

PROVÉRBIO: Quem dá o rei, dá a vida.





— Mas o que é que eu fiz desta vez para a tua mãe vir cá hoje?

JOGOS OLÍMPICOS

LORD KILLANIN: UMA HORA PARA BEBER

MUNIQUE, — Lord Killanin, eleito na quarta-feira de manha Presidente do Comité Olimpico Internacional, concedeu uma conferência de Imprensa, não como Presidente, mas como Vice-Presidente encarregado das relações com a imprensa, pois o seu novo mandado só começa depois dos Jogos.

Contudo, apertado com perguntas, e embora protestasse não estar ainda habilitado, Lord Killanin respondeu aos seguintes pontos:

— Ingerência política no movimento olímpico:

«O CIO sempre esbarrou com problemas políticos inevitáveis, mas o que importa é que não sejam provocados por pressões políticas».

— Jogos Olímpicos de Inverno:

«É preciso consultar os membros do CIO, assim como os Comités Nacionais e as Federações Internacionais. É necessário um estudo».

— A revisão do art.º 26 sobre a elegibilidade (qualificação) dos atletas nos Jogos Olímpicos:

«Foi decidido que o art.º 26 seria revisto eventualmente depois dos jogos de Munique e de se haver recebido um relatório da comissão de elegibilidade.

«Os Desportos podem ser divididos em três grupos: de equipamento (Esqui, Vela Equitação), de espectáculo (Futebol, por exemplo) e esoterico (como o Tiro com Arco). Os do primeiro são alvo de pressões comerciais, os do terceiro não causam inquietações neste capítulo.

«É certo que convém mais o art.º 26 às necessidades deste último quarto de século, mas sempre lhes direi muito concretamente que sou contra os jogos «abertos».

— O gigantismo dos Jogos:

«É um dos problemas mais importantes, pela força das circunstâncias, quanto maia atletas, mais jornalistas, mais fotógrafos, etc... Na Aldeia Olímpica de Munique há perto de 14.000 pessoas. Na minha terra, é uma cidade. Temos que atacar este problema e tentar achar uma solução. Talvez se possa resolver este problema com a supressão de certas disciplinas, mas acrescentou, sorrindo, com o progresso poderemos organizar em breve jogos sem atletas graças às máquinas electrónicas».

Lord Michael Killanin, novo presidente eleito do Comité Olímpico Internacional. Um irlandês sorridente, de 58 anos de idade, emérito provador de «whisky» e apreciador de uma boa cachimbada.

Um jornalista perguntou-lhe como é que ia conciliar as suas ocupações e as suas funções de Presidente do CIO e Lord Killanin retorquiu-lhe:

«Durmo 7 a 8 horas por dia, bebo durante cerca de uma hora e trabalho todo o resto do tempo. Contudo, serei obrigado a renunciar a algumas das minhas ocupações. Mas, enquanto que Brundage morava em Chicago, eu estou numa situação diferente, pois os meus três vice presidentes não vivem longe de mim. Evidentemente, habitarei frequentemente no palácio de Vidy».

Lord Killanin terminou a sua conferência de Imprensa com um gracejo. Como lhe perguntassem se gosta de champanhe, retorquiu: **«Não, nunca bebo champane, mas talvez me possam acusar de fazer publicidade a certas marcas de whisky»:**

Por outro lado, Lord Killanin forneceu os seguintes esclarecimentos quanto ao ponto da ordem do dia examinado na quarta-feira durante a 73ª sessão do CIO:

— Relações com a cidade de Lausana quanto ao Palácio de Vidy e o Museu Olímpico:

«As relações com a municipalidade são excelentes mas será preciso achar uma solução para o Museu.

— Segundos jogos africanos:

«Os países africanos pediram que estes jogos passem a chamar-se «Jogos Pan-Africanos». O CIO opôs-se por neles não participarem a África do Sul e a Rodésia.

— Direitos de Televisão:

«Serão repartidos do seguinte modo: um terço para o CIO, um terço para as Federações Internacionais e um terço para os comités nacionais. Contudo, o CIO entende dever administrar o dinheiro destinado nos CNO e, em vez de lhes pagar em metal sonante, fornecer-lhes serviços que estas lhes solicitem, por exemplo, treinadores e material.

— Fundo de solidariedade olímpico:

«Até agora obtiveram-se 500.000 dólares americanos.

— Comercialização em Munique:

«Devido a haver-se verificado em Munique uma fantástica progressão da comercialização dos Jogos Olímpicos, em particular no capítulo da utilização de emblemas olímpicos, vai ser reforçado o regulamento no que se refere à fiscalização e os contratos assinados pelas comissões de organização com as formas comerciais terão que ser aceites pelo CIO.

— Universíadas de Moscovo em 1973:

«O dr. Lebiolo (Itália), presidente da Federação internacional do Desporto Universitário, pediu o patrocínio do CIO para esta Universíada, o qual lhe será concedido com prazer depois de se verificar que os regulamentos desta federação se harmonizam com os do organismo olímpico» (F.P.)

DE MUNIQUE, EM TONS VÁRIOS

Uma agência funerária de Munique está a desenvolver grande actividade na distribuição de folhetos nos quais se oferece para o «transporte discreto» dos visitantes que faleçam durante os Jogos Olímpicos — anunciou a DPA.

Para garantir a discrição, «Evitando o constragimento de tais ocorrências nos dias de festa que são as olimpíadas», a agência afirma que os seus veículos e cangalheiros andarão de cinzento nessas ocasiões.

Os desportistas que participam nas provas olímpicas de Vela em Kiel serão submetidos para o controle anti-doping» a uma análize da urina, a efectuar num laboratório de Munique, para onde as amostras, seguirão de avião. O prof. suiço Rudolf Schoenholz, responsável por este controle, declarou que os resultados das análises serão conhecidos no prazo de 24 horas.

A rainha Isabel II de Inglaterra visitará Munique durante cinco dias na próxima semana, em plenos jogos olímpicos.

A soberana deve chegar na terça-feira a Munique, partindo no sábado seguinte, pouco antes do primeiro-ministro inglês Edward Heath chegar à capital da Baviera.

A rainha será recebida pelo presidente da Alemanha Federal, Gustav Heinemann, no primeiro dia da sua visita, que foi definida como «particular».

Depois da recepção, a rainha e sua filha, a Princesa Ana, visitarão o «Muenchner Residenz» o antigo castelo dos reis bávaros, tendo como guia o Primeiro-Ministro da Baviera, Alfons Goppel.

A Munique para assistir aos Jogos Olímpicos o pugilista mexicano frutuoso Arricole de Leon, de 28 anos.

Leon, que atravessou o Atlântico a bordo de um barco de carga, prosseguiu a marcha iniciada em Janeiro pela Espanha, França, Suiça e Austrália, tendo obtido em todas as regiões que palmilhou certificados da sua passagem.

Findos os jogos, o pugilista tenciona ir ao Vaticano pedir uma audiência a sua santidade, após o que regressará ao México — desta vez de avião.

A Federação Internacional de Basquetebol — A que maior número de praticantes representa: 91 milhões — viu aumentado o número de associações filiadas de 127 para 132.

No congresso desta modalidade foram com efeito admitidos o Borneu, a Costa Rica, o Haiti, o Iemene do Sul e San Marino.

O futebol continua a ser o «rei» com 150 membros federados.

O comité organizador dos Jogos Olímpicos mandou distribuir bilhetes gratuitos no valor de 1,25 milhão de marcos (10.600 contos).

Os contemplados são essencialmente jovens e pessoas que de qualquer maneira contribuiram para a realização das olimpíadas.

Um atleta soviético não deverá ser entrevistado sem a presença do seu treinador e nenhum deles poderá falar sem estar o «responsável das entrevistas».

Foi um jornalista francês quem fez a descoberta ao pretender entrevistar um ginasta russo.

REGISTO

CICLISMO; O Pinheiro de Loures leva a efeito nos próximos dias 2, 3 e 4 de Setembro algumas provas para amadores as quais perfazem o já tradicional «Circuito de Pinheiro de Loures» — Em Cantanhede, no dia 21 de Setembro, o «Marialvas» realiza uma prova destinada a corredores profissionais, a qual se disputará no Campo da Feira.

DO FUNCHAL: Isaque, que inicialmente foi pretendido pela Académica, e que agora, no período de defeso, chegou a ser dado como certo no União de Coimbra, abandonou tal hipótese, apesar das negociações estarem já bastante adiantadas, por motivo da sua situação escolar.

Isaque revalidou o contrato com o Maritímo, por mais três épocas.

NATAÇÃO: Se forem ultimados alguns pormenores ainda pendentes, deverão deslocar-se ao Funchal, no próximo fim-de-semana, para participarem em dois festivais a realizar na Piscina do Lido, os nadadores Henrique Vicêncio, Bessone Alves e Ana Rosa Jorge, três recordistas nacionais e dos melhores nadadores portuguesas de todos os tempos. Virão acompanhados do seu treinador Dr. Yockoschi.

ANDEBOL: O Sporting defronta o Banik, da Checoslováquia na primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus de Andebol.

XADREZ: Com vantagem numérica de Boby Fischer, que tem mais um peão, foi interrompida ao 42/0 lance e prossegue amanhã a décima oitava partida do Campeonato Mundial de Xadrez, em que Boris Spassky defende o título.

JOAQUIM JORGE; Regressa definitivamente a Lourenço Marques, sua terra natal, em Setembro próximo, o futebolista Joaquim Jorge, que será homenageado pelo Vitória de Guimarães no dia 3.

Joaquim Jorge vem dedicar-se à pesca, ajudando seu pai.

GRANDE PRÉMIO NOCAL: Está garantida a presença nesta prova das equipas metropolitanas do Benfica e do F. C. Porto, decorrendo ainda negociações com vista à participação da Coelima. Concorrerão as equipas angolanas da Ulisses (Nova Lisboa), Futebol Clube do Lubango (Sá da Bandeira) e Grupo Desportivo dos Móveis Triunfo (Benguela), já inscritas, aguardando-se ainda a inscrição do Sport Luanda e Benfica, do Futebol Clube de Luanda e da Lavandaria Coimbra, bem como, provàvelmente, como individuais, dos dois únicos praticantes do Sporting Clube de Luanda. A prova deve reunir cerca de 60 ciclistas o que, a confirmar-se, constituirá recorde de presenças em provas ciclistas angolanas.

F. C. PORTO; Em jogo de futebol disputado ontem á noite, o F. C. do Porto venceu o Pontevedra, nas Antas, por duas bolas a zero.

MOSCAS MORTAS NO XADREZ

REYKJAVIK, 25 — Um professor de química procedeu à análise das cadeiras rotativas de cabedal negro de Boris Spassky e de Bobby Fischer, avaliadas em 470 dólares cada, e confirmou que são exactamente iguais.

Um técnico de electricidade descobriu duas moscas mortas na instalação eléctrica.

O dr. Sigmundur Gudbjarnason, que é professor de Química da Universidade da Islândia, revelou que tinha recebido amostras das duas cadeiras, como parte de um inquérito pedido pelos russos, que acusaram Fischer de «usar aparelhos electrónicos e substâncias químicas» para vencer Spassky.

«Recebemos amostras das cadeiras, do ar existente na sala, das paredes e de ambos os lados do tabuleiro de xadrez — disse o químico. — **Pusemos tudo em sacos de plástico, com etiquetas».**

O professor diz que as amostras foram experimentadas com vários diluidos e outros produtos químicos e depois numa máquina rotativa, que apresenta os resultados em dois diagramas.

«As cadeiras são exactamente iguais — declarou o professor — **os resultados serão entregues à Federação Islandesa de Xadrez».**

Uma firma de raios, fez testes às cadeiras e ao ar da sala.

Dadi Augustin, um engenheiro eléctrico de Reykjavik, foi chamado para abrir e investigar a instalação eléctrica, por cima do local do jogo, em busca de «aparelhos electrónicos».

«Depois de um exame cuidadoso — disse Augustin — **encontrei duas moscas mortas na instalação eléctrica».** (ANI)

DL/DESPORTOS — CICLISMO

É O MÉDICO QUEM DEFRAUDA A CORRIDA

«Inacreditável: em toda a minha vida, nada vi igual a isto. Verdadeiramente inacreditável. E triste, também.»

Quem me diz isto, é Frederico Bahamontes, a «Aguia de Toledo» como é mais conhecido, e que na tarde de ontem nos convidou a percorrer a etapa entre Envendos e Abrantes, no seu carro de matricula TO-39563, sempre situado na cauda do pelotão por não estar reconhecido como sendo da caravana, e também porque era ali que se via muito da verdade desta Volta.

Inacreditável, também digo eu. Pelo que viram os meus olhos, e também pelo muito que quero à verdade desportiva, é importante que testemunhe aos meus leitores: a humanidade de um médico ou de um enfermeiro, nada tem a ver com a fraude a uma prova desportiva.

Mas, contemos tudo desde o principio...

Esta foto não documenta os factos apontados acima por haver sido tirada em outra circunstância. Aqui é o sangalhense Manuel Lote a receber assistência e vá lá, vá lá, sem se apoiar no carro do médico. Essa «muleta» tem sido uma solução para a «falta de pernas» de alguns corredores. Mas ao cabo e ao resto que é isso comparado com as irregularidades verificadas no contra-relógio Tavira-Loulé? E agora, na caminhada para Abrantes?

Ao principio de tudo, é a história da primeira etapa do dia, corrida entre Montemor e Envendos: a eterna história das fugas e das recuperações, só que desta vez havia realmente um forte motivo para chegar primeiro onde quer que fosse. Os muitos prémios anunciados para as terras do trajecto, fizeram com que Felix Gorostizaga, Eusébio Pereira, Manuel da Costa, Custódio Gomes, Manuel Luís, António Teixeira e Américo Vieira saissem do pelotão em busca das 17 metas particulares. Os mais felizes foram o portista Custódio Gomes que foi o primeiro a passar em S. Giraldo e em Ciborro, o Manuel Luís que as gentes de Brotas viram primeiro e Eusébio Pereira que ganhou dois prémios particulares. SÃo muito louváveis estas iniciativas, pois elas emprestam a corrida uma série de atractivos extra que fazem movimentar muito os ciclistas. Só que não podemos tolerar, é que os «donos» desses prémios coloquem as metas onde muito bem lhes apetece (às vezes em frente das suas próprias casas), pois por vezes (quase sempre) acontece que são colocadas em descidas que não favorecem nem os mais fracos nem os mais fortes. Quando muito, os mais fortes...

Mas, não é por isso que o gato vai ao leite...

Esta série de prémios, fez com que, na primeira hora de corrida, se percorressem 41 quilómetros, o que era muito bom, não obstante o tempo se mostrar a contento de todos. Em Mora, o primeiro a passar foi Francisco Miranda, e aos 72 quilómetros de prova, o Eusébio Pereira tenta safar-se novamente do pelotão. Na sua roda (e com indicações para lhe travar a fuga) foi o sportinguista Victor Rocha que no entanto, quatro mil metros galgados, recebe instruções do seu treinador (Manuel Graça), para colaborar na fuga. E compreende-se porquê: ao Sporting, interessa, igualmente, a primeira posição colectiva.

Com duas horas de corrida, eztavam conquistados 81 quilómetros ao itenerário, e é quando um homem da Coelima vem para a cabeça do pelotão puxar na tentativa de anular a vantagem dos isolados. Ponte de Sôr é atingida com sete minitos de avanço sobre o pelotão, e aos 100 quilómetros o avanço dos dois em fuga é de 1m e 25 segundos. A Coelima vem toda para a cabeça do pelotão, e doze mil metros mais adiante, Vitor e Eusébio vêm-se engolidos pela massa de ciclistas.

A terceira hora de cojrida dá-nos 124 quilómetros conquistados, e na subida de Belver, Juan Jerez e Firmino Bernardino tentam a sua chance. Chegam a ter 50 metros de avanco, e inicia-se aqui a fase mais dramática da etapa: afuga não vai ávante, mas o pelotão fracciona-se. A súbida é espectacular, e as curvas sucedem-se como fio dentro de algibeira. Uma descida, outra subida, nova subida e a estrada novamente a descer. E mais curvas: novas e perigosas curvas. A cinco metros do risco final, o primeiro a passar é Fernando Mendes, e é quando o Jorge Fernandes do Tavira choca com o carro do director da corrida e se registam as quedas de Azevedo da Silva, Francisco Miranda e do portista Manuel de Sousa, que é o que mais sofre (sangrava abundantemente da cabeça). Chega-se por fim ao entusiasmo do público de Envendos: o tempo gasto de 3h 50m e 45s, correspondia à media de 38,223.

A FRAUDE DESPORTIVA CORREU ENTRE ENVENDOS E ABRANTES

Não sei quem é o senhor que em Abrantes me quiz prender, nem isso me apoquenta: só sei que meus olhos viram a fraude correr a etapa entre Envendos e Abrantes e que tenho de utilizar estas colunas para denunciar o facto. Com nomes. Com testemunhas. O senhor que me quiz prender que se apresente, já que colocou meu nome e totografia em tudo quanto escrevo acerca desta Volta.

Por amável convite de Frederico Bahamontes (que ontem mesmo atravessou a fronteira portuguesa, para observar os rapazes que mandou a esta Volta), fiz esta etapa no seu carro, cá bem atraz de tudo, já que aquilo que esperava ver era bem mais importante do que aquilo que todos queriam observar: a luta pelos primeiros lugares. Pois bem: foi para o carro de Bahamontes e vi muita coisa que nunca pensei pudesse ver. Vi, por exemplo, o António Guedes (ambos da Ambar), agarrados a uma motocicleta, percorridos que eram, apenas 17 quilómetros de prova. Vi (quando faltavam 16.800 metros para o final), o «coelima» José Ribeiro atirar-se para o chão, para logo ir rebocar-se no carro do médio durante 16.300 metros. Vi o ambarista António Guedes e o tavirense Carlos Vitorino agarrados ao carro do médico da prova (lado esquerdo), serem rebocados, também, uma porção de quilómetros. V... não terei visto mais nada a não ser um sujeito de fato aos quadrados, que se intitulou oficiall ddoo exe-me ordem de prisão, quando fui perguntar ao dr. Barreiros de Magalhães, como era aquilo possível. Mas ouvi, com os dois ouvidos que a terra há-de comer, o motorista do médico (o ex-ciclista do F. C. do Porto, Joaquim da Costa) dizer-me que havia de fazer «tudo» para ajudar os homens do seu clube. Vi e ouvi tudo isto: e o meu amor à verdade desportiva, exige que conte aqui tudo isto: porque as gentes inocentes que correm à estrada, ou pagam para ir às pistas, não podem continuar a ser enganadas com tamanha sem vergonha.

E, quem não gostar, que me mande o tal ofícial do exército. Talvez o capitão Reis, da GNR lhe ensine a não se meter onde não é chamado. A propósito: porque razão um estranho entrou no carro do médico da prova, quando todos chegámos a Abrantes? Será que o orçamento dos 650 contos estão previstos estes «penduras» ? E outros? Atenção leitores: se virem o carro OF-45-83 passear a horas mortas pelas cidades ou arredores onde a Volta vai dormir, fiquem de pé atraz: esse carro é o do médico da equipa, o daquele a quem já chamam o «muleta da Volta»...

O filme da tirada foi-me dado por Frederico Bahamontes, que testemunhou tudo quanto conto. Tem sabor dito da sua boca. Por isso a público em local separado...

DL na "VOLTA" em "TOYOTA"

REPORTAGEM

Por NEVES DE SOUSA

A ETAPA DE AMANHÃ

Faltam três etapas para terminar a «Volta». A primeira liga Castelo Branco a Santarém e tem a distância de 192 quilómetros. A partida será dada na capital beirã, às 13 horas. A caravana segue por Taberna Seca, Catraia Cimeira e, a seguir à ponte sobre a ribeira do Alvito, situa-se a meta de montanha de 3.ª categoria.

Em Proença-a-Nova está a meta volante que tem como horário obrigatório as 14 e 17. A seguir estão no caminho dos ciclistas Portela dos Bezerrins, Cernache do Bomjardim (onde principia o abastecimento), Junqueira e Ferreira do Zêzere, alcançada cerca das 16 horas. Os ciclistas deverão estar na cidade do Nabão às 16 e 27, prosseguindo daí por Carcalhos de Figueiredo, Guerreira, Atalaia e chegam à Golegã pelas 17 e 10. Chamusca, Alpiarça e Almeirim estão de seguida. Faltam 18 quilómetros para a meta situada na Manga da Feira Nacional da Agricultura, em Santarém. Entretanto há uma contagem de 3.ª categoria para o Prémio da Montanha, a qual está situada no Jardim Sá da Bandeira. O final da corrida está previsto para as 18 e 20.

VITRINES CONGELADORAS

COM TEMPERATURA ATÉ 20 GRAUS NEGATIVOS. PRÓPRIAS PARA PEIXE OU LEGUMES. MUITO MODERNAS. BONS PREÇOS

NOVIMPORTA

Centro Comercial de Importação, Lda.

Estrada da Luz, 173 A a D — Tel.: 78 26 94

LISBOA

NAS VOLTAS DO «DIA-A-DIA»...

...Lençóis

Coelima

VESTEM O SONO DAS SUAS NOITES

1922-1972 50 ANOS

Sociedade Têxtil ALBANO COELHO LIMA S. A. R. L.

PEVIDÉM-GUIMARÃES

A nossa reportagem acompanha a "Volta" num

TOYOTA

GRUNDIG

Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

ROSEIRAL

AVISO

Estão abertas as inscrições para o próximo ano lectivo até 7 de Setembro, na R. Braancamp, 9-3.º (assistente social), com o seguinte horário: das 9 às 12 horas e das 14 às 18 horas.

A DIRECÇÃO

AMBAR

EDITORIAL - LITOGRAFIA OFFSET

DL/DESPORTOS — CICLISMO

FREDERICO BAHAMONTES:

VENHO VER COMO É PARA GANHAR NO PRÓXIMO ANO

Bahamontes chegou. Para ver como é e ganhar na próxima vez. Posando para o nosso jornal na companhia de Neves de Sousa.

. **«Estou sempre com os melhores de Espanha. Por isso dei este salto à Volta a Portugal, onde tenho alguns rapazes de largo futuro. Venho ver como eles se comportam, para no próximo ano programar a «nossa» vitória».**

Foi com estas palavras que começámos o longo diálogo com Frederico Bahamontes, que fez connosco a tirada Envendos-Abrantes. Bahamostes: a «Águia de Toledo», que tem corredores seus nas «Caves Messias», e mais duas equipas a correrem agora em Espanha.

«Mandei estes rapazes a esta Volta, para lhes fazer uma experiência. Mas estou quase arrependido: isto não é uma Volta, é uma voltita, adultarada por dois carros. O do director que permite toda a espécie de ultrapassagens, e o do médico, que reboca ciclistas durante quilómetros e quilómetros, lhes dá água sob o pretexto de os estar a medicamentar e até alimentos. Isto é impressionante. Tenho visto muita coisa no ciclismo, mas como assim, nunca.

Deixei o ciclismo, como profissão há oito anos. Na Volta à França, foi primeiro uma vez, segundo outra, terceiro, outra e quarto ainda outra. Sétimo, uma única vez, e Rei da Montanha, seis anos. Já corri em Portugal, mais própriamente em Lisboa e Porto, tendo ganho provas à americana: contra os suiços Kubler e Koblet. Despedi-me, quando ganhei a Volta a Palma de Maiorca. Em Mahon, fizeram-me uma grande festa...»

. Com 44 anos de idade, Frederico Bahamontes é casado mas não tem filhos. É dono de uma casa de artigos desportivas, mas está a pensar muito a sério na hipotese de se radicar a isto de «fazer» ciclistas. Observando a tirada Envendos-Abrantes:

. **«Mas que é isto, senhores? Então não há sinalização? Nem fiscalização? E porque os sinais apenas no lado direito, quando os ciclistas procuram o lado esquerdo das estradas? Meu Deus, e eu a julgar que era impossível isto acontecer...»**

. Bahamontes acha Agostinho um belíssimo ciclista, muito forte. Mas Alves Barbosa, tinah muito mais tino a correr. Se pudesse incluir os dois numa única equipa, seria o dim do mundo: uma aganhar etapas, o outro a ganhar as Voltas...

Sobre o Fuentes:

. **«O Fuentes é realmente do melhor que temos actualmente me Espanha. Mas andam aqui uns rapazes de quem vão ouvir falar mais: Pedro Torres, José Balboa, A:NDRÉS Sanchez e Juan Jerez. Eles andam aqui a conquistar a sua maioridade ciclista».**

O carro vai galgando quilómetros e Frederico está atento à estrada e aos movimentos da cauda do pelotão:

. **«As vossas estradas são muito más. Ainda bem que vim, e que progremei tudo para ficar até domingo. Sabe? É que vim estudar isto duto com pormenor, pois para o ano quero ganhar a Volta a Portugal, tanto individual como colectivamente. Gosto do ciclismo, e é aqui que me sinto bem. Não é lá na grande propriedade que tenho a oito quilómetros de Toledo. E não conto com o muito dinheiro que tenho no banco. É disto quu eu gosto».**

Frederico Bahamontes, continua a falar de si e da corrida que (não) vai vendo. Fala agora do passado, dos ciclistas que mais admirou, dos adversários que mais difícilmente conseguiu bater:

. **«O maior ciclista que vi até hoje, chamou-se Fausto Coppi. Nenhum se lhe equiparou. Mas, no meu tempo, houve um grupo muito igual em valores: o Magni, o Koblet, o Kubler, o Gaul e eu próprio. O sabe que foi por acaso que vim para o ciclismo?»**

. E contou-me a história: dois amigos convidaram-no, um dia, para is dar uma volta. No final, havia um banho. Ele, entusiasmado, foi, não era um passeio: era uma corrida e ele ficou em segundo. Imediatamente trocou o futebol pelo ciclismo. E, das 59 provas em que participou logo a seguir ganhou 59: exacatmente, a totalidade.

Estamos a chegar a Abrantes. Ele olha em frente, e os olhos quase lhe saltam das órbitas:

. **«Mas quê? não aí bandeiras? Como é que aqui não há acidentes? Nunca houve mortes?»**

. O cabelo encaracolado, quase que fica em pé. Finca, porém os dedos no volante, e volta à conversa:

. **«Fixe os nomes dos quatro grandes de Espanha, num futuro muito próximo: Oliva, Torres, Fuente e José Luís Ziego. Aqui, pelo que já vi, gostei do 39 (Manuel Gomes). O mais rápido que vi. E, verdade seja dita, já presenciei o suficiente para poder garantir: para o ano venho para ganhar».**

Uma última pergunta a Frederico BAhamontes: porque lhe chamavam a Águia de Toledo? **«porque subia mais alto nas montanhas»** — respondeu-me com um sorriso evocador.

Foi quando veio o tal senhor de fato aos quadrados dizer-me que era oficial do exército, e que, se quizesse, mandava prender todos os jornalistas.

É assim a vida: uns a trabalhar, outros a tentarem vomitar aquilo que não comeram...

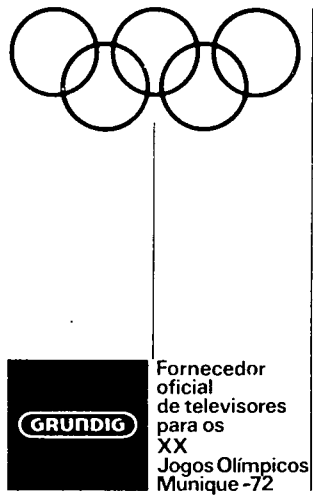
Salão de fotografia da CUF

De 17 de Dezembro a 1 de Janeiro de 1973, realiza-se o 21.º Salão de Arte Fotográfica (17.º Internacional), do Grupo Desportivo da CUF, ao qual podem concorrer fotógrafos amadores, portugueses e estrangeiros.

A entrega das fotografias e diapositivos pode ser feita de 1 a 17 de Novembro, na sede do Grupo Desportivo da CUF, no Barreiro, onde são prestados todos os esclarecimentos sobre o certame.

MENDES DOENTE? QUEM DIRIA?

Fernando Mendes melhora a olhos vistos e vai começando a receber os prémios do seu labor. O excelente ciclista do Benfica está já no 18.º lugar da classificação e é o «camisola verde», símbolo do corredor mais regular. Ontem ganhou mais de um minuto a Joaquim Agostinho e hoje promete «guerra a rodos» na louca escalada das Penhas da Saúde.



ESTA VOLTA É ASSISTIDA PELO CARRO ASPIRADOR DA VADECA

À VENDA EM TODO O PAÍS
EM LISBOA:
LISÁGUA DISTRIBUI
Pedidos: Tel. 553336-553809

PREPARATÓRIO • LICEAL
COMERCIAL • 4.ª CLASSE
EXPLICAÇÕES • SALAS DE ESTUDO

externato AMADIS
DIURNO E NOCTURNO
ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, LOTE 2 — Tel. 706974/5 — AMADORA

À AV.ª AFONSO III
PRÉDIO — VENDE-SE
POR 1.700 CONTOS construç. impecável, com obras recentes, comp. de 6 inquilinos 5 de habitaç. com 3 e 4 ass. Podem-se entregar 2 andares vagos. BOM JURO AO CAPITAL. MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384/5/6 — 328232/3 — 361756

bolsa de lisboa

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4	–	444$	–
Cons 3 %	486$	486$	–
Cons 3 1/2	–	563$	–
Centenários	1.275$	1.270$	1.275$
Tes 5 % 57	1.000$	1.000$	1.001$
Tes 5 % 59	–	1.000$	–
Exter. 1.as	–	616$	620$
Extern 1.a c.	–	619$	–
Extern. 3.as	–	–	790$
Extern. 3.a c.	–	–	820$
Caut 3.as	–	–	–

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx. 6 %	–	–	930$
C M L. 5 3/	–	–	–
C. P 5,5 % 67	990$	990$	995$
C. P 5,5 % 68	–	950$	–
C P. 5,5 % 69	–	–	–
Corr 5 3/4 %	–	–	–
Metr. 5 3/4 %	–	–	–
Tur 5 3/4 %	970$	970$	–
C. P 63/4	–	1.000$	–

ELÉCTRICAS

G 5 % 58	–	–	–
G. 5 % 59	–	–	–
G. 5 % 62	–	–	–
G 5 % 63	–	–	–
G 5 % 64	–	–	–
G. 5 % 65	–	–	–
G. 6 % 67	–	–	–
G. 6 % 69	1.030$	1.030$	1.035$
G. 7 % 71	860$	850$	–
H. E. C. 5 %	830$	800$	850$
H E. C. 6 %	–	–	–
H. E. D. 5 %	730$	725$	730$
H. E. D. 6 %	915$	915$	–
H. E. N. P. 5 %	–	–	–
H. E. S. E. 5 %	–	940$	–
H. E. S. E. 6 %	920$	920$	–
H. E. Z. 5 % 57	–	–	–
H. E. Zêz. 6 %	–	–	–
N. Elc. 5 %	–	–	850$
N. Elec. 6 %	–	–	–
Termoel. 5 %	–	–	–
U. E. P. 5 % 60	–	–	–
U. E. P. 5 % 63	–	–	–
U. E. P. 6	–	880$	–

DIVERSAS

A. P. T. 5 % 56	–	–	900$
A. P. T. 5 % 58	–	–	900$
Lisnave 6 %	970$	–	975$
Nitratos 60	–	–	–
Pet. 2.a e 3.a	900$	880$	900$
Sacor 7 %	1.030$	1.030$	1.035$
Sacor 5 % 54	–	960$	–
Sacor 5 % 60	–	–	–
Sid 5 % 2.a	–	–	–
Sid 5 % 3.a	–	–	–
Sid 5 % 4.a	–	–	–
Socel. 5 %	–	900$	–
U. Fabril 67	–	920$	–
U. Fabril 68	925$	–	925$

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %	–	450$	–
Rev. 5 % 57	–	–	–
Rev. 5 % 59/60	–	–	–
Moçamb. 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	800$	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	5.100$	5.100$	
Alentejo	1 500$		1.500$
Angola	3.900$	3.900$	4.00$
Cred Predial	6.020$	6.010$	6.030$
Esp Santo	10.650$	10.600$	10.700$
Fomento	5.300$	5.250$	5.400$
F & Burnay	44.000$	43.500$	45.000$
N Ultr m	–	5.500$	5.950$
N Ultr c	6.580$	6.580$	6.600$
Portugal n	4.900$	4.850$	–
Portugal p	6.200$		6 200$
P Atlântico	10.800$	10.800$	10.900$
Totta & Açores	6.260$	6.260$	6.270$
Algarve	2 000$	1.990$	2.010$
Borges & Irmão	8.550$	8.520$	8.600$

De Seguros

Alentejo	174$	172$	1.745$
Bonança	–	22.000$	–
Império	–	16.000$	–
Mundial	1.380$	1.380$	1.390$
Soberana	1.800$	1.780$	1.850$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P. E. p.	1.101$	1.101$	1.102$
C. P. E. n.	1.090$	1.089$	1.092$
E. Beiras	–	1.700$	1.750$
G. Elec. c.	327$	3.265$	3.275$
H. E. A.A.	164$	164$	165$
H. E. N. P.	–	225$	240$
H. E. S. E.	–	–	1.680$
U. E. P.	178$	187$	188$

Ultramarinas

Ag. Cassequel	1.110$	1.110$	1.150$
Ag. Incomáti	2.600$	2.600$	–
Ag. S. T. e P.	–	–	–
Aç. Angola	–	870$	885$
Alg. Angola	–	176$	185$
Ang. Agric.	–	680$	–
Boror	–	–	120$
Boror Com	–	–	–
Buzi	–	–	80$
Cabinda	–	–	–
Com. Lobito	690$	680$	700$
D. A. — T. 100	–	1800$	–
H. E. Revué	–	–	–
I. do Princ.	–	–	–
Moçambique	–	155$	158$
Sonefe n.	–	–	–
Sonefe p.	–	425$	438$
Zambézia	60$	60$	61$

Diversas

Ag. Lx. ant.	–	–	–
Ag. Lx. — 34	440$	435$	445$
Ag. Lx. — 36	–	–	–
Cel. Guadiana	–	–	–
C. Leiria p.	6.950$	6.900$	6.950$
C. Tejo p.	f6.400$	16.300$	16.500$
F. Ramada	–	–	1.260$
Fornos Eléct.	140$	139$5	140$
P. Celulose	–	–	4.500$
Siderurgia p.	4.890$	4.890$	4.900$
Siderurgia n.	3.050$	3.020$	3.080$
Socel	–	3.650$	3.700$
Cidla	–	7.600$	7.850$
C. U. F.	–	3.00$	–
Intar	580$	575$	580$
Nitratos	1005$	1.000$	1.005$
Petroquímica	–	1.005$	1.015$
Sacor	3.650$	3.600$	3.700$
Tab. Portugal	–	–	–
Tabaqueira	7.500$	7.400$	–
U. F. Azoto	–	750$	760$
Empor	–	210$	–
Ind. Aliança	–	–	–
I. P. Colón.	–	–	–
Nac. Naveg.	3.500$	3.500$	–
Naveg. (Col.)	–	–	1.980$
P. Pesca	–	900$	950$
Matur	–	925$	930$
R. Marconi	–	–	2.000$
TAP	–	1.210$	1.250
Compal	–	550$	600$
Salvor	1.200$	1.200$	1.250$
Penina	–	–	1.250$
Grão-Pará	–	–	–

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	–	–	–
F. I. D. E. S.	–	–	–

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands		33$00
Alemanha Marco	8$35	8$65
América		
Dollars de 1 a 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo	-$-	-$-
Austria Schiling	1$16	1$21
Bélgica Franco	$60	$63
Brasil Cruzeiro	3$50	4$50
Canadá Dólar	27$00	27$70
Dinamarca Coroa	3$70	4$00
Espanha Peseta	$41,5	$43,5
França Franco	5$45	5$75
Holanda Florim	8$25	8$55
Inglaterra Libra	65$00	68$00
Itália Lira	$043,5	$047
Marrocos Dhran	5$10	5$60
Noruega Coroa	3$95	4$25
Suécia Coroa	5$55	5$85
Suiça Franco	7$05	7$30
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	470$00	500$00
Inglaterra 1/2 Libra	380$00	400$00
Ouro fino Barra	56$50	61$50

Banco Borges & Irmão

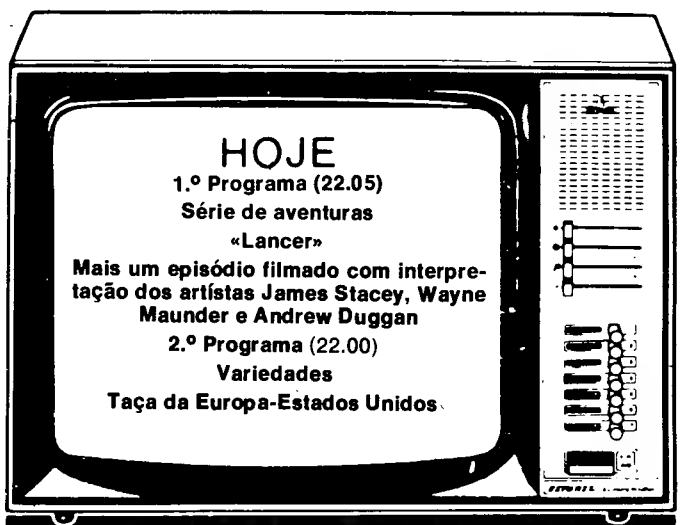
Indice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	18/8	24/8	25/8
GERAL	197,6	194,0	193,9
METROPOL	202,9	198,9	198,8
ULTRAM	159,1	157,7	157,9

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de credito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

BANCO DO ALENTEJO
GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS
Praca D João da Câmara, 18 - Telef 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef 30309

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Nanny e o professor
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

19.30 Telejornal — 2.º edição
19.40 Jogos olímpicos, Múnique
20.05 As grandes Batalhas. Batalha de Iglaterra
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Lancer
22.55 Concerto
23.30 Actividade desportiva Resumo filmado da Volta a Portugal em Bicicleta
23.40 Telejornal — últimas notícias
23.45 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vária
21.00 Nanny e o professor
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Variedades Knokke — Europa — Estados Unidos
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desnhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Viver no campo
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Hoje pode ver

2.º Período

14.10 Dó, lá si
14.35 Nos bastidores da aventura
14.50 Eurovisão Jogos olímpicos — Cerimónia de abertura
17.20 As flores e o seu mundo
17.30 Programa feminino
18.00 Teledesporto
18.25 Barreira de sombra
18.50 E a vida continua
18.40 Documentário - Esposende
19.00 Danças e cantares
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 Woobinda
20.10 Ensaio
21.00 Se bem me lembro
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Os caminhos de Noële
22.30 Variedades Canzoníssima
23.30 Actualidade desportiva. Resumo filmado da Volta a Portugal em Bicicleta
23.45 Telejornal — últimas notícias — ÚLTIMAS NOTÍCIAS
23.55 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desnhos animados
2045 O caso da semana
21.00 Viver no campo
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Sabe...
22.30 Dr. Marcus Welby
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	18.º
P. DOURADAS	13.º
COIMBRA	17.º
PORTALEGRE	17.º
LISBOA	20.º
FARO	23.º
FUNCHAL	22.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Elvas
Máxima **32.º**

Montalegre
Mínima **7,5.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,7.º
Atmosfera	21,5.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.21	**3,9 m**	9.55	**0,7 m**
16.35	**4,1 m**	22.19	**0,6 m**
Dia 26			
4.55	**3,9 m**	10.31	**0,6 m**
17.10	**4,2 m**	22.54	**0,5 m**
Dia 27			
5.30	**3,9 m**	11.07	**0,6 m**
17.46	**4,1 m**	23.32	**0,6 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu com períodos de muito nublado; vento fraco; nevoeiros ou neblina matinais; possibilidade de aguaceiros e trovoadas nas regiões do Norte.

AMANHÃ

Nascer às 7.00
Ocaso às 20.16

Dia 24 · Dia 31 · Dia 7 · Dia 15

teo radio teo

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Melodias do cinema
16.30 Convívio-Programa da Juventude
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Forças armadas (Prog.ª produzido e realizado pelo serv. de Inf. Pública da Defesa Nacional)
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver — P/ Maria Natalia Bispo
20.00 Diário Sonoro
20.20 O pianista Emil Stern
20.30 19.º episódio do folhetim «Uma família inglesa»
20.50 O organista Milt Herth
21.00 Momento 72
21.30 Língua portuguesa — P/Dr. António Dias Miguel
21.40 **Ao sabor da fantasia**
22.00 Música da Europa
23.05 De um dia para o outro — P/Fernando Correia
00.00 De um dia para o outro
00.30 Junção — (Entra o MF de Lx) Diário Sonoro
00.45 Escala na madrugada — P/Pedro Moutinho
02.00 Fecho

PROGRAMA EM MF 1 de LISBOA

23.00 Rádio Universidade
00.30 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Ciclo do Barroco italiano — Obras de Vivaldi e Corelli
16.45 Música de vanguarda — Obras de Walter Carlos e Varese
17.00 O cravista Martin Galling
17.30 O compositor do mês: Prokofieff
19.00 Música e músicos portugueses, por Nuno Barreiros
20.00 Diário Sonoro
20.20 O violinista Alexandre Schneider
20.30 Concerto pelo côro Alemão da baixa saxónica — dir. por Willi Träder
21.00 «festival de Sontra de 1972» — CONCERTOPELAORQUESTRASICA DA E. N. dir. por Frederico de Freitas e em que colabora o guitarrista José Luis Rodrigo
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO MF2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Obras para orquestra de câmara
2315 Música instrumental — Obras de Rameau, Bach, Fauré, Moussorgsky e Joaquin Rodrigo)
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

ONDA MÉDIA

16.04 Programa CDC
18.00/21.00 Programa «Movimento» (Realização de Fialho Gouveia)
20.00 Nota de abertura
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Rubrica do inspector Varatojo
23.18 Tempo de fado
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Programa CDC
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô Gô
23.00 Noticiário; programa à G-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 Apollo 70
18.21 Boletim liturgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página 1
20.30 Continuação do programa página um
21.00 Meditando
21.03 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Duas orquestras
23.00 A 23.ª hora.

ESTAÇÃO DO PORTO

16.00 Radiorama
18.00 Tangos
18.30 Terço da Basílica dos Mártires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página um
20.00 Continuação Página UM
21.00 Meditando
21.30 Os novos Emissores em marcha
22.00 Auditório (Volta a Portugal em bicicleta
23.00 A 23.ª hora

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Teles, R. João de Barros, 2 (Tel. 638249).

ALCÂNTARA
Nogueira, R. da Creche, 2 (Tel. 631635)

ALFAMA
Nacional, R. S. João da Praça, 26 (Tel. 863632)

ALTO DE S. JOÃO
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Tel. 842518); **Oriente**, R. Lopes, 120 (Tel. 843381)

ARCO CEGO
Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (Tel. 47088)

ALVALADE
Cartaxo, Avenida da Igreja; »«$C (Tel. 776358); **Brisália**, Avenida Rio de Janeiro, 66-A (Tel. 722358); **Nova Lisboa**, R. Guilhermina Suggia, 12 (Tel. 727721); **Avis**, Avenida de Roma, 56-B (Tel. 715370)

AREEIRO
Galeno, Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A (Tel. 774920); **João XXI**, Av. João XXI, 16-A (Tel. 726462).

ARROIOS
Matos, Rua Álvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671); **Nunes**, Rua Ângela Pinto, 32 (Tel. 497556).

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, Rua do Salitre, 7 (Tel. 46858).

AVENIDAS NOVAS
Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (ao cruzamento da Av Barbosa du Bocage) (Tel. 763107); **Avenidas**, Av. da República, 27-A (Tel 533688)

BAIRRO ALTO
Véritas, R da Misericórdia, 135 (Tel 324554 - 327563 - 4)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte 11 (Tel. 311216)

BAIXA
Barral, Rua Augusta, 225 (Tel. 361534 - 5)

BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos 14-C (Tel. 631699)

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Tel. 703396), **Sousa** Estrada de Benfica, 429 (Tel 780027)

CALÇADA DA BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE
Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (Tel 680627), **Gomes**, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (Tel 682333)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (Tel. 671667); **Castro Fonseca**, Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tel 688857).

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181)

ESTEFÂNIA
Estefânia, R. Pascoal de Melo, 90 (Tel. 44438).

GRAÇA
Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (Tel. 862333); **Rosas Viegas**, R. de S. Vicente, 31 (Tel. 864351)

LAPA
Carrasco, Rua Presidente Arriaga, 39 (Tel. 667460)

LUMIAR
S. Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tel. 790704); **Alameda**, Alameda das Linhas de Torres 201-B (Tel. 790742)

MADRAGOA
Nunes Simões, Rua do Quelhas, 1 (Tel. 661275)

OLIVAIS
Nova dos Olivais, Rua E, 1 Lote 469 (Olivais Sul) (Tel. 316402)

PENHA DE FRANÇA
Carrondo, Rua Padre Sena de Freitas 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento costa, 16-A (Tel. 72835 - 720703).

RATO
Janeiro, Avenida Pedro Álvares Cabral, 100 (Tel. 661453).

REGO
Universitária, Rua Alfredo Roque Gameiro, 29-D (Tel 778953)

SANTA CATARINA
Modelar, Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Tel. 678896)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (Tel. 768343 - 764629).

XABREGAS
Salter, Rua de Xabregas, 63-65 (Tel. 381185)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo Av. Comb. G. Guerra, 64 (Tel. 212070)

CAXIAS
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE
Aisir B.º das Caixas de Previdência Bloco S (Tel. 2472948)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL
Costa Av. Sabóia, 29-B (Tel. 260085)

CASCAIS
Cascais R. Conde Monte Real B.º Caixas (Tel. 282407); **Misericórdia** R. Regimento 19,41 (Tel. 280141)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDRSOS
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Macedo Henriques R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (Tel. 271297)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Higiénica R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2273017)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2760182)

MOITA
União Moitense Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239029)

MONTIJO
Montepio R. Almirante Rei, 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)

SETÚBAL
Soromenho P. Machado Santos (Tel. 22691); **Alice** P. do Quebedo (Tel. 23743)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (Tel. 2218580)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); **Carmele** R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); **Helénica** R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); **S. Jorge** R. Oedro del Negro, 5 Reboleira (Tel. 938703)

DAMAIA
Lemos R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)

QUELUZ
André Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz** Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM
Garcia Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS
Química Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Misericórdia L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391)

COLARES
Colares Abreja (Tel 299088)

PORTO

SUB-TURNO A

Alírio de Barros, Suc. R. de Costa Cabral, 240, **Central**, Rua Santo António, 203; **Gomes Carneiro**, Rua Cedofeita, 348, **Magalhães**, Rua Serralves, 566, **Nova de Monsanto**, Rua Monsanto, 148, **Ribeiro Júnior, Suca**, Rua Firmeza, 99-A

SUB-TURNO B

Correia, P M de Albuquerque, 50; **Corujeira (da)**, R. S. Roque Lameira, 1473, **Couto**, L. S. Domingos, 106, **Lapa (da)**, Rua Antero Quental, 211, **Luso-Francesa**, Rua Sá da Bandeira, 140

COIMBRA

Neves Morgado, Rua da Moeda, 106 - 108 (tel 23738). **Rodrigues da Silva**, R Ferreira Borges, 32 (tel. 24348); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (tel 24697).

cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
Duelo de inconformados
PONTO CRÍTICO Com Sidney Poitier, Robert Darin e Peter Falk.

SATÉLITE (Tel. 562632)
21.45 - Estreia
(Grupo C - 14 anos)
Paul Scofield e John McEnery em «RESISTÊNCIA PASSIVA» (Bartleby) Premiado no Festival de San Sebastian 15.00 - 17.00 - 19.00 Últimas exibições «AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS»
(Grupo D - 18 anos)

ROMA (Tel. 727778)
Às 15.30 e 21.45 (Grupo D - 18 anos)
Um filme insólito! 2.ª Semana «MUNDO CÃO»
Realização de Jacopetti - Technicolor

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
28.ª semana de êxito
NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
Techinicolor
(Grupo D 18 anos)
Uma história inérgica e excitante «A VOLTA DE JESSE JAMES Com Cliff Roberton e Robert Duvall. (Ar condicionado).

LYS (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
Em continuação de estreia 10.ª Semana, Mark Lester e Jack Wild em «MELODY». Em complemento «O PERSEGUIDO»

BERNA (Tel. 776098)
15.15 e 21.30
Super-Panavisión Metrocolar (Grupo B 10 anos) um filme de John Frankenheimer «O GRANDE PRÉMIO» com Yves-montand e Françoise, Hardy
(AR CONDICIONADO)

ROYAL (Tel. 855037)
15.00 e 21.00
Um filme espectacular «OS INCENDIÁRIOS» com Chad Everett e Anjanette Commer Em complemento «Soldado sem rosto»
Com Curd Jurgens

EDEN (Tel. 320768)
Estreia hoje às 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Klaus Kinski em «O VÉU NEGRO»
15.30 e 18.30
(Grupo B - 10 anos)
Últimas «OPIRATAVERMELHO»

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
31.ª Semana. O filme do ano TRINITÁ (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill.

IMPÉRIO (Tel. 55134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«TERRA QUEIMADA» com Nigel Davenport e Jean Wallace. Quando a poluição enlouquece o mundo de medo. Metrocolor - Panavision
(Metro - Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
Estreia - 21.45
(Grupo A - 6 anos)
Jean Claude Killy (3 medalhas olímpicas), Nancy Greene e muitos outros campeões «BRINCANDO AOS SKIS»
15.30 e 18.30 Últimas «O MUNDO A SEUS PÉS» c/ Orson Welles
(Grupo C - 14 anos)

VOX (Tel. 720808)
A partir de hije às 21.45 Eastmancolor - Maiores de 21 anos um filme único «HELGA; O SEGREDO DA MATERNIDADE» com Ruth Passman
15.15 e 18.30
(Grupo D - 18 anos)
«SÓ PENSAVA NELAS» com Richard Benjamin

CONDES (Tel. 322523-326710)
15.15-21.15
5.ª Semana
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões

POLITEAMA
21.45 Estreia
Grupo D 18 anos
Com Alberto Sardi na atrvida comédia «ESCÂNDALOS NA PRAIA». Graça... malícia... cinismo....
Ciclo Terror à Meia-Noite Às 00.30 Grupo D - 18 anos «A MALDIÇÃO DO ALTAR VERMELHO»

TIVOLI (Tel. 717480)
15.15 e 21.30
(Grupo A 6 anos) 75.ª semana
O maior êxito de sempre «MÚSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plumer 70 m/m Technicolor (Ar condicionado)

EUROPA (Tel. 661016)
21.30
(Grupo D - 18 anos)
Technicolor - Christopher Lee em «EU, MONSTRO»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45 4.ª semana
(Grupo D - 18 anos)
O mais divertido filme de Claude Lelouch «SMIC, SMAC SMOC» com Catherine Allegret, Charles Gérard e Francis Lai
4.ª Semana

ALVALADE (Tel. 717480)
Estreia - Hoje 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Tony Curtis, Natalie Wood, Henry Fonda, Lauren Bacall e Mel Ferrer «A SOLTEIRA E O ATREVIDO»

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30 (Grupo D 18 anos)
«A ÚLTIMA CRUZADA»

IMEPRIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo C 14 anos)
«DA TERRA NASCEM AS HO$ MEMS» colorido c/ çgregory Veck, Jean Simones, Charreton Heston e Busl Ives. Em complemento: «O INSPECTOR E O BOMBISTA LOUCO»
(Metropolitano - Arroios - P. Chile)

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Hoje à meia noite e quinze
(Grupo C - 14 anos)
«CAÇADORES DE ESCALPES» Com Burt Lancaster e Telly Savalas
Cinema - Snack Bar - Pub «THE FLAG». Faça 3 coisas num sítio só.

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.45
Hoje às 24.00 «O Riso da Meia-Noite»
(Grupo D - 18 anos)
«VIVA MAX» com Peter Ustinov e Pamela Tiffin
(Ar Condicionado)

S. JORGE (Tel. 54152/4)
Às 15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo C- 14 anos) 2.ª semana
Viva James Bond «007 - ORDEM PARA MATAR»
Com Sean Connery

outros espectáculos

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra Frente Lisboa»

LISBOA Cinemas

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«O Homem que não queria matar»

PARIS
21.00 (14 anos)
«Melody»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«Requiem para um desconhecido»

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«Os cavaleiros do terror» e «Dragões de violência»

MAYER
21.00 (14 anos)
«A Convidada»

RESTELO
21.30 (14 anos)
«Melody»

PROMOTORA
21.30 (18 anos)
«Um castelo na Suécia»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS **S. José**
21.30 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«O Caçador de bruxas»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Minuto a minuto sem respirar»

ESTORIL: **Casino**
17.00-21.30 (14 anos)
«A última granada»

ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Corações impacientes»

ESTORIL
Esplanada
21.30 (10 anos)
«Veteranos de Tobruk»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.45 (10 anos)
«Se tu soubesses»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.45 (14 anos)
«Pêndulo»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (14 anos)
«O Delicadinho do 5.º»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«As noivs da morte»

LRANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Cicio perdoa, eu não»

PORTO Cinemas

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«Fortunata e Jacinta»

OLIMPIA
21.30 (10 anos)
«As Pupilas do Senhor Reitor»

ESTUDIO
21.30 (18 anos)
«A Rapariga dos olhos verdes»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«A Batalha das Ardenas»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas na Zona»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«O Barão Vermelho»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Zorba, o Grego»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«O preço do poder» e «7 mulheres para Mac Gregor»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Camelot»

PASSOS MANUEL
21.45 («18 anos)
«O Baile dos Bombeiros»

CINEMA DO TERÇO
21.30 (18 anos)
«Bonecas de carne»

JÚLIO DINIZ
21.30 (18 anos)
«O Lampião»

PORTO Teatros

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«As cicatrizes de Drácula»

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Mauricio Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Nova Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luis Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto Natalina Bizarro Ana Hortense e Alcino de Carvalho Tocam Antonio Luis Gomes e Antonio Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo minimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diario de Noticias, 107. Telef 328307.**

FORCADO
Elenco Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho Maria de Portugal João Alberto Manuel Martins Folclore pelos 5 Tipicos de Vila Franca de Xira **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana
Tocam Carvalhinho e Julio Gomes Os Arautos Folclore pelos Cinco Tipicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760**

VIELA
Rua das Taipas, 14. Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo
Encerrado ao domingo

ARREDA Fado amador oiça e cante o fado no Arreda Elenco José Pracana José Manuel Osório D Vicente da Câmara e eventuais clientes Tocam Carlos Gonçalves José Pracana e José Inácio Encerra as 3.ªs feiras Consumo minimo 62$00 (taxa incl) **Rua Alexandre Herculano, 3. Cascais Telef 263864.**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô - Jô Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila - Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos **Travessa de S. Miguel, 22, Alfama - Tel. 868552**

SANZALA Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C Grande) Telef. 790177.

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua **Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)**

TAMILA Marão e s/conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69 Telef 534117**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H da madrugada **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.

HIPOPÓTAMO Com Helder Reis Encerra aos domingos **Av António Augusto de Aguiar, 5-A Telef 48384**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliveri **Av Duque de Loulé, 73 Telef 530171.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946**

CACO Dancing c/musica ambiente com singular quarteto **Rua Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

DL /ÚLTIMAS

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1 º2,ºE 4 º
TELEF 65453 1, 2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

POPULAÇÕES CONSTROEM AS SUAS ESTRADAS

Habitantes de oito povoações do concelho de Mortágua decidiram construir uma estrada de cinco quilómetros depois de desesperarem da concretização dos vários pedidos para a construção oficial da referida via.

Trata-se das povoações de Espinho, Quilho, Soito, Azival, Pomares, Vale de Vide, Castanheira e Barracão. Estas povoações em conjunto com mais 14 que compõem a freguesia não possuem qualquer estrada que as ligue entre elas. Foi assim que homens, mulheres e crianças, ajudados por um grupo de jovens estrangeiros, decidiram meter ombros ao empreendimento. A nova estrada ligará as povoações citadas à estrada nacional.

Pelo seu trabalho os jovens estrangeiros recebem cama e comida.

O OURO VOLTA A SUBIR

O ouro voltou a subir em Lisboa. Os preços de compra e venda passaram para 58$00 e 62$00 respectivamente. A meia libra Rei também registou uma subida passando para 360$00 compra e 385$00 venda.

Ontem o ouro registara uma subida de um escudo no preço de compra, depois de ter estado estável desde o passado dia 10.

Em Nova Yorque o Chase Manhattan Bank anunciou que os economistas prevêem um novo surto de agravamento da taxa primária de juros — um aumento de 1/4 para 5,5 por cento.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes obriga-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

3.º Sector — CONCELHO DE LISBOA: Rua General Taborda entre as ruas Soares dos Reis e Rua de Campolide (lado pares), (das 8 às 12); 6.º Sector — Rua 1.º de Dezembro de 1 a 31, (das 8 às 12); 5.º Sector — Rua do Capelo de 2 a 22, (das 8 às 12); 9.º Sector — Rua Maria da Fonte entre os n.os 2 a 12, Rua da Bombarda entre os n.os 66-A a 76-A, (das 8 ás 12).

CONCELHO DE SINTRA

1.ª Zona — **Lameiras** (das 8 ; 14); 2.ª Zona — **Almargem do Bispo — Albogas — Covas do Ferro — Almornos — Tapada de Almornos — Camarões**, (das 7 às 15).

3.ª Zona — **Agualva**: Bairro das Casas Económicas (das 8 às 14); 4.ª Zona — **Monte Santos** e imediações, (das 8 às 14); 5.ª Zona — **Cacém**: Bairro das Glicínias (das 8 às 14) e imediações.

CONCELHO DE OEIRAS

6.ª Zona — **Brandoa** (das 8 às 14); 7.ª Zona — Estrada para a Outorela, Outorela e Estrada da Circunvalação nas imediações, da estrada para a Outorela, (das 8 às 14).

CONCELHO DE CASCAIS

8.ª Zona — **Cobre**: Avenida do Ultramar, (das 8 às 14)

CONCELHO DE MAFRA

9.ª Zona — **Galés, Santo Estêvão das Galés** e Avenida Dr. Oliveira Salazar em **Malveira e Venda do Pinheiro**, (das 6 às 12); 10. Zona — **Monte Muro, Rogel e Venda do Pinheiro** (parte), das 7 às 12); 11.ª Zona — **Alcainça e Mafra** (Gare), das 7 às 12).

CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA

12.ª Zona — **Póvoa e Estrada Nacional 10**, (das 8 às 14); 13.ª Zona — **Castanheira do Ribatejo, Povos e Vala do Carregado**, (das 8 às 12); 14.ª Zona — **Alverca**: Avenida Capitão Meleças, Rua José António Carmo, Rua João Mantas, Rua de Diu, Rua Joaquim António Faria e imediações (das 8 às 12).

15.ª Zona — CONCELHO DE ALENQUER

Atalaia: (toda a rede de B. T.), (das 8 às 14); 16.ª Zona — **Carregado, Casais Novos, Obras Novas e Casal Pinheiro**, (das 8 às 14).

Morreu Carvalhão Duarte

Foi hoje divulgada a notícia do falecimento de Jaime Carvalhão Duarte, que desde 1941 era director do vespertino «República». Com 75 anos de idade, o jornalista morreu no passado dia 21, pelas 6 horas da manhã, depois de ter pedido que o seu funeral se realizasse com toda a simplicidade, sem participação nem luto.

Carvalhão Duarte começou por ser professor primário na região de Alcanena e foi secretário-geral da União dos Professores Primários, fundada em 1918. Mais tarde dirigiu o jornal «O Professor Primário» e fundou com outros a revista «Escola Nova», órgão da Associação dos Professores de Portugal. Em 1930 entrou para a redacção da «República», vindo mais tarde a substituir Ribeiro Carvalho na direcção do jornal.

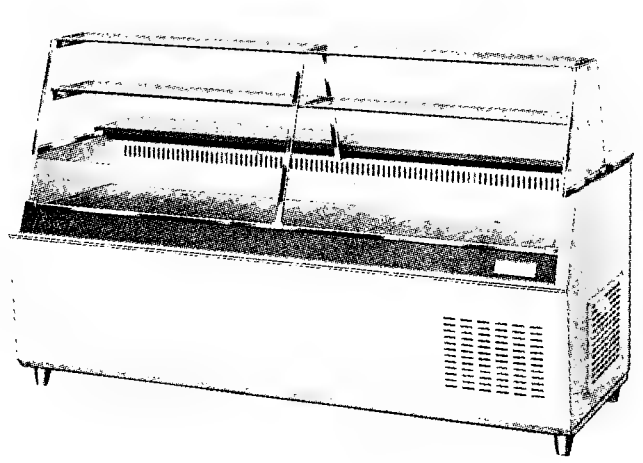
Entusiasta do ideal republicano, Carvalhão Duarte era autor de «O Ditador da Violência» (1933), «Liberdade» (1949), «Peço Justiça» e «Hitler, o Vagabundo».

Ao funeral que saiu do Centro Escolar Republicano Fernão Boto Machado para o cemitério do Lumiar, assistiram familiares e os amigos que tiveram conhecimento da sua morte, além do dr. Feitor Pinto, director-geral da Informação, em seu nome pessoal e no do secretário de Estado de Informação e Turismo.

Jaime Carvalhão Duarte deixa viúva a sr.ª D. Maria do Rosário Fernandes Carvalhão Duarte e era pai do dr. Sérgio Carvalhão Duarte e do eng. Aureo Carvalhão Duarte.

ROYAL
TÉCNICA SUECA

VITRINA FRIGORÍFICA



Para equipamentos de supermercados, mercearias, charcutarias, pastelarias, etc.

NOVIMPORTA
Centro Comercial de Importação, Lda.
Esc.: est. da Luz, 173, r/c E—Exposição e Armazém: est. da Luz, 173, A,B,C e D—Lisboa

VAI SER SUBSTITUÍDO O COMBÓIO CAUSADOR DO FOGO NO VALE DO VOUGA

O combóio da linha do Vale do Vouga, tristemente conhecido por «combóio incendiário» (ao que se supõe responsável pelo incêndio que durante quatro dias assolou aquela região), vai fazer as suas últimas viagens. Ele será substituído.

Acaba-se deste modo o pesadelo de Verão das populações e autoridades da extensa região do Vale do Vouga.

OCTOGENÁRIO CARBONIZADO

Nas proximidades da povoação das Pombas, da freguesia da Sertã, morreu carbonizado um octogenário, vítima de um incêndio por ele ateado involuntàriamente. Trata-se do sr. José Fernandes da Silva, de 86 anos, que fez uma borralheira para preparar um canteiro, tendo o fogo tomado ràpidamente porporções alarmantes.

Este incêndio, que devorou mais de 100 hectares de pinhal, causou prejuízos calculados em alguns milhares de contos.

O FOGO NA COVILHÃ

A vaga de incêndios nas florestas, que tem posto em pânico grande parte da população rural do País, também se tem feito sentir na área da Covilhã. Esta madrugada, além do fogo registado ontem em Casegas e Orondo, houve incêndios em mato próximo das freguesias de S. Francisco de Assis e da Barroca Grande.

Todos estes incêndios, que causaram elevados prejuízos, foram já extintos, tendo ao fim da manhã terminado as operações de rescaldo dos dois últimos.

INCÊNDIO NUMA RESIDÊNCIA

No lugar de Vale de Milhaços, Amora, Seixal, houve um incêndio na residência do sr. José Andrade Antão, originado por uma garrafa de gás butano. Ao local acorreram os Bombeiros Voluntários de Cacilhas, que extinguiram o fogo, tendo a habitação ficado parcialmente destruída.

Não houve desastres pessoais, sendo os prejuízos calculados em mais de sessenta contos.

NOVO ADMINISTRADOR DO METROPOLITANO

O dr. António dos Santos Labiza, antigo subsecretário de Estado do Tesouro, foi designado pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa para substituir o eng.º D. Francisco de Melo e Castro nas funções de administrador do Metropolitano por parte do Município. O dr. Santos Labiza assumirá o cargo no dia 1 de Setembro.

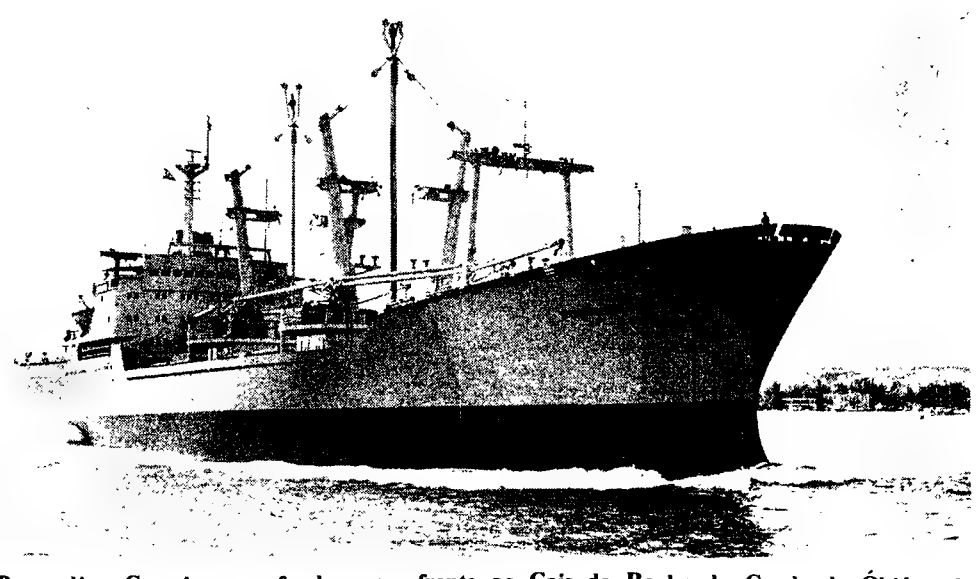
A Companhia Colonial de Navegação cresce renovando a sua frota

Chegou no dia 23 ao Tejo um novo cargueiro para a Companhia Colonial de Navegação, construído na Polónia pelos estaleiros STOCZNIA GDANSKA, e ao qual foi dado o nome de «Bernardino Corrêa», em homenagem ao fundador daquela empresa.

O navio que havia sido encomendado pela Companhia de Navegação Marítima Netumar (brasileira), àqueles estaleiros, terminou a sua construção em Abril do corrente ano e está equipado segundo as mais modernas técnicas de construção naval.

A nova unidade destina-se às carreiras de Africa-Angola e Moçambique, Norte da Europa e Mediterrâneo.

As suas principais características são, além de outras, as seguintes: Tonelagem, DW 12.240 tons.; Velocidade de jserviço, 20,5 nós; Capacidade de Carga, 19.071 m3; Autonomia, 12.000 milhas; Comprimento, 160,94 m.; Aparelho de Carga, 18 paus de carga e 16 guinchos; Calado máximo, 9,62 m.



O «Bernardino Correia» que fundeou em frente ao Cais da Rovha do Conde de Óbidos, foi visitado pela Administração da Companhia e iniciará em breve, as carreiras a que se destina

DOENÇAS MENTAIS

COMO AS ENCARA?
COMO SE TRATAM?

MESA-REDONDA
EM QUE PARTICIPARAM:
DR. FRANCISCO ALVIM
(psicanalista)
DR. AFONSO
DE ALBUQUERQUE
(psiquiatra)
DR. BAIRRÃO RUIVO
(psicólogo)
Moderador: Mendes Pedro

NAS PÁGINAS CENTRAIS

CRISE
DA IMPRENSA FRANCESA

Por
ALCIDES
DE CAMPOS

Doente de há vários anos e de males diversos, a Imprensa francesa, tão ligada à literatura, conheceu recentemente a sua primeira crise violenta. Mas mesmo de cama, lá se vai levantando de madrugada, apoiada em muletas de pau carunchoso...

No dia 1 de Fevereiro, em resposta ao apelo lançado pela **Union des Syndicats**, os jornalistas franceses informavam a opinião pública sobre a situação (grave) da Imprensa em França, através de um «orgão» insólito de efeito seguro: o silêncio total. Só a Rádio e a Televisão, comprometidas com um «serviço mínimo», quebraram esta espectacular unidade.

Antes, o diário **Paris-Jour** e o semanal **L'Idiot International** tinham desaparecido definitivamente dos quiosques. O primeiro, vítima de uma administração incompetente, mais preocupada com a demagógica «intox» da fotonovela, que fez a sua fortuna (grupo Del Duca), que de informação; o outro, sob uma avalanche de processos de inspiração política. Repressão do capital e da matraca associadas uma vez mais.

Em digressão pela África francófona, o sr. Pompidou não pôde, evidentemente, ficar indiferente a esta atitude dos jornalistas. Não fosse o mundo crer que, nesse dia, ele não tinha jantado, como de costume, na tenda dourada de algum néo-soba. Deixar-se assim nas gavetas das redacções o discurso diário do presidente como se se tratasse de uma dessas «pestes» condenadas normalmente pelos silêncioa conjugados dos diferentes interesses em jogo, exigia réplica. E foi da África que chegou a

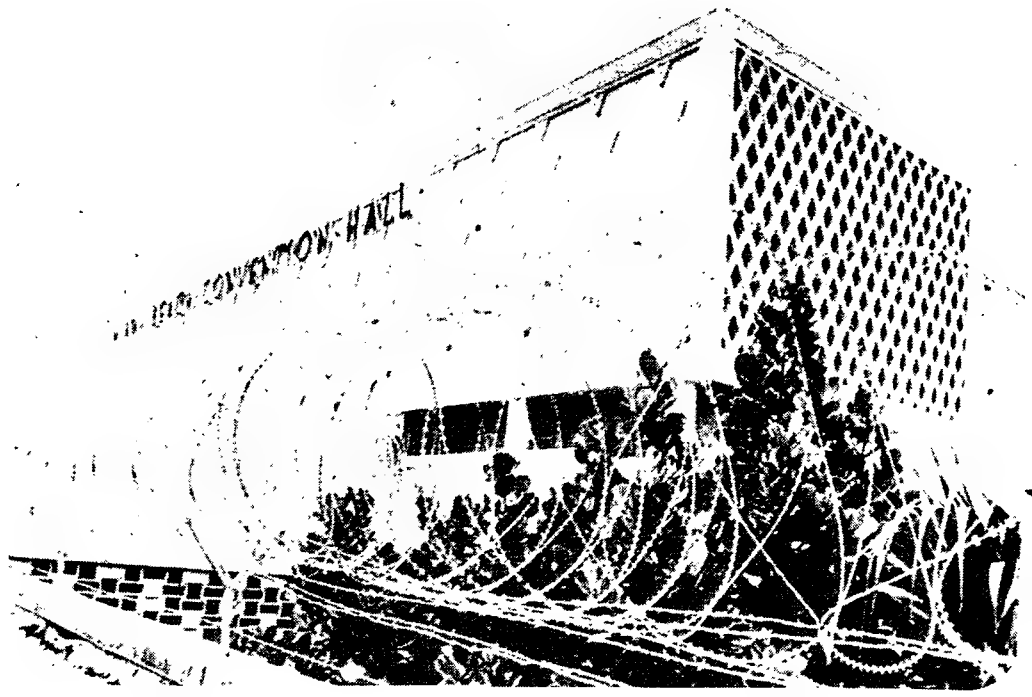
Continua na pág. doze

mesa redonda

NAS PÁGINAS INTERIORES

- POLÉMICA SOBRE RENDAS DE CASA
- CONTINUAÇÃO DO INQUÉRITO:
  QUE RUMO LEVAM AS ARTES VISUAIS EM PORTUGAL?
- ESPELHO DA IMPRENSA
- ASSIM VAI O MUNDO
  ASSIM VAMOS NÓS

assim vai o mundo



PRECAUÇÕES — **Um aspecto das precauções de defesa do Convention Hall, em Miami, onde os delegados do Partido Republicano confirmaram, em ambiente de festa, a candidatura de Nixon.**

TELEVISÃO

A televisão francesa é posta em causa quanto às suas responsabilidades culturais num documento há tempos surgido na Imprensa, que está a ser assinado por numerosas personalidades francesas. Diz-se ali:

«A reforma da ORTF está na ordem do dia. Os franceses não podem permanecer indiferentes quanto ao futuro da sua televisão: ela é, todas as noites, uma parte da sua vida. As reformas são, por certo, indispensáveis, mas o essencial reside na natureza dos programas, o universo que todas as noites é imposto a cinquenta milhões de franceses.

O verdadeiro escândalo da televisão, hoje, não está neste ou naquele abuso: está na escolha de uma política de programas. As horas de grande assistência, são ocupadas por certos tipos de emissões, jogos, variedades, séries dramáticas, etc., nas quais, muito frequentemente, a mediocridade se alia à insignificância.

Uma tal orientação não é admissível: fundada no desprezo pelos telespectadores, é contrária à razão de ser de uma televisão nacional.

Solicitamos que seja pùblicamente definida uma política de programas fundamentalmente diferente, que ponha fim a uma pretensa oposição entre uma televisão para o «grande público» e uma televisão «cultural».

A ORTF pertence a todos; deve reflectir esta diversidade e esforçar-se por desenvolver e estimular a expressão, a reflexão e a satisfação dos franceses.»

ESTÁTUA

Pescadores submarinos descobriram uma grande estátua de bronze do século III A.C. a dez metros de profundidade, perto da praia de Riace, na Calábria. Trata-se de um achado importante, segundo declaram na superintendência das Antiguidades em Reggio, para onde a estátua foi levada. A obra representa um guerreiro nu, de 2,60 metros de altura e com um capacete de tipo coríntio. O homem está de pé e esboça um gesto com o braço esquerdo, ligeiramente dobrado, em que segurava o escudo, que desapareceu. Segundo as primeiras observações, esse bronze helenístico é uma manifestação tardia da escola do escultor Policleto (século IV A.C.), autor do «Diadomeno» e do «Doriford», que deviam constituir o canone da beleza viril.

AGULHA

Cirurgiões soviéticos operaram durante duas horas para salvar a vida de um alfaiate da Ucrânia que, acidentalmente, ficou com o coração furado por uma agulha que deixara na cama.

A revista mensal «União Soviética» revela que a agulha tocava as paredes do ventrículo esquerdo do alfaiate em cada batida do coração.

VALA

Uma vala comum, contendo 20 crâneos e grande quantidade de ossadas humanas, foi descoberta no local de um aquartelamento em Bratislava. Pense-se que se trata dos restos mortais de soldados eslovacos mortos a tiro por alemães, durante a Segunda Guerra Guerra Mundial.

SÁBIOS

«Os sábios devem despir o seu manto de inocência e actuarem de forma responsável», disse o dr. Maurice Strong, secretário-geral da Conferência da ONU para o Ambiente Humano, abrindo o 24.º Congresso Internacional de Geologia, Uma participação activa na vida das sociedades era necessária para evitar um desastre ecológico. «Os sábios são a origem do poderio e da riqueza, concluiu Strong. Assim é sua obrigação sentirem-se preocupados com a maneira como os seus patrões utilizam o que eles produzem».

BACALHAU

Prevê-se para breve a eclosão de nova «guerra do bacalhau», entre a Inglaterra e a Islândia: a 1 de Setembro entra em vigor o limite de 50 milhas para as águas territoriais islandesas e não será autorizada ás traineiras de outros países a pesca naquela faixa.

Isso poderá levar à repetição dos incidentes de 1952 a 1954, com barcos de pesca ingleses a apoiarem as traineiras que tentem pescar nas águas islandesas.

Também pode envolver-se no caso a Alemanha Ocidental, cujos barcos de pesca têm os seus melhores pesqueiros nas águas da Islândia.

GRUTAS

Um cientista francês, dr. Michel Siffre, que há seis meses se encontra fechado numa gruta, sem dispor de luz natural nem de aparelhos para medir o tempo, só voltará à superfície da Terra no dia 5 de Setembro — anunciou sua mulher Nathalie. Desde 14 de Fevereiro que o cientista estuda os ritmos do corpo humano em repouso e em actividade. As experiências inicialmente previstas para um período de 25 dias terminaram a 14 do corrente e o dr. Siffrek ficou surpreendido ao saber que se enganara em cerca de 50 dias. Uma equipa de três franceses segue, à superfície, as experiências do dr. Siffre, que tem ligado ao corpo eléctrodos que vão dando a temperatura do corpo e o ritmo respiratório e cardíaco. Estes eléctrodos indicaram como pode o homem adaptar-se a períodos extensos de vigília e a experiência é seguida com interesse do ministério francês da Defesa e pela NASA. Ao sair da gruta, Siffre passa dez dias no centro espacial de Huston, para novos exames médicos, e então regressará à França.

MARROCOS

A comissão administrativa da União Nacional das Forças Populares (Oposição Progressista) entende que depois dos graves acontecimentos que acabam de verificar-se em Marrocos, «a única saída é consagrar-se a soberania ao povo — única fonte do poder». Reafirma as suas posições de Março-Abril de 1972, e lança um apelo à mobilização de todas as categorias políticas e sindicais «para a instauração duma democracia autêntica».

O comunicado da comissão administrativa, distribuído à Imprensa, salienta que a situação muito grave que afecta o país traduz «a dependência de Marrocos relativamente ao neo-colonialismo» e que é consequência «do poder absoluto e antipopular, da repressão e falsificação de factos», assim como «do enriquecimento duma minoria de feudal e de capitalistas estrangeiros».

BRASIL

O extremista brasileiro José sé Júlio Araújo militava na ordo corrente num tiroteio com agentes da segurança nacional, indicam em São Paulo.

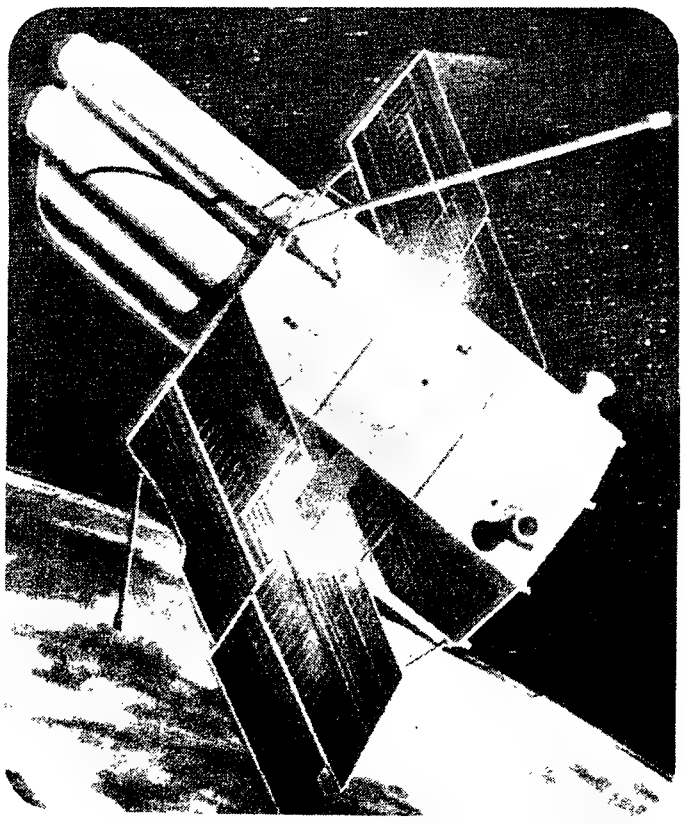
Segundo as autoridades, José Júlio Araújo militavaa na organização da extrema esquerda «Aliança Libertadora Nacional», tendo regressado recentemente de Cuba onde participou num curso de terrorismo.

EUROPA

As primeiras conversações entre o Tratado do Atlântico e o Pacto de Varsóvia acerca das reduções paralelas e por etapas de efectivos militares na Europa vão começar simultaneamente com as conversações iniciais sobre a Conferência de Segurança Europeia — afirma-se nos circulos diplomáticos ocidentais e Genebra. Foi o Ocidente que propôs à Russia que as duas séries começassem ao mesmo tempo e no mesmo local.

Helsínquia já foi escolhida como teatro das reuniões preliminares para o estudo da Conferência de Segurança Europeia e a Rússia sugere que se iniciem a 22 de Novembro.

Nessas conversações vão participar os embaixadores dos países interessados, ao passo que a conferência própriamente dita hão-de participar elementos dos Governos e dirigentes militares.



COPERNICUS — **O maior satélite-observatório, o Copernicus, posto em órbita pelos americanos, de cujas observações muito se espera para o progresso das ciências. A imagem é, ecidentemente, produto da imaginação de artistas e não, pròpriamente, uma foto. Obter uma fotografia do Copernicus no espaço não é assim coisa fácil...**

assim vamos nós

CORTIÇA

Na opinião do engenheiro silvicultor do Fundo de Fomento Florestal, Teodósio A. Salgueiro, o sobreiro e a azinheira são duas espécies florestais que no nosso país se encontram em perfeita harmonia com o meio ecológico em que vivem. Natural é, portanto, que antes de procurar desalojá-las — motivados pela ideia, muitas vezes apressadamente formulada, de que o seu contributo económico para a exploração agrária é, ou virá a ser em breve, diminuto — nos dediquemos à busca de processos que, mantendo as árvores, façam aumentar substancialmente o rendimento da terra em que vegetam.

O principal produto do sobreiro — a cortiça — tem sido muito discutido no que respeita à continuação do seu valor como fonte de rendimento. No entanto, a cortiça ainda não deixou de ser um dos nossos principais artigos de exportação, pelo que seria, não só insensato como também ruinoso para a economia nacional, que se generalizasse um sentimento de desinteresse pela produção de tão útil matéria-prima. Sem dúvida que há, hoje em dia, problemas ligados à cortiça, mas a sã atitude mental perante os problemas é aquela que conduz ao seu estudo e não a fugir deles.

CASAS?

Vimos que, de acordo com um inquérito realizado pela Hidrotécnica Portuguesa, na Covilhã, 51,7 por cento das casas não tinham casa de banho; 31,6 estavam sem água corrente; 32,9 não podiam contar com esgotos e 15,9 estavam, ainda, sem electricidade.

Segundo o mesmo inquérito, 15 famílias com ordenados mensais entre os 1501$00 e os 2000$00 habitam casas com rendas que vão dos 1201$00 aos 1500$00. Três famílias com um rendimento inferior a 2500$00 habitam casas com renda mensal superior a 1501$00. O mesmo acontece a 1 família com um rendimento inferior a 3500$00 e a outra com rendimento inferior a 5000$00.

Entretanto 4 famílias com um ordenado mensal superior a 6000$00 habitam em casas com renda inferior a 100$00. Outras 38 moram em casas onde pagam entre 101$00 e 300$00. E ainda 39 habitam em casas com renda entre 301$00 e 500$00.

FLORESTA

Apesar dos avisos e precauções tomadas, a floresta arde em Agosto com uma violência e uma regularidade assustadoras. Fala-se, desta vez, em mais de um milhão de contos de prejuízos, casas e povoações destruídas, etc. Parece que o motivo foi uma faulha de um combóio, mas podia ter sido um pastor, ou uma criança, ou qualquer outra pessoa.

Isto leva-nos um pouco atrás, às precauções que não foram tomadas na altura da florestação, feita por particulares ou até, pelos Serviços Florestais.

Onde estão as clareiras a quadricular a floresta? E as distâncias convenientes das habitações e lugares habitados? E os serviços de combate, montados com um mínimo de eficácia?

Quando se considerarão estes problemas **antes** e não **depois** das tragédias?

inquérito

QUE RUMO LEVAM AS ARTES VISUAIS EM PORTUGAL?

O QUE TODOS PODEM FAZER

Por JOSÉ BLANC DE PORTUGAL

Antes de mais nada tenho que justificar-me perante quem me escuta de ter aceite o convite para participar neste debate. Todos os outros interventores convidados têm pergaminhos conhecidos. Não eu, apesar de não enjeitar as culpas de quase me ter estreado literàriamente co uma crítica de artes plásticas — a uma exposição de Júlio, o irmão de José Régio — e, muito mais tarde ter reíncidido, embora esporàdicamente.

A única justificação que pude aceitar eu próprio foi a de que podia interessar a intervenção de uma pessoa que tem frequentado normalmente exposições e não deixa de pensar no que vê. Há também a circunstância de ser professor de uma cadeira de «Integração Cultural» do Curso de Formação Artística da Sociedade Nacional de Belas Artes onde teorizo bastante — talvez demasiàdamente — e onde uso palavras bastante **difíceis** aliás com o único fim de nos podermos entender... Aí começo por dizer que toda a comunicação se faz por **signos** (ou **sinais**) e que sem termos em conta as suas dimensões sintética, pragmática e semântica não há forma de nos compreendermos. Aí falo de processos ergódicos, estocásticos (e até markovianos), de eutropia e outros conceitos não menos subtis mas capazes de serem definidos com precisão que para aí estão a ser usados nem sempre com desejável propriedade.

Tudo isto só vem a propósito de vos poder dizer que sei palavras difíceis e julgo até entender o que elas podem dizer e até a que campos podem ser alargados, estendidos, tais conceitos. Tenho a maior consideração pelas ideias e pelas palavras que as **significam**; considero de maior importância as teorias e as práticas estéticas mas creio que só me posso abalançar aqui e hoje **hic et nunc** aqui e agora, é bonito dizer-se em latim — a apontar aspectos muito práticos, econòmicamente práticos — da situação actual das artes plásticas portuguesas.

Quando Cristo disse (**Evangelho** segundo S. Mateus, Cap. 12, V. 31-37) que é pelas **palavras** que seremos justificados de forma alguma **opunha** palavras a **actos**; o que denunciava era o pecado contra o Espírito pois quem contra Ele se pronunciasse não seria perdoado nem neste mundo nem no outro. Mas não creio que seja pecado contra o Espírito falar-vos de coisas muito práticas...

Quando pensava nisto, apareceu nos jornais de todo o mundo a notícia de que Londres, no famoso salão de leilões da Christie's, se vendera **La Terrasse de Ste. Adresse**, de Monet, por qualquer coisa como 4 mil contos, quadro que, há 100 anos, o Autor vendera por 400 francos... Isto dá ideia da **impossibilidade** nacional portuguesa de pagar os seus artistas à escala mundial.

Mas há para tudo limites e soluções, se não completas, pelo menos parciais.

Já com o papel à frente para escrever o que vos queria dizer, não fosse perder-me nos meandros do verbo enredador, chegou-me às mãos o «Diário de Notícias» de 7 de Dezembro de 1967 cujo artigo de fundo, de Luís Teixeira (dispenso os adjectivos a quem deles não precisa para ser o que é) intitulado **«Em louvor e Defesa dos Artistas»**, partindo precisamente do caso da venda do quadro de Claude Monet me dispensa de ver original pois a conclusão do que eu vos queria dizer, agora e aqui, em fins de 1967, dissera, mas em mensagem dirigida ao chefe do Governo, em 1933, a Comissão nomeada pela Assembleia Geral da Sociedade Nacional de Belas Artes, de que faziam parte Diogo de Macedo, Jorge Segurado e o próprio Luís Teixeira. A diferença é... eu não me dirigir ao Governo mas a vós...

Luís Teixeira conclui o seu citado artigo citando da referida mensagem esta frase candente: «Podemos afirmar a V. Ex.ª que há artistas na miséria», na dúvida porém sobre «se seria exacto repetir hoje» essas palavras. Do que não duvida é que «de qualquer modo, é evidente que a falta de educação e de cultura artística do nosso meio continua a ser a primeira preocupação dos artistas portugueses».

A partir de aqui deixo a lição de Luís Teixeira e da Comissão de que fez parte cujos trabalhos se dirigiram ao Governo e a este sugeriram providências que iam até ao lembrar «a conveniência de concentrar todos os assuntos da arte nacional num futuro subsecretariado de belas-artes».

O programa tracado nessa representação de 1933 tem, para além do que já tenha sido realizado esporádica ou permanentemente, matéria de sobejo com que entreter os poderes públicos quanto a ensino artístico a todos os níveis, aquisições e encomendas, facilidades de locais de trabalho para artistas, etc, etc, etc.

O que vos quero propor não se dirige porém aos poderes públicos. Mesmo que o Governo nada fizesse — e faz, bem ou mal em cada caso; insuficientemente sempre, em minha opinião — há um sem número de coisas **fáceis** que competem a cada um de nós individualmente ou à associação privada.

Quantos dos presentes podem em consciência garantir que frequentam assìduamente os museus e que se não vão a mais exposições de arte é porque não dispoem realmente de mais tempo? Quantos podem em verdade dizer que se não compram obras de arte é porque verdadeiramente não estão em condições económicas de o fazer?

Há grande ou pelo menos relativa miséria e as condições de fornecimento aos consumidores possíveis de obras de arte não acompanharam as de outros produtos. Estou eu apreconizar vendas a prestações ou a contribuição de sociedades para compra e sorteio das obras de arte adquiridas entre os associados? Em princípio: Porque não as vendas a prestações? Porque não as «sociedades - sorteadoras»? Tudo isto sabemos que se pratica embora em pequeníssima escala.

Mas a questão é claramente muito mais complexa e inserida no ciclo vicioso definido pelas proposições: não se compra mais porque o público não tem necessidade imperiosa — não a sente — de ter em casa uma ou duas obras de arte do seu tempo; não tem essa necessidade porque não tem educação artística. E capaz de poupar para comprar um frigorífico, uma televisão, um automóvel, um tapete.. Não para comprar um quadro, uma gravura ou uma cerâmica, coisas certamente ao alcance das bolsas que pagam os mencionados produtos técnicos (o **tapete** a que me referi e uma coisa **para tapar** e tornar cómodo o sobrado; nada mais geralmente...)

Não há, pois, nenhuma dúvida de que a educação artística deve ser tão obrigatória como a de qualquer disciplina da instrução primária; não há dúvida de que o ensino secundário, médio e superior devem oficialmente reconhecer que educação e cultura artística são tao importantes como educação e cultura literária e científica.

Mas o que faz cada um de nós para convencer os poderes públicos dessa importância, dessa necessidade? Não acharão esses poderes que gastam muito com museus onde não vai ninguém? Não acharão que não vale a pena comprar obras de arte em exposições onde não vai ninguém?

Não nos iludamos caíndo em qualquer excesso: todo o esforço colectivo começa da agregação do individual: todos os poderes públicos são movidos pelo colectivo que é, como diria o Amigo Bomana, um conjunto de indivíduos. A menos que acreditem num ditador que imponha as Belas - Artes até o Povo se habituar a precisar delas.

Como se criou cada um de nós que se estarrece perante a situação das nossas artes plásticas? A escola ajudou-o? Ajudou-o a família? Uma tradição? Tudo terá agido um pouco; mas, que acrescentou cada um de nós ao pouco ou muito que lhe foi oferecido?

Muito pràticamente: Cda um de nós faça o que a sua consciência lhe exige e dentro em pouco teremos o que nos falta, essa consciência colectiva que orientará melhores vias para a economia das Artes nos seus aspectos de produção, consumo e circulação.

Quem realmente não pode fazer mais que visite museus e exposições; que peça, exija, que algo lhe seja ensinado sobre arte; que poupe algo para algo comprar e que, por sua iniciativa, faça o que se faz em países bem ricos: subscreva para a compra de obras de arte a figurarem em museus. Aqui estou eu a penitenciar-me que já contribui com alguma coisa para se comprarem várias obras de arte para museus ingleses (onde é frequente terem expostos mealheiros para o efeito) e nunca dei um centavo para que enriqueçam os museus nacionais (a menos de alguns, poucos também, bilhetes de entrada em geral, em Inglaterra não se pagam as entradas nos museus...). Isto e muito mais mil coisas que todos podemos fazer.

Mas julgo que já gastei o tempo que me era concedido. Depois falaremos até lá. Falem com as vossas consciências individuais. O colectivo virá depois. A situação? Um desinteresse da esmagadora maioria!.

Pintura de Júlio Resende

Renovação de estruturas urbanas na arquitectura? 2

Por Nuno Portas

Volto à 3.ª geração.

Esta mobilidade de sistemas de referência cultural seria inevitável — ninguém lhe terá escapado, nem mesmo um Fernando Távora, que apresenta a linha de desenvolvimento mais contínua, entre os da sua geração. O que importa agora considerar é o seu sentido; saber onde é a emanação de uma procura que se traduz num progresso substancial dos conteúdos da arquitectura ou onde é uma preocupação de actualização de gosto ou técnicas que depressa se sentem datadas, caducas, e impelem o arquitecto a procurar outras sugestões igualmente super-estruturais.

Este será mais um dos problemas que teria interesse debater no nosso meio, agora muito mais permeável à inovação pela inovação, e coagido a trabalhar com maior rapidez e eficácia para aproveitar, em contrapartida, os efeitos da expansão, popularização e sucesso público-comercial dos edifícios que vêm ràpidamente a luz. Este processo existia em Lisboa no sector lucrativista da renovação e expansão urbana, mas a um nível lamentável, quer em dignidade profissional dos intervenientes, quer em características técnicas do produto que se vende; a alteração das condições, ao menos relativa, está no facto de alguns ateliers de qualidade, de arquitectos desta 3.ª geração, terem sido solicitados, ou terem sabido solicitar, pelo ritmo e nível da produção, os empreendedores decididos ou as administrações mais abertas.

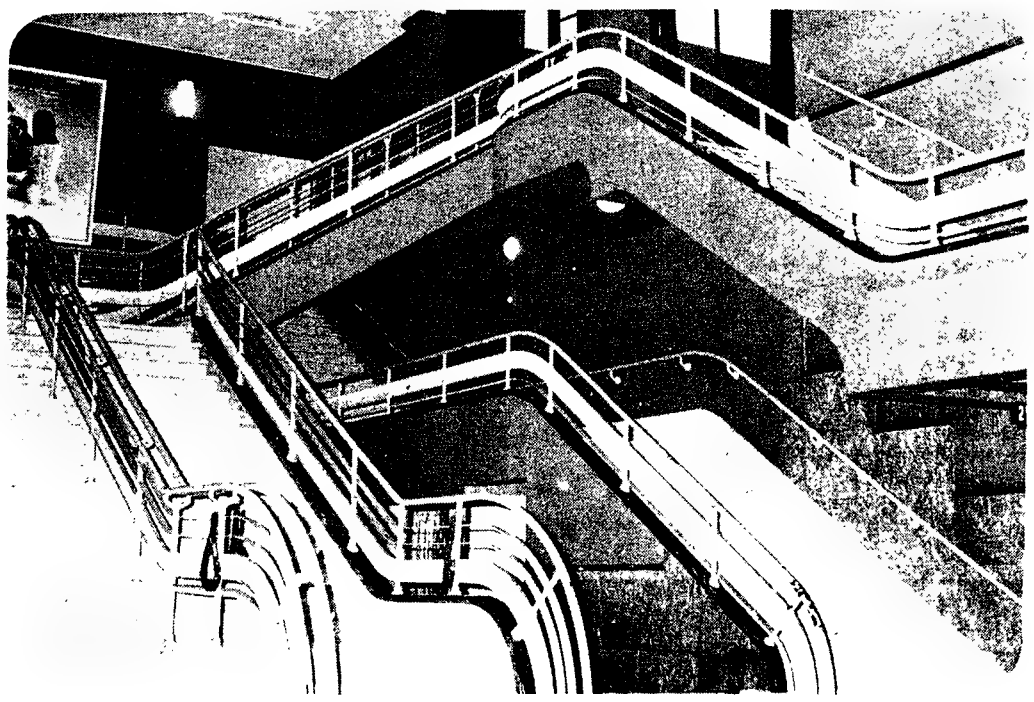
Deixo aqui entender que se trata sobretudo de uma mudança de ritmo. Não é por acaso que o factor que logo salta à discussão é o desprezo, e a «eficiência», a qual pressupõe profundas mudanças nos hábitos e na organização dos intervenientes (que não só arquitectos), assim como se reveste de consequências ao nível da linguagem, que se traduzirão nas obras.

OS «ATELIERS»

Será que optar, como o fez um certo número de profissionais, pela fórmula «quantidade e qualidade», em oposição a poucas obras — desenvolvimento de uma personalidade — significa necessàriamente entrar numa elevada decadência de variação formal, resultante da necessidade de captar e «explicar» sempre novas sugestões formais, quiçá ainda antes do as anteriores terem sido materializadas, e se poderem usar, verificar, criticar?

Em consequência da necessidade de alimentar tal cadência de renovação, as formas são mais «apanhadas» que reconstruídas e menos ainda construídas. E a maior parte das obras traduzirá uma variação figurativa que espanta

Continua na página seguinte



Escadarias do Cinema Eden

Renovação de estruturas urbanas na arquitectura

2

Continuação da pág. anterior

pela mobilidade — que não é devida à obsolescência efectiva, mas à provocação da procura e excitação de fáceis imagens.

Pertencem naturalmente a esta geração intermédia os arquitectos de qualidade mais operosos ou operantes, já solicitados pelos principais grupos, promotores, campanhias ou mesmo alguns municípios; e neste grupo distinguem-se bem os que podem tender para «chefes de empresa», solicitados por grande volume e novos problemas de organização do trabalho e os que aguentam ou sofrem de um ritmo de obras apenas suficiente para não delegar o essencial da actividade criadora. Este segundo grupo é, como se pode imaginar, constituído pelos nomes que enumerei atrás.

Esta é a diferença principal, que agora se torna mais nítida: o primeiro grupo de **ateliers** basea-se em formas incipientes de delegação de responsabilidades, sem verdadeira transmissão de intenções culturais e de personalidade criadora, sistema que tem como consequência não a maior descontinuidade ou ecletismo no que deixa de ser uma obra de autor, seja ele colectivo, para ser produção de firma, aleatória de acordo com os intervenientes em cada fase do projecto.

O segundo grupo prossegue dificilmente tentativas de desenvolvimento de obra individual, procurando um amadurecimento e continuidade de temática e linguagem (lembrem-se os temas sociais dominantes nas obras de Távora, Taínha, Teotónio Pereira, Siza Vieira, etc.).

Este o panorama esquemático dos **ateliers**. Entretanto, a arquitectura permanecia ausente das repartições, onde só há a ressalvar certos ensaios de planeamento urbano (Porto, Aveiro, Olivais); mas paralelamente começa outra forma de actuação que parecia então possível e altamente prometedora: resultado da desilusão ou consciência dos limites da arquitectura construída ou visão a tempo de que cada vez mais a arquitectura se fundamenta numa investigação de base que defina as necessidades sociais, os meios de expressão, a integração dos diferentes escalões do planeamento, o progresso nos métodos de desenho e nos instrumentos críticos. Mas num primeiro período, esta tentativa não justifica auto-suficiência nem orgulho. Por formação não está preparado para esta acção, quer por disciplina de formação e tendência a empolar as implicações extra-profissionais do seu trabalho e a recusar a sua focagem em termos especificamente arquitectónicos.

Mas é a partir desta acção a níveis diferentes que se pode observar a evolução dos últimos dez anos, que me parece cruelmente sintomática, se é certo o meu quadro:

. Como noutros sectores da vida portuguesa, os anos à volta de 60 seriam particularmente promissores e logo ilusórios: banido o fantasma da censura estilística (nacionalismo, academismo), arquitectos da 3.ª geração e sobretudo da mais nova que se lhes seguiu, viram repentinamente abertas diante de si novas possibilidades de trabalho integrado em planos ou an acção da administração (Previdência, Câmara de Lisboa — Olivais, Leixões). Foi mesmo possível que arquitectos muito novos ascendessem a postos de responsabilidade, como sucedeu com os economistas, dos quais era possível a formulação dos programas (sobretudo na habitação); outros, na profissão livre, viam-se pela primeira vez com a chace de projectar programas sociais de que durante três décadas qualquer modernidade conceptual estivera afastada...

Nesse momento fez sentido um interesse quase passional dos problemas de linguagem ao nível do espaço interno de habitação e do espaço exterior urbano: e o populismo ou o neo-realismo figurativo mas sobretudo estrutural, comportamentístico (de raíz italiano-nórdica, naturalmente) que esse clima precipitou. A arquitectura moderna portuguesa adquiria, com o Mercado de Vila da Feira, as igrejas de Águas e Moscavide, alguns dos edifícios de Olivais Norte e alguns outros grupos de Olivais Sul, além de pequenos bairros esparsos da Previdência adquirida, dizíamos, uma dimensão semântica. O choque então verificado entre homens engajados de formação racionalista e os novos igualmente engajados mas que quiseram sê-lo ao nível da linguagem, foi dramático, quando não cómico. Mas importante para todos.

Mas este momento era ilusório: a conjuntura dos anos de guerra trazia como consequência que os programas sociais não prosseguiriam ou, ralos, voltariam à rotina de repartições, (escolas, Universidades, saúde, mesmo habitação a ritmo lento, ausência de renovações urbanas, etc.). Os técnicos comprometidos nesse arranque, apesar de relativamente jovens, deixariam os lugares ou apenas caír os braços na rotina, quando não na cumplicidade e, à escala lisboeta e desta pequena camada, adviria uma cada vez mais nítida instrumentalização do arquitecto por forças económicas emergentes, de que destaco duas consequências:

. a) formação de «ateliers-empresa», absorvendo os melhores de novas gerações e produzindo séries híbridas;

. b) dominantes os temas de trabalho mais comercializados, onde a própria linguagem ambiencial é instrumentalizada pelo lucro: lojas (sobretudo de luxo e nem sequer supermercados); escritórios (sobretudo bancos e companhias de seguros e nem sequer áreas centrais de trabalho) e finalmente a avalanche(?) dos hoteis (sobretudo de luxo... nem sequer os clubes de turismo de massa).

Esta temática emergente e o tipo de **atelier** que lhe corresponde terão consequências graves: a linguagem ainda há anos radicada na expressão da vida popular e colectiva, estruturalmente formada, tende a não ter raízes que não sejam versões das imagens da moda (porquê em brutalista inglês, por que não em milanês?).

O SENTIDO DE DUAS POLÉMICAS

Os novos que chegam a alimentar este sector chegam sem esperança de um empenho total, suporte de grandes sacrifícios. Há dez anos, os novos melhores que procuravam um mentor ou um autor que se admirava e a que nos queriamos juntar, hoje pretende-se um patrão a e admiração que se vota não passará o plano da eficácia administrativa. Estas motivações são legítimas e compreensíveis (sobretudo no quadro da inserção rápida dos intelectuais em padrões de consumo relativamente altos), mas o que levou a citá-las longe de considerações moralistas é a convicção de que são sintomáticas da esclerose da cultura e, mais directamente, da linguagem arquitectónica.

Agnosticismo e críticismo, quiçá auto-esterilizante, verificam a actual impossibilidade de os mais jovens chegarem a uma solidária identificação com a expressão de autores mais velhos, condição de continuidade do movimento, se é que é possível, sequer, a identificação da expressão de alguém, para além de dois ou três nomes já assentes pela obra anterior e reduzida...

Mas mais agnosticismo prático do que criticismo sério: com efeito, parece igualmente inquietante o silêncio crítico dos últimos anos, a ausência de textos, palestras, colóquios, seminários, livros, exposições, que não posso deixar de relacionar com falta de combatividade. Escrúpulo excessivo de quem está agora mais consciente da complexidade metodológica dos problemas? Ainda aqui a praxis é inseparável do conhecimento...

Voltando a um termo de comparação internacional, a situação explica-se de novo por razões estruturais:

— há dez anos, a nossa polémica aqui era essencialmente linguistica mesmo semântica, porque reflectia a grande discussão internacional desde o pós-guerra da superação do racionalismo pelo organicismo ou, depois, pelo brutalismo...

— mas agora a polémica é estrutural — incide na renovação do sistema urbano, no desafio à mobilidade e à sociabilidade (expressão das realidades do trânsito e da vida colectiva), à complexidade (promiscuidade das funções urbanas) e à mutação (projectar para modificar...).

E, exactamente como **estrutural**, pressupõe uma interacção com a organização social através do planeamento, do controle da propriedade e investimentos concentrados no sector público, da capacidade de decisão e de execução e de gestão... (cada vez mais a arquitectura se faz, ou se mata, de qualquer modo se determina, antes de chegar ao «atelier»...).

É óbvio que o primeiro momento cultural se podia ainda exprimir à **nossa escala**, numa moradia ou num bairro, numa escola ou num mercado (integração ou oposição ao ambiente histórico; expressão da vida de vizinhança, etc.), mas este segundo momento cultural, o presente, esse é já claramente i n c ompatível com as condições estruturais do País neste momento.

Um dos seus pressupostos é precisamente a «nova dimensão» conceptual que se traduz numa «urbatectura» que se sufoca no episódio isolado (o lote, sempre o lote!) sem perspectiva (isto tinha inìcialmente uma ideia, sempre sobrevem a frustração!).

Assim, fica clara agora a minha ideia pessimista: a invenção arquitectónica presente não pode

a) ter «correspondência» no movimento cultural europeu ou mundial senão pelos figurinos que importa — fashionáveis, ilusórios, senão irresponsáveis, nem pode

b) interpretar uma cultura de massa em alteração no sector urbano da nossa sociedade dualista que não respondera já ao populismo que exprimimos há dez anos mas igualmente se não identifica nem com os programas, nem com os sistemas funcionais, nem com o sistema linguístico, se é que existem nas «arquitecturas para administradores modernos», que os melhores arquitectos estão produzindo.

E é a partir desta segunda responsabilidade — é pela população necessitada de arquitectura que temos de responder — que para terminar gostaria de deixar uma interrogação sobre o futuro que se põe ao sector mais válido, cuja acção contraditória descrevi:

Sabendo agora bem que arquitectar significa envolver ou expressar um espaço (de vida) social, que a autenticidade da comunicação vem de se acreditar nesses conteúdos sociais a envolver, esta geração encontrar-se cada vez mais perplexa por reconhecer os perigos presentes:

— ver o seu trabalho reduzir-se a pequenas intervenções particulares são integradas em concepções unitárias de escala maior;

— ser instrumentalizado por prioridades estabelecidas pelos interesses de minorias privilegiadas ou interesses corruptores (importancia actual dos equipamentos de uma função não popular e do pequeno comércio de luxo);

— limitar-se até ao subemprego com a redução dos investimentos nos sectores de equipamento social prioritário ou à impossibilidade de intervir na sua programação (caso gritante de não continuidade da experiência da escola primária-piloto da OCDE, um dos raros sucessos arquitectónicos dos últimos anos).

Recusando assim um formalismo de estética da abundância que não merecemos — e que pode incluir um retorno a citações dialectais moderno-populares pedido pelos investimentos turísticos, por exemplo, resta para alguns a alternativa de uma busca de conteúdos sociais e urbanísticos para os projectos irremediàvelmente limitados que se consigam angariar pelos processos mais pessoais e intransmissíveis e para todos os que queiram sobreviver cívica e artìsticamente a obrigação de nos voltarmos a situar num plano eminentemente teórico, polémico, empenhado, elaborando e propondo indefectìvelmente **alternativas programáticas** que permitem resistir à absorção e ao mutismo ditado pelos organismos e estruturas existentes.

Esta será a alternativa à quase irresistível tendência actual para nos fecharmos num isolamento agnóstico que já toca muitos — ou no parêntesis chamado emigração...

Por isso se tornou importante para alguns que o puderam fazer, pese às estruturas, o acesso à formação dos arquitectos, admitindo a viabilidade de pôr na escola mais concretos problemas prioritários, procurando encontrar modelos, soluções exemplares que se possam pôr como alternativas válidas, utopias realizáveis, se se quiser, às opções de rotina ou hipotecadas que se tomam na profissão e na administração.

E se esta acção de contestação e contraproposta tem larga tradição no movimento moderno — foi por ela que ele se formou — hoje terá de ser feita por forma inequìvocamente técnica, operativa ao nível de arquitectura dos programas, dos métodos e, ainda, das formas. Mas poderá ela ser feita sem o suporte de instituições de investigação?

Mas mesmo ao nível protestatário não vejo que os arquitectos portugueses dêem mostras de ter acordado para esta acção vigilante, de formação permanente e empenho cívico. E é sobretudo por isto que termina pèssimamente — com um pessimismo vigilante.

NUNO PORTAS

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

GOSTA DE MUSEUS?

Quem quiser ver uma serpente viva vai ao Jardim Zoológico. Quem quiser ver madeiras exóticas ou um rinoceronte embalsamado certamente não irá ao Museu Agrícola; e estão lá. O Museu Mac-Bride (no Hospital de Santa Marta) recolhe um inquisitorial aparelho para redução de fracturas e o martelinho de reflexos do grande dr. Sousa Martins; o repórter foi o primeiro visitante em doze meses.

Lisboa tem vinte museus que os lisboetas ignoram. Agosto quente; as galerias de sombra e silêncio recebem turistas de mapa e máquina, no exercício das suas funções. Vêm conhecer de nós o que nós desconhecemos. Uma vida cansada não dá tempo à curiosidade pelas coisas mortas, devidamente escalonadas por idades nos seus sarcófagos de vidro. Também os museus ignoram a cidade, altivos e fechados na dignidade funerária em que repousam os objectos ilustres, ou os objectos novos e anónimos que empalidecem já na morte suspensa da caixa transparente, leito de veludo em desuso.

Foices sem trigo, canecas sem vinho, coches sem cavalos, esculturas sem jardim, e os quadros.

«Um furriel meu amigo levou-me ao Museu Militar, um domingo à tarde», recordou **Maria Deolinda**, (caixeira, (21 anos) com certa nostalgia. «Eu não queria ir passar a tarde de folga num casarão cheio de velharias, mas depois diverti-me. As guerras antigas pareciam que não eram muito a sério, mas depois vi as baionetas e quase me arrepiei de imaginar uma pessoa poder ser espetada por aquilo. A gente vê as guerras no cinema e na televisão, guerras actuais, e depois fica admirada com aquelas tardes esquisitas, as espingardas enormes, as bandeiras todas rotas.» Eo furriel? «Não dizia nada, estava comovido, depois fomos a andar devagarinho até ao Terreiro do Paço, ele sempre calado.» Maria Deolinda não conhece outros de museus, aborrecem-me... pular, que fica ao pé do rio, num outro domingo de sol. E o furriel? «Sei lá!»

Rui Fernandes, 37 anos, funcionário público, nunca foi a um museu de Lisboa. «Nem vou», especifica. «Não gosto de museus, aborrecem-me, aquele silêncio, aquela solenidade. As coisas até podem ser interessantes. Eu até gosto mais de ver quadros originais do que reproduções, mas a pintura exposta nos museus portugueses não me faz levar até lá.» Mas nem todos os museus são de pintura! «Os outros são a mesma coisa. Não é sítio onde vá por me apetecer. Não é sítio onde me saiba distrair.» Cemitério de coisas, um museu? «É isso, mas aos cemitérios de pessoas gosto de ir... Já viu o que se aprende nos Prazeres sobre a concepção da morte, sobre o que os ricaços do princípio do século pensavam da sua vida? E é ao ar livre!»

Em frente do Bosch das Janelas Verdes, um jovem francês descalço ri de autêntico gozo com o bestiário psicadélico do grande flamengo. Não se senta para observar o todc do triptico das tentações. Que se enconstado à teia, parece ter descoberto um segredo de humor nos monstros do visionário, um traço de luxúria nas ninfas medievais. Gosta de museus? — «Não, gosto de Bosch.»

Uma luz leve revela a esmeralda e o negro dum céu crepuscular, em que viajam peixes ajaezados e navios à vela. Ao lado, numa grande tela alguém amplia, só em esboço ainda, a secção superior da tábua esquerda. Quem pinta a cópia? **«Martin Maqueda»**, professor dedibujo y pintor de arte» diz o cartão de visita que nos-tende a mão ampla e ágil do pintor, também crítico tauromáquico. Dois olhos aguados e claros, que seguem como o bico dum lápis as trajectórias da perspectiva, como no alto duma **verónica,** analisam do jogo das cores o nervo fino do movimento que vai da ponta do touro à bainha da capa. «Faço cópias em museus desde 1925. Trabalhei em Espanha, no Museu Soares dos Reis, do Porto, e tenho o meu **atelier.**» Aos 71 anos, o traço firme e sensível procura a curva exacta das costas de um camponês que Bosch acocorou num horizonte de fogo.» É uma encomenda para o antigo apoderado de Marcial Lalanda, o **señor** Cristobal Becerra. A cópia disciplina-me. Vou a museus para aprender. Acho que os museus portugueses são muito ricos e bem organizados. Dá-me prazer trabalhar aqui.»

Mariano Perdiz, 55 anos, comerciante: «Sim senhor, gosto muito de ir a museus. Em Espa-

Continua na pág. oito

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5

Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem **20 000$00** ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO
ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

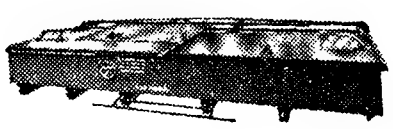
CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso DL

Nome

Morada **Telefone**

«MIDA»



Serra circular
automática
Modelos 400-500-600

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- **SERRAÇÃO**
- **CARPINTARIA**
- **MARCENARIA**

Fábrica: **TROFA** (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

qual a idade do seu coração?

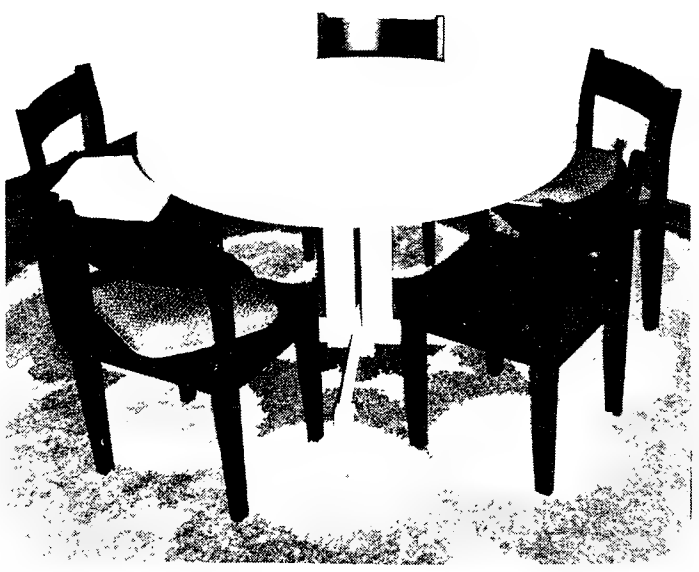
A idade que consta no bilhete de identidade nada tem a ver com a do coração. Você pode ter passado os 40 anos, levar uma vida agitada e possuir um coração jovem. Com 20 anos! Para tal, é indispensável cuidar da alimentação. Ter uma dieta própria. Saudável. Rica em poli-insaturados.

Nessa dieta é importante incluir Becel — margarina especial. Agora com fórmula enriquecida. No pão, nos cozinhados — Becel. De fino sabor. Vitaminada. Isenta de sal. Rigorosamente pura. Contém 50--55% de poli-insaturados — a mais alta percentagem de poli-insaturados existente em qualquer margarina do mercado. Esta a razão que torna Becel tão importante no seu regime diário. Porquê? Ajuda a conservar a juventude do coração! Ajuda-o a ser jovem ...mesmo depois dos 40 !

becel

o bater saudável do seu coração

LINTAS 72-BL-08



VIDA PSÍQUICA E DOE
como as encara? Co

Mesa-Redonda em que intervieram os drs. Francisco A
Afonso de Albuquerque (psiquiatra) e Bairrão Ruivo (p

O sofrimento psíquico, as depressões nervosas, as neuroses de toda a espécie, e ainda as esquizofrenias e as psicoses maníaco-depressivas tendem a alastrar na nossa sociedade. Por razões familiares, por razões hereditárias ou por razões dependentes do sistema político?

Os Psicólogos clínicos, os psicanalistas e os psiquiatras têm por ofício tratar os «doentes psíquicos» (que somos todos nós?). Mas que é e para que serve a psicanálise? E o que é um psicanalista, de que quase todos só conhecem o divã nas anedotas? O que os distingue dos psiquiatras ou dos psicólogos clínicos? Porquê mùtuamente põem em causa os fundamentos e efeitos das ciências que praticam? E porquê entre nós a linguagem popular encerra o psiquiatra nas paredes de um Júlio de Matos qualquer, possìvelmente tão louco como os outros esquizofrénicos? Dos psicólogos há os testes e outras mirabolâncias, mas que pretendem os psicólogos clínicos?

E, finalmente, estarão eles todos de guarda aos sistemas político-sociais existentes?

Há actualmente 7 psicanalistas, um número não conhecido de psicólogos clínicos (a profissão está em vias de organização: com o sindicato reconhecido há cerca de um mês), e 150 psiquiatras. Segundo a Organização Mundial de Saúde (O.M.S.) num País com o nosso nível de desenvolvimento deveriam existir 1000 psiquiatras, (... 30 000 camas psiquiátricas quando só há 10 000), 1 psicólogo a trabalhar nas equipas de saúde mental para cada 10 000 habitantes, 1 psicólogo para cada 5000 escolares e um número de psicanalistas indefinido mas, que serve de índice para o nível da terapêutica mental em cada país.

Propusemos a especialistas das três diferentes formações, mas que prosseguem objectivos comuns, que debatessem sob os vários ângulos os problemas enunciados. Acederam a participar o que agradecemos vivamente, o dr. Francisco Alvim, psicanalista, de formação ortodoxa e presidente da Sociedade Portuguesa de Psicanálise; dr. Afonso de Albuquerque, psiquiatra de formação behaviorista e assistente do Júlio de Matos e dr. Bairrão Ruivo, psicólogo geneticista e director do Centro de Observação Médico-Pedagógico do Ministério da Saúde e Assistência. Mendes Pedro desempenhou o papel de moderador.

Desvalorizado o papel do pai: os resultados estão à vista

UM EXEMPLO: A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

MESA-REDONDA — Proponho que comecemos por um tema aplicado que tenha um interesse imediato e sirva para explicitar ao comum dos leitores o alcance dos diferentes métodos e linguagem da psiquiatria, da psicanálise e da psicologia. Seja a educação das crianças.

Quais os problemas da educação hoje em dia? Como se deve processar a educação?

A CRIANÇA: DEVE SER CONSIDERADA UMA PESSOA

FRANCISCO ALVIM — Para um psicanalista o que interessa é o que poderíamos chamar «maturidade emocional». A criança tem possibilidades potenciais psicológicas que poderíamos considerar comuns. Numa primeira fase estas potencialidades são afrontadas com as dos pais e a seguir com as dos educadores. O problemas é da «relação», portanto entre as dos seus e as dos outros. Daqui sairá o que a pessoa será como adulto. Não é possível para um psicanalista dar juízos de valor porque provàvelmente o que é bom para uns é mau para outros. Portanto, como educação entendemos sobretudo um conjunto de medidas que procuram adapta-se ás necessidades e características de cada indivíduo. Voltamos como se vê a uma óptica individualista.

A meu ver um dos problemas da educação moderna é constituída pela desvalorização do papel de Pai na orientação da criança. Actualmente «paternalistas» (que originalmente traduzia um conceito distorcido do papel paternal junto da criança) tornou-se numa abolição quase completa do referido papel, formativo, moderador e organizador dos impulsos infantis. O resultado está à vista: um acréscimo enorme das manifestações agressivas da criança e do jovem adulto. Uma desorganização dos sistemas criadores do equilíbrio psíquico, etc.. A tendência para o uso de drogas, o aumento dos agrupamentos sociais marginais, o suicídio dos jovens, as manifestações de violência gratuita, etc., etc., são a meu ver outras tantas consequências da demissão da imagem paterna com o consequente reforço das funções maternais reais ou simbólicas (sociais) que dificultam aquilo que para nós é mais importante: o desenvolvimento. Não creio que exista ou venha a existir um sistema educacional perfeito, pois este, como todos os sistemas é baseado em preconceitos transitórios de origem cultural. A criança antes de ser classificada como tal deve ser considerada como uma pessoa, o que nem sempre se constata nos sistemas pedagógicos actuais que parecem mais interessados em fazer da criança uma outra criança grande submetida aos vários interesses de classe, políticos, religiosos, etc., que, como sistema, visam a supressão do homem verdadeiramente livre e independente das pressões ambientais.

AS CRIANÇAS DEVERIAM IR PARA AS CRECHES COM DOIS MESES DE IDADE

AFONSO ALBUQUERQUE — A família deve evoluir no sentido de se tornar mais aberta a todos os meios de penetração social. Por exemplo a criança deveria ir para uma creche (e tão poucas há no nosso País) logo desde o segundo ou terceiro mês de vida, o que traria reflexos numa maior emancipação da mãe e numa menor carga emocional negativa a qual geralmente é o produto de uma família fechada em que a mulher desempenha só o papel de «mãe galinha» hiperprotectora, frígida e castradora. Com uma maior abertura à sociedade em geral-jardim de infância, escola, liceu, a criança teria assim acesso a uma socialização mais rápida e variada.

Na própria família a criança deveria poder aprender tudo aquilo que a sua curiosidade natural lhe pede, e isto inclui evidentemente a educação sexual. Poderá surgir aqui um problema à criança ao saber que em casa da maioria das outras crianças isso não sucede, mas os pais atentos poderão sempre explicar que pertencem a uma minoria que vai na vanguarda. Eu daria como conselho aos pais que se comportem conforme o que querem que as crianças venham a ser e não como eles são agora.

As crianças e os jovens revoltam-se contra uma sociedade repressiva de que toda a gente se queixa mas que ninguém transforma, contra os pais que são exigentes com os filhos mas fracos para consigo próprios. Os jovens cedo se apercebem da cobardia dos adultos que se contentam em falar mas não põem os seus actos de acordo com as suas palavras.

MULTIPLICAÇÃO DAS «CLASSES ESPECIAIS...»

BAIRRÃO RUIVO — Não sei a razão da pergunta visto que não sou educador, no entanto o que lhe poderei dizer liga-se à minha prática em escolas, ainda recente, e a problemas de psicopedagogia dita «especial».

Quando os sistemas educativos estão em ruptura multiplicam-se os recursos psicologizantes, psiquiatrizantes, etc.

Eu penso que os problemas da escola devem ser resolvidos na escola, que os educadores e pedagogos não devem demitir-se e substituirem-se a psicólogos, etc.

Como equacionar os problemas base, para que não se multipliquem as «classes especiais», as «classes de readaptação», as classes de isto e de aquilo?

Repensar a educação e a pedagogia na sociedade actual.

Mas, perguntar-me-á — se você trabalha para aqueles que não souberam, não puderam ou não os deixaram, que se «adaptassem» a essa escola — como vê o seu trabalho? Psicologia mas não «troppo»!

Não me quero substituir à pedagogia, à medicina, ou à economia ou à política, ou pelo menos tento fazer por isso.

Da minha prática parece-me que nada mais tenho a dizer — os «psicólogos clínicos» de infância» e ou «psicopedagogos especiais», têm os mesmos problemas na sociedade actual, que qualquer outro homem, saber se trabalha honesta ou desonestamente, tentando usar o seu «Eu» para poder optar e assumir, custe o que custar. Isto é um problema de escolha e mesmo um problema moral.

Dr. Bairrão Ruivo (psicólogo)

O QUE SE ENTENDE POR PSIQUIATRA? POR PSICÓLOGO? POR PSICANALISTA?

«MESA-REDONDA» — Depois deste intróito, poderíamos esclarecer-nos sobre os papéis que correspondem ao estatuto de psiquiatra, ao estatuto de psicólogo e ao estatuto de psicanalista. Como se demonstrou ainda não há muito tempo num ciclo interdisciplinar realizado na Gulbenkian, as imagens de cada estatuto referido permanecem opacas não só para o público, como entre os especialistas em causa. Daí, numa perspectiva de interdisciplinaridade, pedir que cada um apresente não só a imagem que se faz da sua especialidade, como da dos outros dois colegas.

AFONSO DE ALBUQUERQUE — Como psiquiatra considero-me um médico de bata-

Alc
As duas

ENÇAS MENTAIS
Como se tratam?

o Alvim (psicanalista),
o (psicólogo). Moderador: Mendes Pedro

Dr. Afonso de Albuquerque (psiquiatra).

lhão, da primeira linha, quero dizer que trato pessoas que apresentam todo o tipo de perturbação psicológica. Trabalho num serviço de urgências psiquiátricas e num serviço de consultas externas de doentes neuróticos e psicóticos. Recebo qualquer pessoa que pense ou se sinta doente. Trabalho também num hospital psiquiátrico.

Isto parece-me importante porque elimina toda uma série de possíveis atitudes defensivas da minha parte, não posso fugir para nenhuma torre de marfim.

Por outro lado devo começar por dizer que o meu trabalho será tanto melhor quanto mais estiver integrado numa equipa em que haja psicólogo-assistente social-enfermeiro, e procurando utilizar o método da comunidade terapêutica, em que toda a comunidade é utilizada como meio terapêutico.

Como médico devo fazer o diagnóstico (observação), tratamento e prevenção da doença psiquiátrica sempre que possível. A psiquiatria é um trabalho eminentemente médico e, julgo, a tendência para tornar a psiquiatria num ramo da medicina é justa, sem ignorar por outro lado que correm ao psiquiatra muitas pessoas que não têm doenças psiquiátricas mas que sofrem acima de tudo das consequências psicológicas que uma sociedade irracional provoca. Esse será talvez o grande número de casos de consulta externa, nomeadamente as depressões, os problemas de angústia e psicossomática.

MESA-REDONDA — Qual o tipo de patologia mais comum entre as pessoas que trata?

AFONSO DE ALBUQUERQUE — Em cada cinco doentes de consulta externa, três sofrem de uma ou outra forma de depressão. Em relação aos doentes internados cerca de 50 por cento são alcoólicos e a maioria dos restantes são esquizofrénicos. Estes são mesmo a meu ver os maiores problemas da psiquiatria em Portugal.

Existe toda uma outra série de problemas para os quais se pede a intervenção do psiquiatra e que na verdade o transcendem, já que são problemas socio-económico, político e culturais.

Quanto aos métodos de tratamento, utilizo no meu dia-a-dia psiquiátrico, os métodos físicos (psicofármacos, electrochoque) e a psicoterapia tanto individual como em grupo. Ambos os métodos se completam e não se excluem, disso estou certo.

MESA-REDONDA — Que imagem tem, como psiquiatra, do que seja um psicólogo e um psicanalista?

AFONSO DE ALBUQUERQUE — Os papéis do psicólogo e do psicanalista não podem ser vistos abstractamente, mas nas situações históricas respectivas. Em Portugal, a psicologia não tem ainda um estatuto definido. No hospital em que trabalho fazem sobretudo um trabalho de despistagem, ou seja de aplicação de testes, portanto um trabalho bastante auxiliar. Quanto a mim o seu papel mais importante deve ser na equipa e na psicoterapia usando todas as técnicas possíveis para tratamento do doente, intervindo na terapêutica e ou na recuperação. Podendo ainda fazer trabalho de investigação por ele próprio ou numa equipa que faça investigação.

MESA-REDONDA — E do psicanalista?

AFONSO DE ALBUQUERQUE — A imagem que tenho dum psicanalista é a de um psiquiatra, e portanto, quando falo em psiquiatra chefe-de-equipa, tanto me posso referir a um psiquiatra que seja psicanalista como não.

Aquilo que concretamente se passa no nosso país, e não só, é que o psicanalista quando trabalha em instituições psiquiátricas desempenha um papel como qualquer outro psiquiatra. O psicanalista fora da instituição hospitalar desempenhará um papel possìvelmente muito semelhante ao que eu desempenho na minha clínica privada, ou seja, tratamento de neuróticos e psicóticos sem internamento.

Trata-se portanto, de um psiquiatra com formação psicanalítica como há outros de formação behaviorista, etc...

MESA-REDONDA — O dr. Bairrão Ruivo está de acordo com o estatuto de Psicólogo clínico definido pelo dr. Afonso de Albuquerque?

BAIRRÃO RUIVO — Antes de mais, não há para mim psicólogos clínicos visto que «clìnico» é um método em psicologia, ao lado de outros métodos como seja o experimental, o genético, etc..

O trabalho do Psicólogo é um trabalho descritivo: compete-lhe descrever na sua linguagem e metodologia o que se passa numa conduta, conduta cognitiva, conduta afectiva e conduta social.

Quanto ao papel do Psicólogo como psicoterapeuta, focado pelo dr. Afonso de Albuquerque, penso que encerra uma opção que está para lá do estatuto de Psicólogo. O Psicólogo seduzido por um lado pela prática médica — a tal maçã proibida que gostaria de morder — é levar a ir além do seu estatuto. O que se lhe pede numa equipa é um trabalho descritivo que pode utilizar metodologia psicométrica clássica, ou outras... mas, nunca pode ser exclusivamente clínica ou experimental. Terá uma achega clínica e outra experimental. A achega clínica tenta extrair os problemas numa observação desarmada, como diria Lagache, para depois sistematizar e tentar objectivar em termos de variáveis, o que se passa no comportamento.

Quando quer modificar atitudes — a psicoterapia consiste na modificação de atitudes — conforme a sua visão, ou se tornou psicanalìsta ou seguiu o modelo médico.

MESA-REDONDA — O que entende por descrição no ofício de psicólogo?

BAIRRÃO RUIVO — Quanto á experiência está ligada à psicologia infantil. Se há um comportamento que é preciso descrever, terá de referir-se essencialmente a condutas que possam ser objectivadas, quer no decurso normal da evolução de uma criança, quer em estruturas psicológicas que vêm alterar essa evolução.

MESA-REDONDA — O que o diferencia de psiquiatras e psicanalistas?

BAIRRÃO RUIVO — A Psquiatria é um modelo médico que vai da bioquímica à fisiologia, embora tenha estatuto próprio na descrição dos sindromas psiquiátricos clássicos. Entende que a doença mental é uma afecção orgânica; embora possam existir causas sociais, o registo é essencialmente feito ao nível orgânico.

O Psicanalista aceita essencialmente que a conduta é uma conduta imagética ou seja, as condutas podem ser vistas em termos de imagens e de símbolos.

Finalmente Psicólogo não se sabe se é imagética se é orgânica. Acha que o psíquico tem um estatuto próprio, não reducionista nem paralelista e tenta trabalhar dentro desse modelo.

MESA-REDONDA — Mas assim o psicólogo vai ocupar uma posição de charneira, tentando referenciar ambos os modelos. Qual então o papel do psicólogo?

BAIRRÃO RUIVO — Quanto à questão da chefia, temos de aceitar por razões históricas um certo imperialismo da Psiquiatria, na medida em que os corpos teóricos da Psicologia não, estão ainda totalmente consolidados de modo a poder haver uma prática independente.

MESA-REDONDA — Para classificarmos o que é a psicanálise, peço que esclareça:

Qual o tipo de patologia mais comum entre as pessoas que analisa? Em que consiste? Qual a origem? Como se processa a terapêutica que adopta?

FRANCISCO ALVIM — A psicanálise pode considerar-se um movimento autónomo, revolucionário e original que nada tem que ver com a Psiquiatria. Os primeiros psicanalistas não eram psiquiatras: o interesse do psicanalista não visa primàriamente o tratamento das doenças mas apenas o entendimento e compreensão dos seus mecanismos. Por isso os critérios de diagnóstico psicanalítico não se podem comparar com os do psiquiatra e em particular os conceitos de normal e patológico são completamente distintos.

Ao psicanalista pouco ou nada interessa que o paciente seja considerado normal, psicótico ou neurótico. Apenas lhe interessa saber se o doente terá ou não a capacidade de se aproveitar da técnica especialíssima que constitui a psicanálise. Os critérios de «analisalidade» são muito complexos e só depois de várias entrevistas preliminares se pode aconselhar ou desaconselhar a psicanálise.

Para um psicanalista cada caso é considerado sempre individualmente e por isso não se considera uma patologia comum nem mesmo se comparam as pessoas que o vêm consultar. Uma única coisa se exige usualmente do paciente é que este se **sinta doente** e que mostre sinais de sofrimento psíquico, ao mesmo tempo que manifeste uma certa curiosidade pelos processos do pensamento. Habitualmente o cliente do psicanalista é uma pessoa cujo sofrimento é deliberadamente subjectivo e já antigo, remontado muitas vezes à infância. O processo da psicanálise materializa-se em várias entrevistas por semana (entre três e cinco) com a duração média de 45 minutos que se prolongarão durante vários anos (entre dois a cinco). Correntemente o analisado recosta-se sobre um divã e o analista fica sentado por detrás dele. A base da psicanálise relaciona-se com o que se chamou «associação livre das ideias» e por tal o discurso do analisado é tratado como um material psíquico espontâneo, que exige uma compreensão e um entendimento clarificados dos sintomas que afligem o paciente.

MESA REDONDA — O doente vem e o analista escuta-o com uma determinada intenção e baseado em determinados pressupostos. Atendendo a que a psicanálise é muito pouco conhecida do grande públi-

Continua na página oito

O imperialismo da psiquiatria

lcoolismo e depressão:
as grandes doenças mentais em Portugal

Dr. Francisco Alvim (psicanalista).

A comunicação inconsciente

DOENÇAS MENTAIS

Continuação da página sete

co, agradecia que explicitasse os quadros de referência de que se serve o psicanalista, à relação que o psicanalista estabelece entre o personagem adulto e os personagens infantis.

FRANCISCO ALVIM — Não penso que a psicoterapia psicanalítica, ou seja a psicanálise tenha necessidade de um modelo teórico. O modelo teorico serve para as pessoas se entenderem, mas não penso que seja necessário utilizá-lo no tratamento pròpriamente dito.

A referência é a própria psicanálise do psicanalista e não as referências teóricas. O psicanalista pela sua formação muito especial pode ouvir também de uma maneira muito especial. Do mesmo modo que um leigo quando olha para uma radiografia vê sombras e um radiologista sabe dizer a que correspondem essas sombras, o psicanalista sabe ouvir de uma maneira muito diferente do discurso directo. Nós não procuramos seguir as racionalizações conscientes do doente, mas a sua comunicação inconsciente. A um outro nível portanto. Todos aceitamos e estamos seguros de que para além daquilo que a pessoa diz há aquilo que ela quer dizer.

Clientes e não doentes

O princípio da psicanálise era a elucidação da vida infantil. Hoje a psicanálise evoluiu e já não é bem isso. É sobretudo o actual, o **tranferi** ou seja a relação do analisado com o analista em que se centra a nossa atenção. Se há referências ao passado, à relação entre o personagem actual e outros infantis?... É possível, mas isso não é forçoso nem é um objectivo muito importante.

MESA REDONDA — A que chama doentes?

FRANCISCO ALVIM — O doente é uma pessoa que me vem ver e não tenho outra definição. Mas prefiro chamá-los de clientes e não de doentes, pois que têm o juízo suficiente para se fazerem tratar.

MESA REDONDA — Que imagem faz do que seja um psicólogo e do que seja um psiquiatra?

FRANCISCO ALVIM — Um psicólogo ocupa-se dos problemas da psicologia sobretudo da psicologia normal do indivíduo ou dos grupos de indivíduos. Possui métodos próprios de observação e investigação que vão desde os «tests» de personalidade até aos inquéritos sociais. Eventualmente o psicólogo ocupa-se também de problemas de psicologia patológica e em muitos países dirige ele mesmo terapeuticas psicológicas ou psicopedagógicas sobretudo em crianças e adolescentes. O psiquiatra ao invés ocupa-se exclusivamente de casos patológicos e sobretudo de afecções que pela sua gravidade de revelam terapeuticas médicas especiais: curas biológicas, tratamentos medicamentosos, terapêuticas em meio especializado e protegido (hospitalaização).

(Definidos os campos, passar-se-à ao ataque na segunda parte desta Mesa-Reonda)

GOSTA DE MUSEUS?

Continuação da página cinco

nha vi uns poucos, durante uma excursão. Os de pintura é que não aprecio muito, porque de artes não percebo tanto que fique a olhar um quadro, e então os modernos! Agora aqui em Lisboa já fui ao museu da Marinha e a museu dos Coches, e em Sintra já fui ao Palácio Real. O da Marinha porque isso sempre nos interessa a nós, portugueses, os Coches porque é uma beleza, os trabalhos de marcenaria, e saber que gente se assentou naqueles estofos. O Palácio é que gostei mais, vê-se bem ali como viviam os reis e os princípes, um tipo como eu fica de boca aberta.» Os museus não serão para deixar as pessoas de boca aberta. «Acho que sim, como os monumentos, as coisas imponentes, sente-se o peso do passado. Já um dia entrei numa igreja e fiquei assim, um tipo sente-se muito pequeno.»

Jorge Azambuja, de 32 anos, gerente duma livraria: «Eu, a um museu? Nem quando estive em Paris fui visitar o mesue em que o meu cunhado — estudante de Sociologia — era porteiro e guarda. Avisou-me de que era preciso falar baixo, não tocar nas figuras expostas (era o museu das figuras de cera), não fumar, não nada, menos observar respeitosamente os locones do nosso tempo. A museus não vou». Há um museu dos Hospitais Civis, em que se expõem lancetas com cabo de tartaruga, aparelhagem do outro século, gravuras de operações sangrentas... «Os Hospitais Civis são eles próprios um museu, e esse já eu visitei, para meu mal.» Mas porque é que não gosta? «Acho que os museus mistificam a história transformando-a numa epopeia. As curiosidades ou os documentos históricos despertam uma espécie de simpatia, de ternura pelo passado, apenas por ser passado, e não pelo que efectivamente foi. É preciso espírito crítico, não?»

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990$00
Frigoríficos	1.900$00
Trituradores	260$00
Secadores de cabelo	140$00
Cassetes	35$00
Relógios de cozinha	300$00

VENDAS A PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

polémica

O PROBLEMA

SEGUNDA CARTA AO SR.

Ex.mo Senhor: — A resposta de V. Ex.ª à minha carta surpreendeu-me quando eu me ocupava do plano de uma lição de Literatura Portuguesa sobre «Os Lusíadas». Analisava eu o episódio do Gigante Adamastor e o seu significado na expressão épica do Poema. Interrompi o trabalho, peguei no «Diário de Lisboa», iniciei a leitura e surpreendi-me, logo no começo, pelo tom em que surge o prólogo e que era dado pela expressão «...a carta que V. Ex.ª teve a gentileza de me enviar». E ainda: «Agradeço-lha por vários motivos...».

Mas não foi preciso ir muito além, para verificar que o prólogo vinha em tom demasiado alto, que o sr. dr. não conseguia aguentar ao longo da partitura... e perdeu-se! Caiu nos seus lugares comuns do insulto. Desfigurou-se e espantou-se com a minha ousadia. Ralhou, zangou-se, vieram as ameaças, as profecias, e, nem lhe faltou, uma fase lírica tal como aconteceu com o Gigante, que terminou por contar à «gente ousada mais que quantas» a sua história e... a sua frustração.

Também V. Ex.ª não quer que gentes atrevidas vão *arar* os seus mares sob pena de lhes causar tais males,

«..... tal castigo que seja mor o dano que o perigo».

Do ponto de vista psicológico o paralelismo tem plena explicação. Mas deixemos isto. As sobreposições de imagens passaram na minha retina e vamos então à carta de V. Ex.ª.

Começarei por lhe dizer que nada terei que errar se quiser escrever sobre o Senhor Doutor. Mas o meu tema era outro, e quando escrevo, costumo pensar duas vezes no que digo, e, só escrevo sobre o que sei. O facto de ter subjectivado certos aspectos que eram já, por si mesmo, objectivos, em nada afectou a natureza do problema: as ideias de V. Ex.ª e as minhas ideias sobre inquilinato.

Chocou-se o Senhor Doutor com o meu vocábulo *funcionário* da A. I. L. e diz: «Sou chefe dos seus serviços jurídicos *função esta exercida* em...». Ora esta *função* está na mesma posição de funcionário. Nem sequer se trata de um problema de semântica. O meu *funcionário* era, tão-só, uma substituição eufémica do vocábulo que eu não quis empregar. Na verdade o que eu quis dizer e o Sr. Dr. confirmou é que está certo: recebe dinheiro da A. I. L. Trabalha para a A. I. L. e diz-se «soldado de uma justa causa» e «luto pelos inquilinos dos quais sou um», etc. Fala ainda na *independência* como condição do exercício da advocacia e diz logo que «em matéria de inquilinato não trabalho para senhorios»...

E é assim que o Sr. Dr. atira aos seus antagonistas as pedradas da *leviandade, falsidade, deslealdade, ignorância, má-fé, independência,* etc. Permite-se atacar os outros de maneira sórdida e reserva-se o direito de saber de antemão que quando o querem atacar têm sempre de *inventar, supor, errar, falsear a verdade.* Isto é o cúmulo! O Senhor Doutor ensandeceu! Passou-se de advogado a juiz de si próprio e dos seus contraditores num profundo desprezo pelo Direito, pela Justiça, e pelos princípios elementares do civismo e da própria Democracia. No jornal isso é feio, é falta de urbanidade. Aqui não é o tribunal onde o Senhor Doutor enrodilha as testemunhas, ofende as partes contrárias e os assistentes... É deformação profissional que lhe fica vedada no jornal onde eu sou só contraditor. Quem nos julga aqui são os nossos poucos leitores.

Que terão pensado os comerciantes quando o Senhor Doutor diz que a sua profissão deles, pode ser tão digna como outra qualquer, quando exercida com honestidade. E logo a seguir dispara que as sociedades de V. Ex.ª não dão lucros nem diividendos, «De resto se o dessem eu não seria sócio delas, pois sou contra o viver à custa do trabalho dos outros»! (Sem comentários).

Quanto *a bens herdados,* um reparo: houve na minha carta uma ou outra gralha, por exemplo: senhorio-papão; exiguidade e «mas se tivesse meia dúzia de prédios em Lisboa UNS herdados e outros adquiridos por V. Ex.ª...». Eu não disse que o Senhor Doutor *tinha herdado.* Perguntei *se tivesse herdado,* e V. Ex.ª fugiu à questão. Como diz que não tem prédios age como se vê. E se tivesse herdado meia dúzia ou mais dos que rendem menos de mil escudos com 4 ou 5 andares, e tivesse há 40 anos comprado outros tantos nas mesmas condições, o que fazia? Deitava-lhes o fogo? Dava-os aos inquilinos que ganhavam mais do que V. Ex.ª? Dava-os aos pobres? Ou deixava-se devorar na trituradora da inflação, gastando os seus ordenados e rendimentos para fazer obras, pagar impostos e contribuições para gáudio de certos inquilinos?

Ou foi por isso que não quis herdar nada nem investir na propriedade? Foi assim tão previdente?

Por que continuou a silenciar os problemas que eu quis levantar e se perdeu em assuntos marginais?

Não aceita as heranças dos senhorios mas defende as heranças dos inquilinos. Em matéria de heranças é mais feliz o inquilino quando herda a casa do que o senhorio. Pois que este só tem encargos enquanto aquele só tem lucros. E não paga a transmissão (o imposto sucessório), e beneficia ainda, o inquilino da renda antiga, das vantagens da inflação... Afinal em matéria de heranças V. Ex.ª é *contra* e *por.* E em mais coisas... Ora *esse et non esse non potest esse*!

No fundo V. Ex.ª defende também os seus interesses, os interesses adquiridos, tal como os senhorios, e insurge-se contra os outros que fazem o mesmo na sociedade capitalista...

Quer ver V. Ex.ª porquê?

Tem o Senhor Doutor uma magnífica casa no melhor local de Lisboa, com elevador, etc. Tipo A, (I. N. E.), por um quarto do seu valor. Na Baixa um escritório com 7 ou 8 divisões, só *4 com janela* que chegaria para 3 ou 4 advogados, por um quarto do seu valor. E na Costa da Caparica a sua moradia (certamente encantadora, aqui não disse mais nada V. Ex.ª). Ora quando resolver retirar-se do foro, instala-se na Costa, gozando «...a calma tranquilidade do silêncio e do ar puro», onde não há senhorios, *renda a pagar, especulação a combater».*

Eu sublinhei intencionalmente a transcrição

O Senhor Doutor, nesta altura, passa-se a senhorio.

Vejamos: Basta que subarrende a casa da Praça de Londres (4000$00, por exemplo); recebe umas centenas de contos pelos escritórios (cessão), ou se preferir, subarrenda a três ou quatro colegas que começam a advogar (2000$00 ou mais) cada um; recebe a pensão da Ordem dos Advogados (Caixa de Previdência), e se mantiver uma ou outra verba estável das que referiu, vai ser uma vida maravilhosa. Deus lhe dê muitos anos de saúde para a gozar e repetir o velho *slogan:* «Sou contra o viver à custa do trabalho dos outros»!

Pois é! Para o resto da sua vida o Senhor Doutor dispõe da sua própria casa em zona não poluída. Recebe mais do que um velho senhorio com 30 ou 40 inquilinos, em meia dúzia de prédios antigos, e não pagará nada ao fisco a não ser a sua contribuição predial. E se quiser mais lucro, aluga nos meses de Verão a sua casa da Costa por uma ou duas dezenas de contos e vai até ao estrangeiro, num cruzeiro aos vários continentes, etc.

E, para tanto, não precisou economizar nada dos milhares de contos que ganhou ao longo da sua carreira, e lhe permitiram viver como o melhor dos burgueses nesta nossa Lisboa. É isto, Senhor Doutor! De boas intenções está o Inferno cheio!

Repare V. Ex.ª que um jovem advogado para se lançar na vida, nos nossos dias, se tiver mulher e dois filhos a educar, para ter o mesmo padrão de vida do Senhor Doutor, terá que ganhar 20 a 25 contos por mês! E não terá casa na Praça de Londres, escritórios na Baixa, casa na Costa. Um jovem advogado, nas condições referidas, terá que lutar muito para conseguir no dia seguinte comer o que ganha na véspera e deve ter ficado surpreendido com o que o Senhor Doutor disse sobre este assunto.

Era preferível não ter falado de V. Ex.ª Não recorrer ao insulto. Por que será que quando não se tem razão se insulta o adversário? O tema era só inquilinato.

Ora nesta discussão o tema desdobrava-se em: senhorios

bom-dia novo VIVA!

A mais antiga empresa automobilistica de Portugal apresenta o mais jovem modelo da General Motors

novo VIVA 1300

AUTO-INDUSTRIAL GM

Estoril–Avenida de Nice -Telefones: 263550/263396
Coimbra–Leiria–Caldas da Rainha–Torres Vedras
Lisboa–Avenida Duque de Loulé, 93–95B Telefones: 538082/562551

DAS RENDAS DE CASA

DR. ROQUE LAIA

Por JOSÉ POIARES

instalado na poltrona burguesa, posando para as revistas, impante de coragem, de saber, de ideias de inquilinato, código e tudo, com o nome a 4 colunas nos jornais, accionando a máquina da publicidade, servindo-se e servindo um grupo reduzido, defendendo interesses próprios — as suas rendas são especulativas —, etc.

Como o assunto rendas vai para a A. N., V. Ex.ª, vai já preparando o terreno... não vão os inquilinos das rendas baratas pagar mais alguma coisa. E os outros inquilinos, os das rendas caras, quem os defende? Vão afogar-se na inflação ou vão votar contra o Governo conjuntamente com os senhorios empobrecidos?

Senhor Doutor, é um erro pobres e inquilinos ricos. Especulação e fraude. Inquilinos pobres a pagarem de renda mais de 50 % dos seus vencimentos e inquilinos ricos a pagarem rendas por preços inferiores aos abonos de família. Subarrendamento e hospedagem (viciada). Indemnizações chorudas por demolições de prédios antigos. A tragédia de um grupo (senhorios pobres e inquilinos novos). A Lei 2030 e as excepções Lisboa e Porto (uma anomalia jurídica). A necessidade de derrogação de uma lei de discriminação. A necessidade de uma lei de justo equilíbrio. O projecto dos Srs. deputados do Porto. Evitar a viabilidade económica da demolição do prédio antigo. Rendas equitativas. Necessidade de incentivar a iniciativa privada no que respeita à construção. Em suma: evitar a tragédia da subida em flecha das rendas novas, que neste ritmo em breve se igualam às outras grandes cidades do mundo e em relação ao «cabaz de compras» atingem desproporcionalidades desconcertantes.

Era só isto que interessava discutir e — eu disse-o —, *sem sanha nem cólera.*

V. Ex.ª não tem o direito de pretender defender um grupo minoritário (inquilinos de rendas muito antigas) em detrimento e na ignorância de grupos maioritários (inquilinos de rendas modernas) que pagam por duas casas 20 e 30 vezes mais o que outros pagam por 8 ou 10. Não tem o direito de exigir dos senhorios pobres que sejam eles, sòzinhos, a sofrer na sua carne, as consequências da inflação e a fazer política social, pois que o Senhor Doutor, e muitos mais, da inflação só têm beneficiado e continuarão a beneficiar, juntamente com todos os inquilinos antigos. Quanto vale hoje a casa de V. Ex.ª na Costa? Quantas vezes mais do que lhe custou? A atitude de V. Ex.ª é, parece-me, negativa e resulta num escárnio e num insulto para todos os jovens casais que começaram ou vão começar a vida no tempo presente. A verdade é que quanto mais V. Ex.ª fala e escreve, mais sobem as rendas.

Será vingança dos senhorios? Essa ideia de querer fazer baixar as rendas antigas, invocando teorias económicas, de rendas pagas e repagas, é anedótica.

Quem o lê fica a pensar que se as casas fossem de V. Ex.ª já as teria dado a uns tantos infelizes que necessitam delas. Demagogia! Um coração magnânimo! Um apóstolo! S. Francisco de Assis!

Não, Senhor Doutor! V. Ex.ª desculpará. Mas já não vou neste jogo. Não acredito nada nisto. Quanto certos indivíduos falam muito, começo a tentar descobrir o que está por detrás do que eles nos dizem.

Eu sou um homem, ao contrário do que pensa, de boa fé. Acredito quando vislumbro algo que me entusiasma nos outros homens. Mas a vida tem-me endurecido. Tem-me mostrado como é necessário estarmos sempre de pé atrás. Tenho visto como muitos subrepticiamente se vão infiltrando e esgueirando ao longo da árdua e sinuosa ladeira da vida. Foi a cobiça do cargo, a vã glória do mando, o entusiasmo por uma vida melhor, os ingressos aqui e ali, sempre vaidosos, nesta feira das vaidades; bom emprego, bons ordenados, os andares, as moradias, os carros potentes, elegantes e de categoria, mais tachos e sempre mais... e eles lá vão. A linguagem dos grupos e das tertúlias não sofrem grandes alterações. Nas reuniões recordam-se os velhos tempos. Há encontros que são verdadeiros desencontros. Pois bem, no meu sector, agarrado à pureza dos ideais dos meus 20 anos, eu mantive-me na primeira forma. Poderei até ficar sòzinho. Sou um homem livre, independente. Não dependo de grupos. Dou-me ao luxo de beber pelo meu copo, e adoro a verticalidade!

Muitos pombos do meu pombal abalaram. Mas há, felizmente, muitos pombais onde as pombas enraizaram. O Senhor Doutor foi também, no seu pombal, uma pomba que abalou. As pombas que ficaram podem conhecer-lhe o arrulhar, a tal linguagem que ficou, mas não reconhecem a companheira. São as fraquezas humanas. Quando penso nestes problemas, lembro-me de certos católicos, muitos devotos, que todos os dias ouvem missa e comungam, mas para quem o Cristianismo é uma magnífica experiência que ninguém quer tentar...

Mas perdoe-me este parêntesis. Entendeu-me, não é verdade?

Não vamos fazer da nossa discussão um pântano onde se corre o risco de cair e chafurdar. Eu, felizmente, sou daqueles que quando caio na lama, levanto-me, imediatamente, e sacudo-me. Espero que nisto, ao menos, sejamos iguais. Claro que outros preferem chafurdar.

Mas voltemos à vaca fria. A respeito do Senhor Doutor, eu *errei, falseei,* etc. E a respeito dos problemas que levantei e lhe pedi para tratar? A desgraça, por exemplo, dos senhorios que recebem rendas de 27$50, 30, 40, 50, mesmo 100, 200 e 300$00, com contratos com início em 1912, 1921, dos anos 30, etc.! As hipotecas, as vendas forçadas, a intervenção generosa dos construtores, a alta finança, a ganância do lucro e depois rendas de 3, 4, 5, 6 e 10 contos! Reparou na estatística como aumentam os índices das rendas de habitação? E as rendas médias em escudos? Ora repare V. Ex.ª: Casas tipo A, (I. N. E.), Lisboa: 2000 a 10 000 escudos (números redondos). Casas tipo B: 1763 a 4875 escudos. No Porto muito menos. Agora Coimbra: 1377 a 3150 e 1148 a 2475 escudos. Évora e Viseu muito menos ainda. Ora, é meu convencimento, que a Lei 2030, permitindo actualizações de rendas, desempenhou uma acção moderadora.

Em que se documenta V. Ex.ª para afirmar que «...As rendas antigas nada têm com a formação do preço das rendas actuais, pois, elas sobem, e vertiginosamente, mesmo nas localidades onde deixou de haver rendas inalteráveis»? Em presença dos dados estatísticos, parece que, a afirmação carece de legitimidade. Disse V. Ex.ª que «é bom que antes de escrever as pessoas estudem o assunto que vão versar». Pois é, e eu cheguei mesmo a conclusões apreensivas.

Verifica-se que os índices do *cabaz de compras* variam entre 92 (Buenos Aires) e 187 (Tóquio), e as rendas variam entre 71 (Madrid) e 2710 (Nova Iorque), isto em valores globais. As casas antigas de Lisboa, construídas antes de 1940, são as mais baratas, e os índices mais baixos do que o nosso no *cabaz de compras* referem-se a Madrid, Rio de Janeiro, São Paulo, Bogotá e Buenos Aires. Nas casas construídas depois de 1960 têm rendas mais baixas do que nós em Lisboa: Oslo, Luxemburgo, Amesterdão e Madrid.

Se V. Ex.ª passar todo este material pelo filtro das suas teorias económicas relativas a inquilinato, poderá chegar a muitas conclusões. Para mim fica-me sem resposta esta pergunta: — Se a Lei 2030 tivesse sido aplicada a Lisboa, qual seria presentemente a situação?

Há dias dizia-me um amigo que gosta muito dos seus artigos e é comerciante, que as casas, em Lisboa e no País, são as mais caras do mundo. E que noutros países, especialmente em países socialistas.... etc.

Ora isto não me parece exacto. Eu pus a questão inicialmente: é um problema de óptica. Muitos países socialistas ainda não resolveram o problema-habitação. A própria U. R. S. S. nos últimos tempos tem construído milhões de habitações.

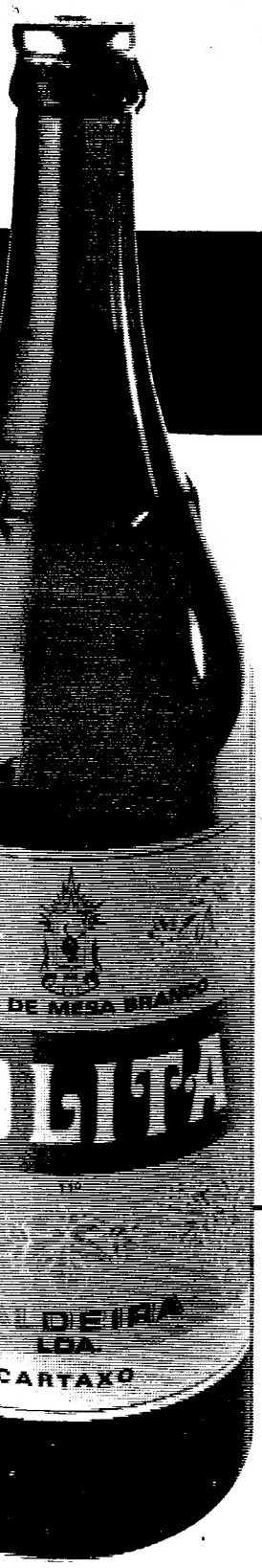
Na Albânia, depois da Revolução, o inquilino desconta 15 % do seu vencimento para a renda da casa. E sabe como se fez a distribuição de casas logo no começo? Foi fácil. Numa casa como as suas, a minha, a do meu amigo, uma bela moradia para ele e para a esposa, as comissões de habitação ordenaram despejo imediato e instalaram agregados familiares numerosos. As grandes moradias e palácios sofreram as mesmas voltas. Cada família ficou com os metros quadrados que lhe foram atribuídos em função do número de pessoas que constituiam o agregado familiar.

Na nossa cidade há casas antigas com 10 e 12 divisões e mais, que são ocupadas por um casal que paga 200 ou 300 escudos.

São os tais que beneficiam das vantagens do socialismo e do capitalismo, na «cidade ideal» para eles. Ora V. Ex.ª está neste grupo, na calma tranquilidade do «bem-estar»,

Continua na pág. 10

POLITA



Um "SENHOR VINHO" genuíno do CARTAXO

O sabor do sol da Lezíria num produto das garrafeiras de CALDEIRA, LDA.

PUBLINTER

Externato Marquês de Pombal
NOVAS INSTALAÇÕES
Em edifício próprio (5 pisos)
RUA MORAIS SOARES, 93 — Tel. 820221/834658 (ao Chile — Metro: Arroios)
PREPARATÓRIO — LICEAL — INSTITUTOS
CURSO COMERCIAL
ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Externato São Vicente
Rua do Paraíso 28 — Tel. 86 41 00

Externato Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica)—Tel. 70 69 74

Segunda carta ao dr. Roque Laia

Continuação da página nove

grave e imperdoável, porque consciente, aceitar-se que ideias diametralmente opostas gravitam em torno de grupos como inquilinos e senhorios, tal como hoje se constituem entre nós. É preciso ter coragem para, honestamente, desmitificar esta ilusão de que V. Ex.ª é grande responsável. Repare como o Senhor Santana pôs logo *a questão nos seus termos* caindo em atitudes ridículas de insinuar isto e mais aquilo, depois de defender um princípio ilegal, não consentido pela lei, da exploração comercial da casa arrendada para habitação... Este senhor que se diz não lucrativista, transplantado para uma sociedade socialista, já sabia como ludibriar o sistema obtendo lucros ilícitos. Mas lá, estava codilhado! Lá é que não há lucrativistas. De resto, sabe-se lá, se o Sr. Santana será mesmo socialista...

Depois, entre o que diz o Sr. Santana e o Senhor Doutor Roque Laia, na segunda parte da sua carta há certa disparidade. Na verdade V. Ex.ª diz que a exploração praticada pelos inquilinos tem de acabar («...dado que eles não são mais que *elementos parasitários* contribuindo para a elevação do preço dos custos». Certo. Mas o Sr. Santana justifica-se: o senhorio «cede a casa a uso doutrem pela renda que lhe paga: o outro, cede parte do seu uso por outra renda. Equivale-se».

E no final da sua carta, V. Ex.ª aproxima-se da ideia do Sr. Santana: «Deixem os senhorias de explorar os arrendatários e estes não terão de se servir dos mesmos meios...». Ora isto está errado e deturpado: quando se firma um contrato de arrendamento para habitação (contrato normal), V. Ex.ª admite logo *a priori* que há exploração do senhorio... e defende a exploração do inquilino. No Código de V. Ex.ª fala em *açambarcamento* e *especulação*, que legitimam o despejo! Ora eu entendo que sempre que é dado, à casa arrendada para habitação de um agregado familiar, fim diferente, o contrato devia ser revisto, pelo menos. É uma opinião. Permitir-se que certos inquilinos vivam da exploração das casas recebendo, muitas vezes mais, dos seus hóspedes e subarrendatários, o que pagam aos seus senhorios, é um escândalo. Ficam lesados os proprietários, os subarrendatários e o próprio Estado. Ora o inquilinato será o que V. Ex.ª quiser, mas francamente, não poderá ser nunca um pinhal da Azambuja! Impõe-se uma legislação apoiada na Moral e na Justiça.

Foi para pugnar por essa legislação que eu vim para o jornal defender, muito mais, interesses alheios — que eu vivo por princípios de solidariedade e sentimentos de humanidade —, do que os meus próprios interesses, como V. Ex.ª e outros, erradamente, pensaram.

Quando V. Ex.ª diz «os meus colegas» referindo-se a senhorios, quis maldosamente ignorar que eu era professor e como é difícil ser-se professor. Sabe quanto ganha um professor, com um grau académico igual ao de V. Ex.ª, aguardando anos e anos a efectividade, fazendo um estágio de dois anos, no meu tempo, um curso de Ciências Pedagógicas, um Exame de Estado, andando pela província, etc., tendo passado anos em que ganhou menos do que o Senhor Doutor numa simples acção no tribunal? É terrível Senhor Doutor! Sei-o eu, e muitos outros.

Prédios? Inquilinos? pois tenho, herdei-os da Família quando tinha já a vida organizada. Não os enjeitei, nem mudei de automóvel o único que tive comprado em 2.ª mão.

Os meus inquilinos são poucos e não me dão problemas. Já tive inquilinos 5, 10 e 20 anos sem pagarem renda... Pouco me interessa o meu caso. Sou um pequeno proprietário rural que assistiu de pé à liquidação da lavoura como assisto agora à liquidação dos pequenos senhorios, tal como aconteceu já à pequena indústria!

O que me choca e lamento é que uns tantos subarrendatários explorados, escandalosamente, por alguns inquilinos meus, me pedem para eu receber deles a renda que pagam aos inquilinos. Inspira-me especial simpatia esta boa gente que vai a minha casa como eu vou à sua, para tentar resolver estes problemas previstos no art.º 110 3.º do Código Civil. São eles que me dizem que eu me estou a deixar roubar a mim e a eles, pois que pagam aos meus inquilinos muitas vezes mais o que eu recebo. E dizem-me ainda que se os meus inquilinos lhes passassem recibo, teriam possibilidades de se inscreverem para umas casas nos bairros sociais... Mas os senhorios deles não passam recibo. V. Ex.ª sabe porquê!

JOSÉ POIARES

(Conclui no próximo número)

O PROBLEMA DAS QUEM EXPLORA QUEM?

Sr. director do «Diário de Lisboa»:

Tenho lido no «Diário de Lisboa» alguns artigos e cartas de leitores sobre o problema das rendas de casa e é sobre este assunto que desejo fazer algumas observações. De entre os artigos publicados apreciei bastante o do dr. M. Roque Laia no «DL», de 14 de Julho, pela maneira clara como põe o problema e pelos esclarecimentos sobre pormenores da lei provàvelmente pouco conhecidos pelo público. Mas a razão fundamental que me leva a escrever a presente é um conceito de exploração que tem transparecido nas cartas de alguns leitores. Parece-me que há quem pretenda lançar a espantosa teoria de que, pelo menos em muitos casos, são os inquilinos que exploram os senhorios. Pode haver várias pessoas que pensem assim e é para procurar esclarecer este ponto que escrevo esta.

Na realidade, são sempre os senhorios que, muito ou pouco, exploram os inquilinos. Em primeiro lugar: que entender por exploração? Digo que A explora B se A se apropria de algo produzido por B. Quando alguém possui uma casa e a aluga recebe uma renda. Essa renda corresponde a algo produzido pelo inquilino e que, mensalmente, é transferido para os bolsos do senhorio sem qualquer trabalho produzido por este. Suponhamos que a renda é um tostão por mês. Acontece então que o senhorio explora o inquilino exactamente em um tostão por mês. A exploração é muito pequena mas é exploração. Poderá perguntar-se: o dinheiro que o senhorio despendeu na compra da casa não justifica o rendimento subsequente? Eu respondo que isso não impede que haja exploração. Em primeiro lugar a construção da casa não foi feita pelo senhorio e o dinheiro com que a comprou era já o produto de uma exploração. Mas suponhamos um caso extremo: o futuro senhorio constroi com as suas próprias mãos a casa; cava os alicerces, carrega o tijolo, produz a alimentação que consome durante o período de construção, etc. Enquanto, faz este trabalho não explora ninguém. Um belo dia termina a casa e no dia seguinte aluga-a a X por mês. Neste dia passa a explorar o inquilino exactamente em X por mês, pois passa a apropriar-se de um tanto produzido por outro.

O conceito da exploração

Por

G. OLIVEIRA

que aparece em algumas cartas de leitores parece ser um tanto diferente do meu e creio que em última análise, significa o seguinte: um inquilino explora o senhorio quando este explora aquele abaixo do nível geralmente consentido na sociedade em que vivemos. Por exemplo, se um determinado tipo de casa está a alugar-se por 3000$00 por mês, digamos, e um certo senhorio tem uma casa deste tipo alugada por 2500$00 mensais, dir-se-á que o inquilino desta última, explora o seu senhorio em 500$00 por mês. É claro que está errado. O que há, num tal caso, é uma menor exploração pela parte do senhorio e não uma exploração pela parte do inquilino. Este só exploraria o primeiro se conseguisse apropriar-se de trabalho produzido por ele.

Enfim, parece-me que o senhorio que acredite que é explorado pelos seus inquilinos tem uma boa solução: se está farto de ser explorado pelos seus inquilinos, renuncie

Continua na pág. onze

LUSTRES

de requinte antigo e moderno para o seu lar. Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Tel. 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

Pelikan
para o estudante
desenhar,
pintar, safar,
escrever,
e colar

CANAL 1

Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

CRONOGRAFO

Exactitud
Precisión
Seguridad

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

RENDAS DE CASA

Continuação da página anterior

às suas casas, faça-se inquilino e viva còmodamente, explorando o senhorio!

Nalgumas cartas publicadas no «DL» tem-se pessoalizado o problema (caso da carta do sr. J. Poiares ao sr. dr. M. R. Laia). Ora o que importa é uma análise científica do problema e não chamar nomes ao senhor A ou ao senhor B. Imaginar o que faria o autor de um artigo se fosse senhorio ou procurar saber a proveniência dos seus rendimentos não interessa.

Li, há tempos, no «DL» uma carta de uma leitora que afirmava que o que se tem dito dos senhorios até pode levar a pensar que são uns espoliadores e outras coisas de que não mè recordo.

De que exploram os inquilinos não há dúvida, mas analisemos as relações senhorio/inquilino. Voltando ao exemplo acima, o senhorio que tem alugada a casa por 2500$00, quando a podia ter por 3000$00, sentir-se-á prejudicado. Suponhamos, para simplificar, que há um grupo de indivíduos — os senhorios — que vivem só de rendas de casa. Se todos aumentam as rendas de casa para 3000$00 e um só deles continua a receber 2500$00, este fica abaixo dos outros. Corre o risco de não poder manter o mesmo nível de vida, pode mesmo ser socialmente despromovido. Pode aparecer um ou outro caso isolado de um indivíduo que renuncie aos seus rendimentos e faça votos de pobreza. Mas a maioria não é suicida. O senhorio que não procure manter um nível de rendas idêntico ao dos outros é um suicida. Acabará na falência. Na grande maioria dos casos procurará aumentar os seus rendimentos o mais possível e, ao fazê-lo, não pode ter em conta os interesses do inquilino. Não pode ser sentimental: ou ele, ou o inquilino.

Acontece que o inquilino também não é suicida e procurará defender-se. Que aconteceria aos inquilinos se não se opusessem aos aumentos de rendas? Os inquilinos terão menos possibilidades na sua oposição aos senhorios mas não menos razões. O problema não está em os senhorios serem mauzões e os inquilinos bonzinhos. Um inquilino bonzinho promovido amanhã a senhorio, graças a uma herança ou ao Totobola, passará a proceder como qualquer senhorio — salvo se for suicida e não se importar de atirar ao vento a herança ou o prémio. Por outro lado se, por um azar da vida, um senhorio for despromovido e passar a inquilino, defender-se-á. Ou alguém acredita que um inquilino ex-senhorio defenderá que lhe aumentem a renda de casa, por solidariedade com os ex-colegas?
com os ex-colegas? A raiz do problema não é uns serem mauzões por natureza e outros bonzinhos por natureza. O problema é outros e não se pode resolver apelando para a clemência dos senhorios ou para a boa vontade dos inquilinos. Poderia resolver-se se toda a gente tivesse casa própria. Então acabariam os senhorios. Só que esta solução não agrada a todos (veja-se a carta do sr. J. Poiares ao dr. M. R. Laia).

Entre senhorios e inquilinos há, necessàriamente, uma oposição porque os primeiros querem explorar (maximizar lucros) e os segundos não querem ser explorados. Não adiantam muito apelos à moralidade. Os senhorios vêem as coisas por um lado e os inquilinos por outro. Recorro de novo ao exemplo que dei acima. O senhorio que tem a casa alugada por 2500$00, ao contrário dos seus iguais que a têm por 3000$00, sente-se tão mal que até é capaz de pensar que o seu inquilino o explora em 500$00 por mês. Sente que é perfeitamente legítimo e moral tentar obter 3000$00. Os seus amigos e conhecidos não o condenarão moralmente por isso. Até talvez se riam dele se deixar ficar a renda como está. A própria lei permite-lhe o aumento. Se descobriu, por exemplo, que o inquilino teve, na casa, relações sexuais não legalizadas (reporto-me ao artigo do dr. M. R. Laia) ou fez mais um filho (mesmo por meios legais) pode mover-lhe uma acção de despejo. Sancionada pela lei. Com toda a moralidade. Tem a consciência tranquila.

Por seu turno o inquilino vê por outros óculos. Se vê os preços dos géneros a subir, se fez mais um filho e portanto se vê na obrigação de o alimentar, vestir, educar, etc., não achará nunca moral que o senhorio lhe aumente a renda, ficando este em sua casa descansadinho, refastelado sem fazer mais do que assinar o recibo. Depois o inquilino também é gente. Se trabalha e ganha, quererá (tal como o senhorio) ter um aparelho de Televisão, um frigorífico, um carrito (até é capaz de precisar mesmo dele para se transportar para o emprego), sei lá, mil e uma coisas, umas precisas, outras completamente inúteis mas que a publicidade lhe impôs como imprescindíveis. Se for mulher pode lembrar-se de querer lavar-se com o sabonete que quase todas as estrelas de cinema usam. Se for homem pode querer usar aquela loção para depois da barba que o fará mais macho. Pode mesmo ter a ideia de querer passar férias, viajar. Enfim os inquilinos lembram-se de cada uma! Mas não restam dúvidas de que considerará o senhorio imoralíssimo se este chegar ao ponto de pretender que abdique de tudo isso, de coisas que o senhorio obtém com o seu (do inquilino) dinheirinho, a fim de pagar uma renda mais elevada. Quem se atreve a dizer que é ilegítimo o inquilino aspirar ao mesmo bem-estar que o senhorio? Com certeza tratará de se defender do senhorio. E fá-lo-á com toda a moralidade.

Toda a gente sabe que os senhorios, ao alugar ou construir, não têm por objectivo satisfazer as necessidades dos futuros inquilinos. Quem investe tem por objectivo obter lucros e os maiores possíveis. Se satisfaz uma necessidade, isso é meramente acidental e só pode ser visto como um meio para atingir o lucro. Quem constroi para arrendar não pensa qual será o tipo de casa, a localização, o numero de assoalhados e seu tamanho, etc., que mais convém a quem nela vai morar. Todos esses factores são escolhidos de forma a maximizar o lucro. Ao dono não interessa que, por exemplo, as pessoas mal caibam dentro das casas, nem que estejam expostas a ruídos ou qualquer outra forma de poluição, interessa é o lucro. Suponhamos que, por qualquer razão, se tornou moda virem turistas da Conchinchina, digamos, passar férias em Cebolais de Baixo. Quem tem dinheiro construirá apartamentos, hotéis, piscinas, etc., em Cebolais de Baixo porque isso lhe dará muito maior rendimento do que, de novo a título de exemplo, construir casas para as famílias que vivem em bairros de lata à volta de Lisboa. Constituir-se-ão empresas de construção que saberão como atrair a si as poupanças dos pequenos para se expandirem. Dilatar-se-ão sem produzirem nada de útil. Apenas canalizarão energias para fins de somenos interesse senão prejudiciais. Energias essas que poderiam ser melhor utilizadas. Depois vem a propaganda. Esta convencerá toda a gente (tentará convencer) de que está a fazer-se uma obra de grande importância social. Falar-se-á da promoção do turismo. Através da publicidade os construtores apresentar-se-ão como entidades que têm por fim resolver o problema habitacional dos portugueses, etc., etc.

É sabido como Lisboa tem crescido e continua a crescer. A construção civil não pára. Em zonas turísticas, não só em Lisboa e arredores, constroem-se hoteis de luxo, etc. Lisboa sofre de gigantismo. Todavia muitas casas portuguesas não têm casa de banho nem sequer água corrente. Poderá dizer-se que a política de construção civil visa satisfazer necessidades? Não visará apenas o lucro?

G. N. OLIVEIRA

O vice-presidente americano Spiro Agnew (com a esposa, na gravura), cujo conservadorismo é notório, viu a sua posição reforçada na Convenção Republicana que se realizou esta semana em Miami Beach, pois não só foi nomeado novamente como companheiro de lista de Richard Nixon como ainda viu aumentar as probabilidades de se tornar candidato à presidência em 1976. Semelhante perspectiva, aliada ao duro discurso de aceitação de Nixon, evidencia uma guinada para a direita do Grand Old Party, confiante na vitória em Novembro sobre o Partido Democrático, que George McGovern procura renovar com o apoio de um largo sector da juventude. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

CTT

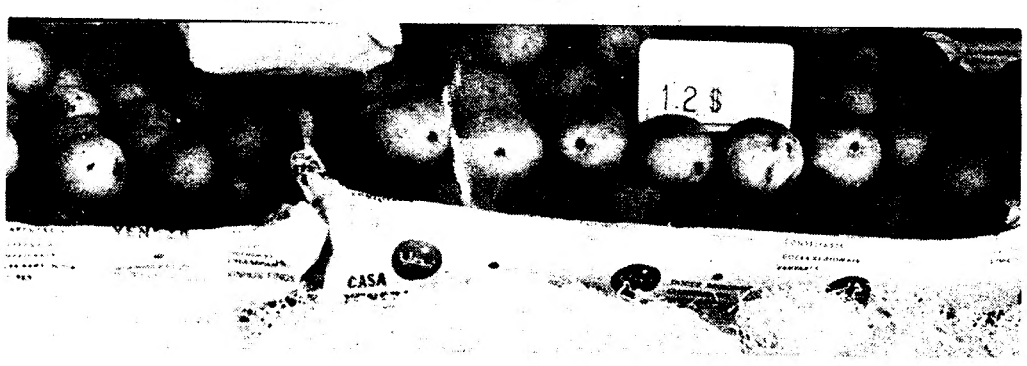
Serviço Telefónico Interurbano Automático para o Algarve

Os CTT comunicam que no dia 26 do corrente às 0 horas são automatizadas as redes de: LUZ (Tavira) SANTA CATARINA DA FONTE DO BISPO, VILA NOVA DE CACELA e TAVIRA.

Por esse motivo os assinantes de LISBOA, (TLP) e dos grupos de redes de ARGANIL, AVEIRO, BEJA, CALDAS DA RAINHA, COIMBRA, FARO, FIGUEIRA DA FOZ, MEALHADA, POMBAL, PORTIMÃO, SEIA, SETÚBAL, TORRES VEDRAS, VILA FRANCA DE XIRA e VISEU com acesso ao SERVIÇO TELEFÓNICO INTERURBANO AUTOMÁTICO, passam a obter directamente os assinantes daquelas redes, marcando para o efeito os indicativos abaixo indicados

Da zona de Lisboa (TLP) 0081

Dos restantes 081



A FRUTA QUE (NÃO) TEMOS

Carta de um pomicultor

Feliz ou infelizmente, não temos a dita nem a desdita de o conhecer Senhor A. P. da S.. Todavia, ao lermos o seu escrito de 18 deste mês no DL/Mesa-Redonda alguma coisa nos parece termos ficado a saber de si:

— **Não é produtor de fruta!**

— **Não procura estudar sempre os assuntos quando escreve!**

— **Mas procura fazer «sensação» com coisas mais sérias do que lhe parece!**

Se o Senhor A. P. da S. fosse fruticultor, saberia que na sua vida inteira, como tal, não teria tempo de fazer mais do que 30 ou 40 colheitas (uma apenas por cada ano útil de vida) as maçãs não se fundem em cadinhos, nem se moldam a balancé;

Saberia que teria de podar, empar, lavrar, estrumar, adubar, regar, tratar com os mais diversos produtos, colher, conservar e enviar aos mercados;

Saberia que, no decorrer do ano, estaria sujeito em todo o tempo às mais diversas condições climáticas (geada, granizo, seca, chuva a destempo, golpes de sol, rajadas de vento etc.).

Mas teria de saber antes disso tudo que, para ter fruteiras, é preciso dispor de terra, plantá-la e esperar que as plantas entrem em produção; que é preciso aprender, ganhar **ciência** dos seus «métodos internacionais de produção» (e a ciência paga-se — o senhor também cobra com certeza pela sua ciência de jornalista).

Pois bem, o Senhor A.P. da S. mostra desconhecer ou procura intencionalmente desconhecer tudo isso!

Quando o senhor à procura de «sensação» faz acompanhar o seu escrito daquela fotografia com fruta exposta a 10$00 e 24$00, esqueceu-se que as pedras do passeio onde ela está exposta não dão «terra» do pomareiro. Esta fruta para chegar aí já teria passado por diversas outras mãos, que não apenas as do produtor, e depois de ter passado também por um mercado abastecedor onde recebeu um «ónus» não inferior a 1$00 por quilo, estava nessa altura na posse de quem **num só dia ou até em poucas horas** poderia legalmente acrescentar-lhe no preço mais 30 por cento com os «arredondamentos» possíveis. Isso não viu nem referiu o Senhor A. P. da S.. Será porque não o sabe ou não o quis saber?

Aquelas maçãs que o senhor tem ali marcadas a 24$00 o quilo talvez não tenham rendido ao pomicultor, depois de apanhadas, mais do que 4 ou 5 escudos. Por conseguinte, se o pomicultor as tivesse **dado dadas** ainda o Senhor A. P da S., mesmo assim, as teria de pagar a 19 ou 20 escudos, o que possivelmente não etaria grande mal para si, pois já não iria engrossar os dividendos dos tais burlões da «melhoria do nível da alimentação do português».

Como consumidor, quando o Senhor paga uma média de 100 escudos diários pela renda da casa; quando paga 60 ou 100 por um bilhete de tourada ou de futebol, que sustenta «especialistas» de milhares de contos; quando compra uma jóia; quando se transporta nos seus lazeres e afazeres ou mesmo quand bebe a sua cerveja ou toma a sua bica, nenhum desses gastos terá para si tanta importância, nem o preocupará tanto quanto os malfadados 4 ou 5 escudos por quilo de fruta que possam vir parar ao nosso bolso. Bem mais assisados nos pareceram entrevistados da mesma Mesa - Redonda.

Como contribuinte, não me lembra de o ter visto queixar-se de que se tenha gasto mais dinheiro do erário (que é de todos nós) em estádios de futebol do que em estações fruteiras. Talvez porque o futebol movimente, no seu todo, mais dinheiro do que a produção frutícola do País, o que redundará em aumento do produto bruto nacional.

No entanto o Senhor A. P. da S. sabe que a França poderia «inundar os nossos mercados com fruta de boa qualidade e a preços assombrosamente baixos»; mas esquece que esses preços não são os preços do seu mercado — **são preços das suas sobras**; esquece também que eles produzem lá as suas máquinas — nós importamo-las por bom dinheiro e pagamos direitos por elas; esquece ainda que eles produzem lá os pesticidas — nós importamo-los e pagamos direitos por eles; esquece por fim que eles têm lá combustíveis mais baratos, frio mais barato, energia mais barata etc. etc...

Mas, senhor A.P. da S., se assim acha desejável para provisão de vitaminas, importe de França toda a fruta, deixe que os nossos homens emigrem todos para lá e pague-a com as migalhas que eles de lá lhe enviarem como sobra da riqueza levada à França e que aqui se despreza.

Assim não será preciso o «erário público (que é de todos nós) subsidiar pseudo-cooperativas ou financiar instalações modernas que vão beneficiar algumas dezenas de produtores à custa de preços especulativos». Saiba senhor A. P. da S. que nada do erário público comemos que lhe pertença — nesse ponto fique descansado. Tudo o que recebemos o pagamos e bem pago. Tivessemos nós outro acesso ao crédito e o seu erário ficaria sossegado.

Voltando atrás, diremos quek não percebemos ja confusão que o senhor faz entre cooperativas e organismos corporativos, para mais adiante dizer que se beneficiam algumas dezenas de produtores deixando de fora centenas de outros muito mais necessitados de apoio e orientação. Erra e erra porque, se nem todos se organizam em cooperativas — o que lhes é facultativo — todos pertencem e tem de pertencer à organização corporativa que é da orgânica da Nação.

Agora, senhor A.P. da S. consinta-nos, por favor, uma pergunta: Onde é que o senhor viu essa «inutilização sistemática» nos pomares e nos armazéns dos lavradores? Não estará a ir longe de mais?

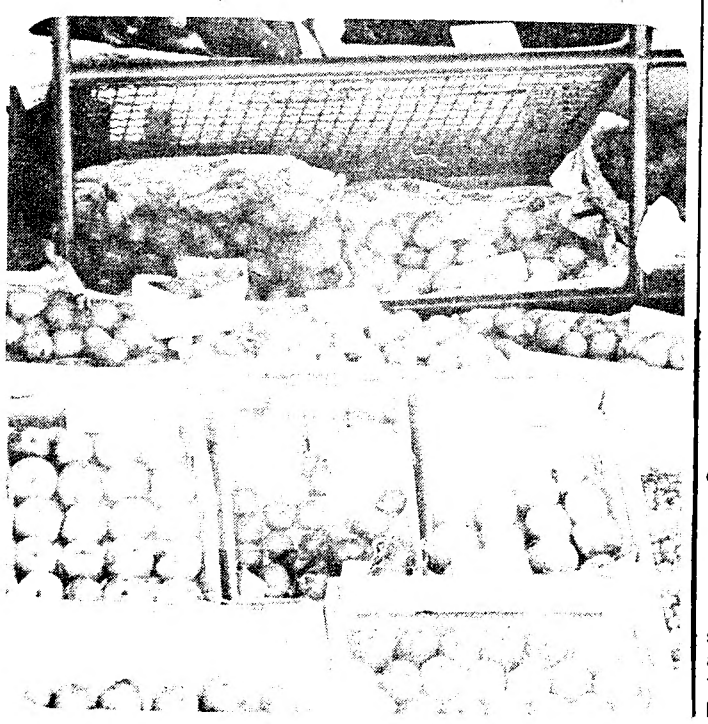
Perdoe-nos o tom desta nossa carta e creia que temos o máximo respeito pela opinião e pela palavra de cada um, desde que seja boa a intenção.

Que se nos diga que ainda não comemos tanta fruta e tão boa quanto é preciso, é certo e está bem que se afirme; agora, que se diga que se está «a burlar inteiramente o desejo apregoado de melhorar o nível da alimentação do povo português» para «obrigar o povo pagante a garantir dividendos a uma economia agrícola errada de base» isso é simplesmente afrontoso e condenável!

Num esforço de boa vontade pedimos-lhe que venha para cá endireitar a nossa economia agrícola, que nos traga a sua ajuda e o seu conselho e escreva depois! E o menos que por hoje podemos pedir-lhe.

Alcobaça, 20 de Agosto de 1972

Manuel Nogueira Silvestre



Crise da Imprensa Francesa

Continuação da primeira página

proposta: o Governo da «Quinta» tomaria todas as providências necessárias para pôr termo a uma tal situação, que ignorava fosse tão grave. Uma comissão (mais uma!, repetiu-se nas redacções) seria nomeada imediatamente e aplicaria as medidas indispensáveis: um bálsamo sobre as chagas mais vivas, para acalmar os espíritos mais agitados. A Imprensa poderia pois continuar o seu honesto labor enquanto o presidente se ofereceria um tempo de reflexão, indispensável a todo o homem de Estado colocado em face da História.

Ora a crise, se só hoje transpira para fora das redacções, há muito que é conhecida destas e das administrações respectivas. Não por causa da concorrência televisiva, incapaz de contentar os que se interessam realmente por uma informação completa e objectiva que os orgãos audiovisuais, por razões diversas mas todas convergentes, não podem oferecer-lhes. O problema, a crise tem as suas origens profundas numa Imprensa de monopólios cada vez mais vastos (Grupos Del Duca, Hachette Prouvost, Dassault, Boussac) cuja orientação essencial é a do esmagamento progressivo da Imprensa de opinião, independente. A crise é nada mais nada menos do que o resultado das pressões exercidas por uma Imprensa rica (favorecida por uma publicidade abundante) sobre uma imprensa pobre que não enjeita as suas opiniões e recusa enfeudar-se mesmo estendida no seu leito de agonia.

Nos últimos seis meses, a situação da Imprensa francesa agravou-se mais do que as primeiras previsões o tinham deixado supor.

E a política fiscal da V.ª República não é, de maneira nenhuma, alheia à progressão destas dificuldades. Não só pela forma como as prerrogativas fiscais são consentidas, como também pela orientação dada às estruturas de subvenção sobre o papel. Com efeito, e no respeito do sistema actualmente em vigor (baseado sobre a importância das tiragens), as maiores subvenções vão aos jornais menos necessitados. O que tende, inexoràvelmente, à extinção dos periódicos mais pobres, de menos tiragem e, por consequência, difusora de uma publicidade insignificante.

A reforma ideal deveria preocupar-se com:

1.º — liberdade do preço de venda;

2.º — rever a função social da Imprensa;

3.º — preocupação efectiva das necessidades reais de cada jornal.

Mas para uma solução imediata e eficaz da crise da Imprensa, parece-nos urgente ums redefinição do papel sociológico da Imprensa, parece-nos urgente uma redefinição do papel sociológico do jornalismo contemporâneo. O que é a Imprensa? Uma empresa como as outras, lançada na «corrida do lucro» ou, ao contrário, um serviço de utilidade pública?

Tanto no primeiro como no segundo casos, uma Imprensa acessível a todos parece impor-se, já que o baixo custo do jornal seria a garantia da sua própria sobrevivência e da das suas ideias. Um auxílio do Estado se revela, em consequência, indispensável, quer através de novas prerrogativas fiscais (tarifas postais, subvenção sobre o papel, **offset** inclusive, supressão da taxa sobre os salários, etc.), quer através de uma selecção e limitação rigorosas da publicidade pelos canais de televisão (organismo beneficiário de uma taxa anual em oposição com os estatutos, o pagamento da taxa aparecendo como incompatível com a prospecção publicitária).

Revisto o programa da competência do Estado, teria necessàriamente de se abordar o das agências distribuidoras. O sistema das N. M. P. P. (Nouvelles Messageries de la Presse Parisienne) carece, com efeito, de uma revisão radical. Sob a alçada do **trust** Hachette (proprietária de todos os quiosques parisienses e provincianos, assim como de todos os **stands** instalados nas estações do metropolitano e gares dos caminhos-de-ferro), as **Messageries** não podem, de maneira nenhuma, assegurar uma independência de distribuição. O seu império é tão grande e poderoso que elas podem perfeitamente recusar a distribuição de um periódico que se vê, desta forma, condenado a desaparecer da circulação sob o anátema do **trust** todo poderoso.

Assim e uma vez mais a descentralização parece impor-se.

Mas mais graves são, porventura, as dificuldades que a própria Imprensa tem mostrado na elaboração e na imposição de um estatuto profissional capaz de garantir a sua independência e de assegurar a sua sobrevivência. Posto de parte o caso específico da sociedade de redactores do **Monde** (forçado, há dois anos, a rever os seus princípios fundamentais e a submeter-se a uma maior profusão publicitária), a Imprensa francesa ou vive de-safogada... ou vai morrendo, por falta de oxigénio.

A par desta situação, a produção anual de revistas para adolescentes (grupo Bayard-Presse e **assimilados**) aumenta sem estorvos aparentes. Leitura predilecta da dactilógrafa e da empregada de balcão, esta **Imprensa** medíocre faz parte da biblioteca-de-transporte especializada da novela ilustrada e na passagem a pente fino da vida íntima (e sensaborona) das vedetas televisivas. Assim, a radiografia deste enorme **corpo 8** não surpreende ninguém, embora inquiete alguns:

Excepções feitas do **Canard Enchaine** e do **Charlie-Hebdo** (sucessor do extinto **Hara-Kiri-Hebdo**, proibido aos menores e, por consequência, esmagado pela recusa de distribuição das N. M. P. P.), que não inserem qualquer publicidade nas suas colunas, toda a Imprensa francesa vive (ou sobrevive) exclusivamente de publicidade, loba dos tempos modernos. Exemplos eloquentes desta situação de dependência:

Há dois anos, o **Monde** obtinha 40 por cento das receitas provenientes da publicidade e 60 por cento das vendas, e o **Nouvel Observateur** 60 por cento das vendas contra 32 por cento da publicidade.

O futuro da Imprensa francesa, e particularmente da Imprensa de opinião, parece definitivamente comprometido se as autoridades governamentais não encurtam o tempo de reflexão que se propuseram.

ALCIDES DE CAMPOS

QUADRO ESTATÍSTICO ACTUALIZADO

PARIS

DIÁRIOS

«France-Soir»	870.00
«Le Parisien Libéré»	600 000
«Le Figaro»	430.000
«Le Monde»	365.000
«L'Aurore»	300.000
«L'Humanité»	160.000
«Combat»	25 000

RENOVAÇÃO

SEMANÁRIOS

«Téle-7Jours»	2.300.000
«Télé-Poche»	1.200.000
«L'Express»	500 000
«Humanité-Dimanche»	350.000
«Nouvel Observateur»	180.000
«Canard Enchaîné»	500000
«Politique-Hebdo»	50.000
«Tremoignage Chrétien»	35.000

PROVINCIA

DIÁRIOS

«Quest-France»	600000
«Progres de Lyon»	450 000
«Voix du Nord»	380.000
«Dauphiné Libéré»	370.000
«Dauphiné Dimanche»	385.000
«Le Provençal»	295.000

Diversos extrema-esquerda (Paris e província): 250 a 300.000

Jornais	Receita da Publicidade	Receita das Vendas
«Le Figaro»	80%	20%
«Le Monde»	70%	30%
«L'Express»	72%	28%
«N. Observateur»	60%	40%
«Humanité-Dimanche»	50%	50%